

A FILHA

MARY
WESTMACOTT
(AGATHA CHRISTIE)





A FILHA

Ela era uma mulher tranqüila Gostava das coisas simples da vida — a luz suave de uma lareira e as noites passadas em casa. Uma tranqüila viúva, dedicada unicamente à sua filha.

Até que passou a fazer parte de um sofisticado grupo, indo de festa em festa, fazendo coisas que outrora consideraria inadmissíveis, jamais pensando nas conseqüências.

Por que teria mudado? E o que aconteceria à sua sensível e jovem filha?

PEQUENA COLEÇÃO AGATHA CHRISTE

AGATHA CHRISTIE

escrevendo sob o nome

Mary Westmacott

A FILHA

Tradução de

CARMEN VERA CIRNE LIMA

EDITORA
NOVA
FRONTEIRA



<http://groups-beta.google.com/group/digitalsource>

Título original em inglês
A DAUGHTER'S A DAUGHTER

© 1952 by Agatha Christie

Direitos adquiridos somente para o Brasil pela
EDITORA NOVA FRONTEIRA S.A.
Rua Barão de Itambi, 28 — Botafogo — ZC-01 — Tel.: 266.7474
Endereço telegráfico: NEOFRONT
Rio de Janeiro

Proibida a exportação para Portugal ou províncias ultramarinas e países africanos
de língua portuguesa

Capa
SÉRGIO MATTA

Revisão
ÁLVARO TAVARES NILDON FERREIRA

Diagramação
ANTONIO HERRANZ

FICHA CATALOGRÁFICA

(Preparada pelo Centro de Catalogação-na-fonte
do Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ)

C479f Christie, Agatha, 1891-1976.
A Filha; tradução de Carmen Vera Cirne Lima.
Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1976.
220p. 21cm (Agatha Christie)

Do original em inglês: A daughter's a daughter.

1. Romance inglês. I. Título. II. Série.

76-0065

CDD-823.0872

CDU-820-312.4

LIVRO
UM

Capítulo I

1

ANN PRENTICE ficou acenando, parada na plataforma da Estação Vitória.

O trem pôs-se em marcha com uma série de arrancos decididos, a cabeça escura de Sarah desapareceu, e Ann voltou-se e caminhou vagarosamente pela plataforma em direção à saída.

Foi tomada por aquelas sensações estranhamente confusas que às vezes nos assaltam ao nos despedirmos de alguém muito querido.

Querida Sarah — como sentiria falta dela... É claro que seria apenas por três semanas... Mas o apartamento ia parecer tão vazio... Só ela e Edith, duas insípidas mulheres de meia-idade...

Sarah era animada, tão viva, tão positiva acerca de tudo... E, no entanto, ainda um bebê tão adorável de cabelos negros...

Que horror! Que maneira de pensar! Como isso deixaria Sarah tremendamente irritada! A única coisa que Sarah e todas as outras garotas da idade dela pareciam fazer questão era de uma atitude de displicente indiferença por parte dos pais. “Não *exagere*, Mamãe”, diziam insistentemente.

Aceitavam, é claro, tributos em espécie: que levassem suas roupas à lavanderia, fossem buscá-las e geralmente pagassem por elas; que dessem telefonemas difíceis (“Se *você* telefonar a Carol será *tão* mais fácil, Mamãe”); que limpassem a constante desordem (“Querida, eu tinha intenção de dar um jeito nas minhas coisas, mas tenho que sair simplesmente *voando*”).

“Agora, quando eu era moça”, refletiu Ann.

Seus pensamentos retrocederam. Sua casa fora antiquada. A mãe tinha mais de quarenta anos quando ela nasceu, o pai era ainda mais velho, tinha quinze ou dezesseis anos mais que a esposa. A casa era administrada da maneira que o pai gostava.

O carinho que existia fora sempre claramente demonstrado: “Essa é minha menininha querida”; “Mimosa do papai”; “Posso lhe ajudar em alguma coisa, Mamãe querida?”.

Arrumar a casa, levar pequenos recados, pagar contas, redigir convites e cuidar da correspondência social, tudo isso era tarefa de Ann, que ela aceitava como obrigação. As filhas existiam para servir aos pais — não o inverso.

Ao passar perto da banca de livros, Ann de repente perguntou a si mesma: “Qual será o melhor?”

Surpreendentemente, não parecia uma pergunta fácil de responder.

Passando os olhos pelas publicações expostas (alguma coisa para ler esta noite, diante do fogo), chegou à inesperada conclusão de que aquilo realmente não tinha importância. Era tudo convenção, nada mais que isso. Como usar gíria. Numa determinada época a gente dizia que as coisas eram “o máximo”, ou então que eram “divinas”, depois que eram “maravilhosas”, e que “não se podia estar mais de acordo”, e que se era “louco” por isto, aquilo e mais aquilo.

Os filhos serviam aos pais, ou os pais serviam aos filhos — isso não fazia diferença na relação básica vital entre as pessoas. Ann acreditava que entre ela e Sarah havia um amor profundo e verdadeiro. Entre ela e sua própria mãe? Recordando, pensou que sob a aparente ternura e afeição houvera, na verdade, aquela indiferença afável e displicente que era moda adotar hoje em dia.

Sorrindo consigo mesma, Ann comprou um livro de bolso, que lembrava ter lido e apreciado alguns anos antes. Talvez pudesse parecer um pouco sentimental agora, mas isso não tinha importância, uma vez que Sarah não estaria ali...

Ann pensou: “Vou sentir falta dela — claro que vou — mas vai ser um bocado *tranquilo*...”

E pensou: “Será também um descanso para Edith. Ela se aborrece quando estão sempre mudando os planos e alterando o horário das refeições”.

Porque Sarah e seus amigos estavam permanentemente numa maré de ir e vir e telefonar, mudando de planos: “Mamãe querida, podemos comer mais cedo? Queremos ir ao cinema”. “É você, Mamãe? Telefonei para avisar que não vou estar em casa para o almoço, afinal”.

Para Edith, aquela fiel servidora há mais de vinte anos, trabalhando agora três vezes mais do que se esperara dela no início, tais interrupções da vida normal eram

extremamente irritantes.

Como dizia Sarah, Edith seguidamente ficava azeda.

Não que Sarah não soubesse levar Edith, e sempre que quisesse. Edith podia rezingar e resmungar, mas adorava Sarah.

Seria tudo muito silencioso, sozinha com Edith. Tranquilo — mas silencioso demais... Uma estranha sensação de frio fez Ann estremecer... Pensou: “Nada além do silêncio, agora”. Silêncio, avançando pelas veredas da velhice até chegar à morte. Nada mais a esperar.

“Mas o que quero, afinal?” perguntou a si mesma. “Tive tudo. Amor e felicidade com Patrick. Uma filha. Tive tudo que quis da vida. Agora... acabou. Agora Sarah vai continuar onde eu parei. Vai casar, ter filhos. Serei avó.”

Sorriu. Gostaria de ser avó. Imaginou crianças espertas e bonitas, filhos de Sarah. Garotinhos travessos, com o cabelo preto e rebelde da mãe, meninas rechonchudas. Leria para eles... contaria histórias...

A idéia a fez sorrir — mas a sensação de frio persistia . Se ao menos Patrick ainda vivesse... A mágoa antiga e rebelde despertou. Fora há tanto tempo (Sarah tinha apenas três anos), tanto tempo, que a perda e a agonia tinham cicatrizado. Podia pensar em Patrick com ternura, sem angústia. O marido jovem e impetuoso que ela tanto amara, tão longe agora — longe, no passado.

Mas hoje a revolta despertou outra vez. Se Patrick ainda estivesse vivo, Sarah sairia de perto deles — para a Suíça, praticar esportes de inverno, para um marido e um lar no devido tempo — e ela e Patrick estariam ali juntos, mais velhos, mais tranquilos, mas partilhando a vida, com seus altos e baixos. Não estaria sozinha...

Ann Prentice saiu para o pátio apinhado da estação. Pensou consigo: “Que sinistros parecem todos esses ônibus vermelhos — formados em linha como monstros à espera de comida”. Era fantástico como pareciam ter vida própria — uma vida que era, talvez, hostil ao seu criador, o Homem. Que mundo atarefado, barulhento, era esse — todos indo e vindo, correndo, apressando-se, falando, rindo, reclamando, um mundo de encontros e despedidas.

E de repente, mais uma vez, sentiu aquela dor aguda de solidão.

Pensou: “Era hora de Sarah se afastar; estou ficando por demais dependente dela. E talvez a esteja tornando dependente demais de *mim*. Não devo fazer isso. Não devemos agarrar-nos aos jovens, impedi-los de levar suas próprias vidas. Isso

seria cruel — realmente cruel.”

Devia eclipsar-se, manter-se bem ao fundo, encorajar Sarah a fazer seus próprios planos, seus próprios amigos.

E então sorriu, porque na verdade não havia necessidade alguma de encorajar Sarah. Sarah tinha montes de amigos e estava sempre fazendo planos, correndo de um lugar para outro com a máxima segurança e alegria. Adorava a mãe, mas a tratava com amável condescendência, como alguém incapaz de compreender e participar devido à idade avançada.

Como quarenta e um anos pareciam a Sarah uma idade avançada — enquanto para Ann era um verdadeiro esforço pensar em si mesma como uma mulher de meia-idade. Não que ela tentasse fazer o tempo parar. Quase não usava pintura, e suas roupas ainda tinham o ar levemente provinciano de uma jovem senhora em visita à cidade: simples casacos e saias, e um fiozinho de pérolas verdadeiras. Ann suspirou.

—Não sei por que estou tão tola — disse a si mesma em voz alta. — Acho que foi a despedida de Sarah.

O que diziam os franceses? *Partir, c'est mourir un peu...*

Sim, era verdade... Sarah, arrebatada por aquele trem majestoso e arquejante, estava, no momento, morta para sua mãe. “E eu para ela”, pensou Ann. “Uma coisa curiosa, a distância. Separação no espaço...”

Sarah vivendo uma vida. Ela, Ann, vivendo outra... Sua própria vida.

Uma sensação ligeiramente agradável substituiu a angústia que sentira anteriormente. Agora poderia escolher quando levantar, o que fazer... poderia planejar seu dia. Poderia ir cedo para a cama, com o jantar numa bandeja, ou ir a um teatro, ou um cinema. Ou tomar um trem para o campo e sair a passear... caminhando pela mata sem folhas, com o céu azul aparecendo por entre o intrincado desenho dos galhos.

Naturalmente, ela podia fazer todas essas coisas a qualquer hora que quisesse. Mas quando duas pessoas vivem juntas, há uma tendência para que uma vida molde a outra. Ann divertira-se bastante, indiretamente, com as animadas idas e vindas de Sarah.

Sem dúvida era muito divertido ser mãe. Era como repetir a própria vida, sem muitas das agonias da juventude. Uma vez que se sabia como certas coisas tinham

pouca importância, era possível sorrir com indulgência frente às crises que surgiam.

—Mas francamente, Mamãe — diria Sarah com veemência, — é tremendamente sério, não deve achar graça. Nádia acha que todo seu futuro está em jogo!

Mas, aos quarenta e um, a gente já aprendeu que muito raramente todo o futuro está em jogo. Que a vida é muito mais elástica e resiliente do que se pensara um dia.

Quando serviu numa ambulância, durante a guerra, Ann percebeu pela primeira vez como as pequenas coisas eram importantes. As pequenas invejas e ciúmes, os pequenos prazeres, a fricção de um colarinho, uma frieira dentro de um sapato apertado — tudo isso parecia muito mais importante no momento do que o fato iminente de que se podia ser morto a qualquer instante. Esse pensamento deveria ser grave e esmagador, mas na realidade as pessoas se acostumavam rapidamente a ele — e as pequenas coisas cresciam de importância, talvez exageradas só porque, no fundo, havia a idéia de restar muito pouco tempo. Aprendeu também alguma coisa sobre curiosas inconsistências da natureza humana, de como era difícil classificar as pessoas como “boas” ou “más”, como se vira inclinada a fazer nos seus dias de dogmatismo juvenil. Tinha visto pessoas demonstrarem inacreditável coragem ao socorrer uma vítima, e depois se rebaixarem a roubar uma ninharia daquele que acabavam de salvar. Na verdade, as pessoas tinham várias facetas.

Enquanto hesitava, de pé no meio-fio, a buzina estridente de um táxi trouxe Ann de volta a considerações mais práticas, fazendo-a abandonar as reflexões abstratas. O que deveria fazer agora, neste momento? Naquela manhã não pensara em nada além de assistir à partida de Sarah.

Hoje à noite sairia para jantar com James Grant. Querido James, sempre tão bom e atencioso. “Você vai se sentir um pouco deprimida com a ausência de Sarah. Vamos sair e festejar.” Realmente, era muita bondade de James. Bem o tipo de coisa que faria Sarah rir e chamá-lo de “O seu namorado *pukka Sahib*, querida”. James era uma ótima pessoa. Podia ser às vezes um pouco difícil manter a atenção quando contava uma de suas histórias muito compridas e confusas, mas ele tinha tanto prazer em contá-las, e afinal de contas, se a gente conhece alguém há vinte e cinco anos, o mínimo que se pode fazer é escutá-lo amavelmente.

Ann olhou o relógio. Poderia ir até às lojas Army and Navy. Edith estava querendo algumas coisas para a cozinha. Essa decisão resolveu seu problema imediato. Mas durante todo o tempo em que examinou caçarolas e perguntou preços (realmente fantásticos, agora!), esteve consciente daquele estranho pânico frio no fundo de sua mente.

Afinal, num impulso, entrou numa cabine telefônica e discou um número.

— Posso falar com *Dame*¹ Laura Whitstable, por favor?

¹ *Dame* — titular feminina da Ordem do Império Britânico, correspondente a *Knight* (anteposto ao nome próprio, corresponde a *Sir*) (N. do T.)

— Quem fala?

— A Sra. Prentice.

— Só um momento, Sra. Prentice.

Houve uma pausa, e então uma voz profunda, ressonante, falou:

— Ann?

— Oh, Laura, sei que não devia telefonar a esta hora do dia, mas acabo de me despedir de Sarah, e pensei se você estaria terrivelmente ocupada hoje...

A voz disse, em tom decidido:

— É melhor almoçar comigo. Pão de centeio e coalhada. Serve?

— Qualquer coisa serve. Você é um anjo.

— Estarei esperando. A uma e um quarto.

2

Faltava um minuto para a uma e quinze quando Ann pagou o táxi, na Rua Harley, e tocou a campainha.

O eficiente Harknesse abriu a porta, acolheu-a com um sorriso, e disse:

— Queira subir, Sra. Prentice. *Dame* Laura talvez ainda demore alguns minutos.

Ann subiu agilmente as escadas. A sala de jantar da casa era agora uma sala de espera, e o andar de cima fora convertido num confortável apartamento. Na sala de estar havia uma mesinha, posta para uma refeição. A peça em si parecia muito mais pertencer a um homem do que a uma mulher: poltronas grandes e confortáveis, uma profusão de livros, alguns dos quais empilhados nas cadeiras, e

coloridas cortinas de veludo de boa qualidade.

Ann não precisou esperar muito. *Dame* Laura, sua voz a precedê-la nas escadas como um fagote triunfante, entrou na sala e beijou afetuosamente a convidada.

Dame Laura Whitstable era uma mulher de sessenta e quatro anos. Tinha em torno dela a aura que envolve a realeza, ou conhecidas figuras públicas. Tudo nela era um pouco maior do que o normal: a voz, o busto firme como uma plataforma, as massas empilhadas de cabelo cinza escuro, o nariz que mais parecia um bico.

— Que prazer vê-la, minha querida criança — disse com estrondo. — Está muito bonita, Ann. Vejo que comprou um ramo de violetas. Soube escolher. É a flor com que você mais se parece.

— A tímida violeta? Francamente, Laura.

— Doçura de outono, bem escondida pelas folhas.

— Não parece coisa sua, Laura. Você é sempre tão rude.

— Descobri que compensa, mas às vezes é um esforço e tanto. Vamos comer logo. Basset, onde está Basset? Ah, cá está. Vai gostar de saber que há um filé de peixe para você, Ann. E um copo de vinho branco.

— Oh, Laura, você não devia. Coalhada e pão de centeio seriam mais que suficientes.

— Só há coalhada que chegue para mim. Vamos, sente. Então Sarah foi para a Suíça? Por quanto tempo?

— Três semanas.

— Que bom.

A angulosa Basset deixara a sala. Bebericando seu copo de coalhada com toda aparência de satisfação, *Dame* Laura disse judiciosamente:

— E você vai sentir falta dela. Mas não me telefonou nem veio aqui para me dizer isso. Vamos, Ann, diga-me. Não temos muito tempo. Sei que me aprecia, mas quando as pessoas telefonam e querem minha companhia dentro de um prazo mínimo, geralmente a atração é minha superior sabedoria.

— Sinto-me horrivelmente culpada — disse Ann em tom de desculpa.

— Bobagem, minha cara. Na verdade, é quase um elogio.

Ann disse apressadamente:

— Laura, sou uma perfeita idiota, sei disso! Mas fiquei numa espécie de

pânico. Lá na Estação Vitória, com todos aqueles ônibus! Senti-me tão... senti-me tão terrivelmente só!

— Si... sim, eu entendo.

— Não era só que Sarah ia embora e eu ia sentir falta dela. Era mais que isso...

Laura Whitstable inclinou a cabeça, enquanto seus astutos olhos cinzentos observavam calmamente Ann.

Ann falou vagorosamente:

— Porque, afinal, na verdade a gente está sempre só...

— Ah, então descobriu isso? A gente descobre, mais cedo ou mais tarde. Curiosamente, é sempre um choque. Que idade você tem, Ann? Quarenta e um? Uma idade muito boa para fazer sua descoberta. Se a gente deixa para muito tarde, pode ser devastador. Se descobre cedo demais, precisa-se de um bocado de coragem para aceitar.

— Você alguma vez já se sentiu realmente sozinha, Laura? — perguntou Ann, curiosa.

— Oh, sim. Aconteceu quando eu tinha vinte e seis anos... foi até em meio a uma reunião familiar das mais cordiais. Fiquei surpresa e assustada... mas aceitei. Nunca negue a verdade. É preciso aceitar o fato de que temos apenas um companheiro neste mundo, um companheiro que nos segue do berço à sepultura: nós mesmos. Mantenha boas relações com esse companheiro... *aprenda a viver consigo mesma*. Essa é a resposta. Nem sempre é fácil.

Ann suspirou.

— A vida pareceu absolutamente sem sentido... estou lhe contando tudo, Laura... nada mais que anos vazios até perder de vista. Oh, acho que não passo de uma mulher tola e inútil...

— Ora, ora, conserve o bom-senso. Você fez um trabalho muito bom, eficiente e nada espetacular durante a guerra; educou Sarah, ensinando-lhe boas maneiras e como aproveitar a vida; e você mesma, a seu modo tranqüilo, goza a vida. Isso tudo é muito satisfatório. De fato, se você viesse ao meu consultório, eu a mandaria embora sem nem ao menos cobrar a consulta... e eu sou uma velha gananciosa.

— Laura, querida, você é muito animadora. Mas penso que, na verdade,

eu me preocupo demais com Sarah.

— Bobagem!

— Tenho sempre tanto medo de me tornar uma dessas mães possessivas, que positivamente devoram os filhos!

Laura Whitstable disse secamente:

— Falam tanto em mães possessivas, que algumas mulheres têm medo de mostrar uma afeição normal pelos filhos!

— Mas ser possessiva é um mal!

— Claro que é. Eu encontro isso todos os dias. Mães que conservam os filhos amarrados às tiras do avental, pais que monopolizam as filhas. Mas nem sempre é inteiramente culpa deles. Certa vez tive um ninho de passarinhos em meu quarto, Ann. No devido tempo as avezinhas deixaram o ninho, mas havia uma que não queria ir. Queria ficar, queria ser alimentada, recusava-se a encarar o momento de se atirar da bordado ninho. Isso perturbava muito a mãe-pássaro. Ela mostrava ao filho, descia voando da borda várias vezes, gorjeava, batia as asas. Finalmente, deixou de alimentá-lo. Trazia comida no bico, mas ficava a chamá-lo do outro lado do quarto. Bem, há seres humanos assim. Crianças que não querem crescer, que não querem encarar as dificuldades da vida adulta. Não é pela educação. *São elas mesmas.*

Fez uma pausa antes de continuar:

— Há o desejo de ser possuído, assim como o desejo de possuir. É um caso de amadurecimento tardio? Ou alguma falta de elementos essenciais à maturidade? Ainda sabemos muito pouco sobre a personalidade humana.

— De qualquer modo — disse Ann, nem um pouco interessada em generalidades, — você não acha que sou uma mãe possessiva?

— Sempre pensei que você e Sarah tivessem um relacionamento muito satisfatório. Eu diria que há um profundo amor natural entre vocês duas. — Acrescentou pensativamente: — Claro que Sarah é infantil para a idade que tem.

— Sempre pensei que fosse madura para a idade.

— Eu não diria isso. Ela me parece ter mentalidade inferior a dezenove anos.

— Mas é muito positiva, muito segura. E bastante sofisticada. Cheia de idéias próprias.

— Cheia de idéias correntes, você quer dizer. Vai se passar muito tempo antes que tenha idéias *realmente* suas. E todas essas jovens criaturas hoje em dia parecem positivas. É porque precisam de reafirmação. Vivemos numa época de incertezas; tudo é instável, e os jovens sentem isso. É aí que começa metade do problema, hoje em dia. Falta de estabilidade; lares despedaçados; falta de padrões morais. Você sabe que uma planta nova precisa ser amarrada a uma estaca boa e firme.

Riu subitamente.

— Como todas as velhas, embora sendo ilustre, eu faço sermões. — Esvaziou o copo de coalhada. — Sabe por que eu bebo isto?

— Porque é saudável?

— Bah! Eu gosto. Sempre gostei, depois de passar férias numa fazenda. A outra razão é “para ser diferente”. A gente faz pose. Todos nós fazemos. Temos que fazê-lo. Eu, mais que a maioria. Mas, graças a Deus, sei que estou fazendo isso. Mas agora vamos ao seu caso, Ann. Não há nada de errado com você. Está só no seu segundo fôlego, nada mais que isso.

— O que quer dizer com segundo fôlego, Laura? Não se refere... — hesitou.

— Não me refiro a nada físico. Estou falando em termos mentais. As mulheres têm sorte, embora noventa e nove dentre cem não saibam disso. Com que idade Sta. Teresa se dispôs a reformar os conventos? Aos cinqüenta. E eu poderia citar inúmeros outros casos. Dos vinte aos quarenta anos as mulheres estão biologicamente absorvidas... e isso se justifica. Sua preocupação é com crianças, maridos, amantes... com relações pessoais. Ou sublimam essas coisas e se lançam a uma carreira, de maneira emocional e feminina. Mas a segunda florescência natural é a da mente e do espírito, e acontece na meia-idade. As mulheres se interessam mais por coisas impessoais quando ficam mais velhas. Os interesses dos homens se tornam cada vez mais limitados, os das mulheres cada vez mais amplos. Um homem de sessenta anos habitualmente se repete como um disco de gramofone. Uma mulher de sessenta anos, se tiver algum resquício que seja de individualidade, é uma pessoa interessante. .

Ann pensou em James Grant e sorriu.

— As mulheres buscam algo novo. Oh, também fazem tolices nessa idade.

As vezes se voltam para o sexo. Mas a meia-idade é uma época de grandes possibilidades .

— Como você é animadora, Laura! Pensa que devo começar alguma coisa? Algum tipo de assistência social?

— Até que ponto você ama seus semelhantes? — perguntou Laura Whitstable gravemente. — A ação não tem valor sem o impulso interior. Não faça coisas que não quer fazer, para depois dar pancadinhas nas próprias costas por tê-las feito! Nada, se me é permitido dizer, produz resultados dos mais odiosos. Se você tem prazer em visitar as velhas doentes, ou em levar pirralhos antipáticos e sem modos para a praia, faça isso, pelo amor de Deus! Muita gente sente prazer nisso. Não, Ann, não se force a nenhuma atividade. Lembre-se de que todo solo precisa às vezes descansar. Até agora, a maternidade tem sido sua colheita. Não posso imaginá-la transformada numa reformadora, artista ou expoente do serviço social. Você é uma mulher bastante comum, Ann, mas muito agradável. Espere. Espere tranqüilamente, com fé e esperança, e verá que logo alguma coisa que valha a pena aparecerá para encher a sua vida.

Hesitou antes de continuar:

— Você nunca teve um caso, teve?

Ann enrubesceu.

— Não. — E, tomando coragem: — Você acha... acha que eu deveria?

Dame Laura soltou uma enorme risada, um som explosivo e agudo que fez tremer os copos na mesa.

— Esse modernismo! Na era vitoriana, tínhamos medo do sexo, chegávamos a cobrir até as pernas dos móveis. O sexo era algo que devia ser escondido, empurrado para longe do alcance dos olhos. Um erro, sem dúvida. Mas hoje em dia caímos no extremo oposto, e o sexo é tratado como algo que se pode pedir na farmácia. Uma coisa parecida com sulfa, ou penicilina. Sou procurada por mulheres jovens que me perguntam: “Não seria melhor que eu arranjasse um amante?” “A senhora acha que eu deveria ter um filho?” Como se ir para a cama com um homem fosse um dever sagrado e não um prazer! Você não é uma mulher ardente, Ann. Tem uma grande reserva de afeição e ternura, e embora isso também possa incluir o sexo, ele não é o mais importante para você. Se me pedir para prever seu futuro, eu lhe direi que você tornará a casar, no devido tempo.

— Oh, não! Não creio que pudesse fazer isso.

— Por que então comprou este ramo de violetas e o prendeu no casaco? Você costuma comprar flores para embelezar sua casa, não para se enfeitar. Essas violetas são um símbolo, Ann. Foram compradas por que, lá bem no fundo, você sente que a primavera... sua segunda primavera... está chegando.

— Você quer dizer um veranico de outono...

— Se quiser chamá-lo assim.

— Realmente uma bela idéia, Laura, mas acredite: só comprei as violetas porque a vendedora me pareceu uma mulher gelada e infeliz!

— Isso é o que *you* pensa, mas é apenas a razão superficial. Procure descobrir o verdadeiro motivo, Ann. Aprenda a conhecer a si mesma. Essa é a coisa mais importante da vida: tentar se conhecer. Céus... já passa das duas. Tenho que correr. O que vai fazer esta noite?

— Vou jantar com James Grant.

— O Coronel Grant? Sim, claro. Um bom sujeito — seus olhos brilharam.
— Ele anda atrás de você há muito tempo, Ann.

Ann Prentice riu e corou.

— Oh, é só um hábito.

— Pediu-lhe várias vezes que casasse com ele, não foi?

— Sim, mas não é nada sério. Oh, Laura, acha que... talvez... eu devesse? Afinal, se nós dois somos solitários?

— Ninguém casa porque *deve*, Ann. E lembre-se de que um companheiro errado é pior do que nenhum. Pobre Coronel Grant... não que eu tenha realmente pena dele. Afinal, um homem que vive pedindo a uma mulher que se case com ele e não consegue convencê-la a dizer sim, é porque secretamente deve gostar de se dedicar a causas perdidas. Sem dúvida teria gostado de estar em Dunquerque... embora, na minha opinião, a Carga da Brigada Ligeira fosse ainda mais ao seu gosto. Como nós, ingleses, parecemos gostar de nossos erros e derrotas... e como parecemos sentir vergonha de nossas vitórias!

Capítulo II

1

AO VOLTAR AO APARTAMENTO, Ann foi recebida com uma certa frieza pela fiel Edith.

— Tinha um lindo pedaço de linguado para o seu almoço — falou ela, aparecendo na porta da cozinha. — E um pudim de caramelo.

— Sinto muito. Almocei com *Dame* Laura. Mas telefonei a tempo, avisando que não viria, não telefonei?

— Ainda não tinha cozinhado o linguado — admitiu Edith, relutante. Era uma mulher alta e delgada, com o porte ereto de um granadeiro e uma boca franzida e desaprovadora. — Mas essas mudanças de planos não são coisa que se espere da senhora. Agora, se fosse a Srta. Sarah, eu não me surpreenderia. Depois que ela se foi, encontrei as luvas enfeitadas que ela andava procurando; mas aí já era tarde demais. Estavam enfiadas atrás do sofá.

— Que pena! — disse Ann, pegando as coloridas luvas de tricô. — Ela partiu sem problemas.

— E bem feliz, com certeza.

— Sim, todo o grupo estava muito alegre.

— Talvez não estejam tão alegres na volta. É bem possível que apareçam de muletas.

— Oh, não Edith, não diga isso!

— Esses lugares suíços são perigosos. Quebram os braços e as pernas das pessoas e depois não arrumam direito. A gangrena começa por baixo do gesso, e... acabou-se.

— Bem, esperemos que isso não aconteça a Sarah — disse Ann, já habituada às sombrias previsões de Edith, ditas sempre com considerável deleite.

— Isto aqui não vai ser o mesmo sem a Srta. Sarah — continuou

Edith. — Vamos ficar tão quietas que nem vamos nos reconhecer.

— Você vai poder descansar um pouco, Edith.

— Descansar? Para que vou querer descansar? É melhor a gente se gastar trabalhando do que enferrujando, é o que minha mãe sempre me dizia... e eu sempre segui esse conselho. Agora que a Srta. Sarah está fora, e ela e os amigos não vão ficar entrando e saindo daqui a cada minuto, posso fazer uma boa faxina. A casa bem que está precisando.

— Tenho certeza de que o apartamento está limpíssimo, Edith.

— Isso é o que a senhora pensa. Mas eu sei que não. As cortinas precisam de uma boa sacudida, e uma boa lavada nos lustres e nas lâmpadas não ia fazer mal nenhum. Oh, há mil e uma coisas que precisam ser feitas. — Os olhos de Edith brilhavam de agradável expectativa.

— Arranje alguém para ajudá-la.

— Quem, eu? De jeito nenhum! Gosto das coisas bem feitas, e hoje em dia não há muitas dessas mulheres capazes de trabalhar decentemente. A senhora tem muita coisa bonita aqui, e essas coisas devem continuar bonitas. Com a cozinha, e uma coisa e outra, não posso fazer meu trabalho tão bem quanto deveria.

— Mas você cozinha muito bem, Edith. Sabe disso.

Um leve sorriso de gratidão transformou a costumeira expressão de profunda censura do rosto de Edith.

— Ora, cozinhar — disse ela com jeito brusco. — Isso não é nada, não é o que eu chamo trabalhar de verdade.

Voltando à cozinha, perguntou:

— A que horas vai querer seu chá?

— Agora não. Lá pelas quatro e meia.

— Se eu fosse a senhora, deitava e dormia um pouco. Assim, ficava novinha em folha para esta noite. É melhor aproveitar a calma enquanto durar.

Ann riu. Entrou na sala e deixou que Edith a acomodasse confortavelmente no sofá.

— Você cuida de mim como se eu fosse uma meninazinha, Edith.

— Bem, a senhora não era muito mais que uma criança quando fui trabalhar com sua mãe, e não mudou muito desde então. O Coronel Grant telefonou. Disse para não esquecer que o encontro é às oito horas, no Restaurante

Mogador. Falei que a senhora sabia, mas isso é bem coisa de homem... ficam o tempo todo se preocupando com bobagens. E os militares são os piores.

— Foi muita gentileza dele lembrar que eu poderia me sentir sozinha hoje à noite, e me convidar para sair.

Edith falou judiciosamente:

— Não tenho nada contra o Coronel. Pode ser um pouco maçante, mas é um cavalheiro da melhor espécie. — Fez uma pausa, e acrescentou: — Pensando bem, a senhora poderia arranjar alguém bem pior que o Coronel Grant.

— O que disse, Edith?

Edith encarou-a sem pestanejar.

— Falei que há cavalheiros bem piores... Bem, acho que já não veremos tanto o Sr. Gerry, agora que a Srta. Sarah partiu.

— Você não gosta dele, não é mesmo Edith?

— Ora, gosto e não gosto, se é que me entende. Ele tem um certo encanto, isso não se pode negar. Mas não é do tipo perseverante. A minha sobrinha Marlene casou com um desses. Nunca fica mais de seis meses num emprego. E, aconteça o que acontecer, a culpa nunca é dele.

Edith deixou a sala, e Ann recostou a cabeça nas almofadas e fechou os olhos. Os sons do tráfego chegavam distantes e amortecidos através da janela fechada, num agradável zumbido, como de abelhas distantes. Na mesa perto dela, um vaso de junquinhos amarelos desprendia no ar o seu cheiro doce.

Sentia-se em paz, e feliz. Sentiria falta de Sarah, mas era bastante repousante ficar só por algum tempo. Que sensação esquisita de pânico tivera de manhã...

Indagou-se quem seriam os convidados de James Grant esta noite.

2

O Mogador era um restaurante pequeno e um tanto antiquado, com boa comida, bons vinhos e ambiente tranquilo. Ann foi a primeira a chegar, e encontrou o Coronel Grant sentado no bar da entrada, abrindo e fechando o relógio de bolso.

— Ah, Ann — saltou para saudá-la — você chegou. — Seus olhos examinaram com ar de aprovação o vestido preto e o cordão de pérolas.

— É ótimo quando uma mulher bonita consegue ser pontual.

— Estou apenas três minutos atrasada — disse Ann, sorrindo para ele.

James Grant era um homem alto, de porte rígido e marcial, cabelos grisalhos cortados rente e um queixo obstinado.

Tornou a consultar o relógio.

— Por que os outros não chegaram? A mesa estará pronta para nós às oito e quinze, e vamos beber alguma coisa antes. *Sherry* para você? Prefere *sherry* a um coquetel, não é mesmo?

— Sim, por favor. Quem são os outros?

— Os Massinghams. Você os conhece?

— Naturalmente.

— E Jennifer Graham. É minha prima, mas não sei se você alguma vez...

— Acho que já a encontrei uma vez, com você.

— E o outro homem é Richard Cauldfield. Eu não o via há muitos anos, e o encontrei outro dia. Passou a maior parte da vida em Burma, e agora ao voltar sente-se um pouco desambientado.

— Sim, imagino.

— É um bom sujeito. Uma história bastante triste. A mulher morreu ao nascer o primeiro filho. Ele era extremamente dedicado a ela. Ficou inconsolável durante muito tempo e achou que devia afastar-se... por isso foi para Burma.

— E a criança?

— Também morreu.

— Que tristeza!

— Ah, lá vêm os Massinghams.

A Sra. Massingham, que Sarah sempre chamava a *Mem Sahib*, lançou-se sobre eles com uma grande exibição de dentes. Era uma mulher magra e comprida, com a pele descorada e seca pelos anos passados na Índia. O marido, um homem baixo e corpulento, que falava em *stacatto*.

— Como é bom tornar a vê-la — disse a Sra. Massingham, apertando calorosamente a mão de Ann. — E que delícia poder jantar com roupas apropriadas. Positivamente, parece que eu nunca consigo pôr um vestido de noite. Todos estão sempre me dizendo: “Não precisa trocar de roupa”! Na verdade, acho

a vida bem insípida hoje em dia. E as coisas que a gente é obrigada a fazer sozinha! Tenho a impressão de estar eternamente junto à pia da cozinha. Realmente não creio que possamos continuar neste país. Estamos pensando em ir para o Quênia.

— Muita gente indo embora — disse o marido. — Fartos. É este governo omissos.

— Aqui está Jennifer — exclamou o Coronel Grant. — E Cauldfield.

Jennifer Graham era uma mulher de trinta e cinco anos, alta e com cara de cavalo, que relinchava quando ria; e Richard Cauldfield, um homem de meia-idade, de rosto queimado de sol.

Sentou-se junto a Ann, e esta começou a conversar. Estava há muito tempo na Inglaterra? Qual era sua impressão?

Não era fácil acostumar-se, disse ele. Tudo agora era tão diferente do que costumava ser antes da guerra. Estava à procura de trabalho, mas não havia muitos empregos para um homem da sua idade.

— Não, creio que não. E isso me parece tão injusto!

— Sim, pois afinal eu ainda não cheguei aos cinqüenta — sorriu ele, um sorriso um pouco infantil, desconcertante. — Disponho de um pequeno capital. Estou pensando em comprar um lugarzinho no campo e me dedicar à floricultura, ou à criação de galinhas.

— Galinhas *não!* — protestou Ann. — Tenho muitos amigos que tentaram... e elas sempre apanham alguma doença.

— Não, talvez a floricultura fosse melhor. Provavelmente não daria muito lucro, mas seria uma vida agradável. — Suspirou. — Tudo parece tão confuso! Talvez que uma mudança de governo...

Ann concordou, hesitante. Era o remédio de sempre.

— Deve ser difícil saber exatamente o que fazer — falou. — Isso deve preocupá-lo bastante.

— Ah, eu não me preocupo. Acho que não vale a pena. Se um homem tem fé em si mesmo, e bastante determinação, todas as dificuldades podem ser vencidas.

Era uma afirmação muito dogmática, e Ann não pareceu muito convencida.

— Não tenho muita certeza.

— Posso garantir-lhe que é assim. Não tenho nenhuma paciência com gente que anda sempre se queixando da falta de sorte.

— Ah, nesse ponto concordo com você — exclamou Ann, com tanto fervor que ele arqueou as sobrancelhas, numa interrogação:

— Parece que você conhece alguém assim.

— E conheço mesmo. Um dos namorados da minha filha vem sempre contar a sua última desgraça. Eu costumava sentir pena dele, mas agora só consegue me deixar insensível e aborrecida.

Do outro lado da mesa, a Sra. Massingham interveio:

— Histórias de azar são mesmo aborrecidas.

O Coronel Grant perguntou:

— De quem está falando? Do jovem Gerald Lloyd? Ele nunca será grande coisa na vida.

Richard Cauldfield disse baixinho para Ann:

— Então tem uma filha? E com idade bastante para ter um namorado?

— Oh, sim, Sarah tem dezenove anos.

— E você gosta muito dela?

— É claro!

Percebeu no rosto dele uma fugaz expressão de dor, e lembrou a história que o Coronel Grant tinha contado. Richard Cauldfield era um homem solitário, pensou.

Ele falou baixinho:

— Você parece jovem demais para ter uma filha já crescida.

— Isso é o que se costuma dizer a uma mulher da minha idade — respondeu Ann, com uma risada.

— Talvez seja, mas estou sendo sincero. Seu marido... morreu?

— Sim, há muito tempo.

— E por que não voltou a casar?

Poderia ter sido uma pergunta impertinente, mas o interesse sincero da voz dele o eximia de qualquer acusação desse tipo. Mais uma vez Ann pensou que Richard Cauldfield era um homem simples. Ele realmente queria saber.

— Ah... porque... — parou. Então falou a verdade, francamente: — Eu amava muito meu marido. Depois que ele morreu, não voltei a amar ninguém. E

havia Sarah, é claro.

— Sim — disse Cauldfield. — Sim... as coisas teriam que acontecer exatamente assim com você.

Grant levantou e sugeriu que passassem ao restaurante. Na mesa redonda, Ann sentou-se entre o anfitrião e o Major Massingham. Não teve mais oportunidade de continuar seu *tête-à-tête* com Cauldfield, que agora conversava, com certo esforço, com a Srta. Graham.

— Será que vão se dar bem? — murmurou o coronel no ouvido de Ann. — Ele precisa casar, sabe?

Por alguma razão a sugestão a desagradou. Logo Jennifer Graham, com aquela voz aguda e enérgica, o riso relinchado! Jamais o tipo de mulher que servia para casar com um homem como Cauldfield.

As ostras foram servidas, e o grupo dedicou-se a comer e conversar.

— Sarah partiu esta manhã?

— Sim, James. Espero que encontrem bastante neve.

— Sim, embora seja de duvidar, nesta época do ano. De qualquer forma, creio que ela vai se divertir. Sarah é uma bela moça. Por falar nisso, espero que o jovem Lloyd não faça parte do grupo.

— Ah, não, ele começou a trabalhar há pouco tempo na firma do tio. Não poderia ausentar-se.

— Ótimo. Você tem que cortar essa história pela raiz.

— Hoje em dia isso não é tão fácil, James.

— Hummm, creio que não deve ser. Mesmo assim, você conseguiu afastá-la por algum tempo.

— Sim, achei que seria uma boa idéia, eu... Realmente achei...

— Ah, você achou? Não é nada tola, Ann. Esperemos que ela encontre algum outro rapaz por lá.

— Sarah ainda é muito jovem, James. Não creio que aquela história com Gerald Lloyd devesse ser levada a sério.

— Talvez não, mas da última vez que a vi ela parecia muito preocupada com ele.

— Preocupar-se com os outros é um traço característico de Sarah. Ela sabe exatamente o que cada um deve fazer, e não descansa enquanto não

fazem. É muito leal aos seus amigos.

— É uma criança muito querida. E atraente. Mas nunca será tão atraente quanto você, Ann. Ela é um tipo mais duro... como se diz hoje em dia... mais dura.

Ann sorriu.

— Não creio que seja assim tão dura. É o jeito da geração dela.

— Talvez seja... Mas algumas dessas moças poderiam ter aulas de charme com as mães.

Ele a olhava com carinho, e Ann pensou, com repentino e raro calor: “Querido James. — Como ele é bom para mim. Para ele, eu sou perfeita. Não estarei sendo tola ao recusar o que me oferece? Ser amada, querida...”

Infelizmente, naquele exato momento o Coronel Grant começou a contar uma história sobre um dos seus subalternos e a mulher de um major, na Índia. Era uma história comprida, e ela já a ouvira três vezes antes.

O afetuoso calor desapareceu. Olhou Richard Cauldfield, do outro lado da mesa, avaliando-o. Um pouquinho confiante demais em si mesmo, excessivamente dogmático — não, corrigiu-se, não de verdade... Tudo devia ser apenas uma armadura que ele usava para se defender de um mundo estranho e provavelmente hostil.

Era na verdade um rosto triste. Um rosto solitário...

Tinha muitas qualidades, pensou. Devia ser bom, honesto, e totalmente justo. Teimoso, provavelmente, e preconceituoso algumas vezes. Um homem que não estava acostumado a achar graça nas coisas, nem a que achassem graça nele. O tipo do homem que floresceria ao sentir-se realmente amado.

— ...e você acredita — o coronel chegava ao ponto culminante da história — que Sayce sabia de tudo, todo o tempo?

Com um choque, Ann retornou aos seus deveres imediatos, e riu com o esperado entusiasmo.

Capítulo III

1

ANN acordou na manhã seguinte, e por um momento se indagou onde estaria. Certamente a silhueta mal delineada da janela deveria estar à sua direita, e não à esquerda... A porta... O guarda-roupa...

Então percebeu que estivera sonhando; sonhando que era outra vez uma menina, de volta à velha casa em Applestream. Tinha chegado lá cheia de alegria, fora recebida pela mãe e por uma Edith mais jovem. Correria pelo jardim, admirando Uma coisa e outra, e finalmente entrara na casa. Tudo estava exatamente como tinha sido: o vestíbulo um pouco escuro, a sala de estar coberta de *chintz* que se abria para ele. E então, surpreendentemente, sua mãe dissera: “Vamos tomar o chá aqui”, e a conduziu para uma sala nova e desconhecida. Uma sala agradável, com os móveis cobertos de alegre *chintz* estampado, flores, sol. E alguém tinha dito: “Você não sabia que estas salas estavam aqui, sabia? Nós as descobrimos no ano passado!” Havia mais salas novas, uma escadinha e mais quartos lá em cima. Era tudo muito excitante, emocionante.

Agora, acordada, sentia-se ainda parcialmente dentro do sonho. Era Ann, a menina, para quem a vida apenas começava.

Aqueles quartos nunca vistos. Estranho, ter passado tantos anos sem saber que existiam. Quando tinham sido descobertos? Há pouco tempo? Há muitos anos?

A realidade infiltrou-se vagarosamente através da confusa e agradável lembrança do sonho. Fora tudo um sonho, um sonho bom. Entremeadado agora por uma ligeira dor, a dor da saudade. Porque não se pode voltar atrás. E como era estranho que sonhar com a descoberta de alguns quartos a mais em uma casa pudesse provocar um prazer tão singular e arrebatador. Sentiu-se triste quando pensou que esses quartos nunca tinham existido.

Ann permaneceu deitada, olhando os contornos da janela, cada vez mais

nítidos. Já devia ser bem tarde, pelo menos nove horas. As manhãs eram tão escuras, agora. A esta hora, Sarah estaria acordando para o sol e a neve, na Suíça.

Mas, de uma certa maneira, Sarah parecia não existir naquele momento. Estava distante, remota, apagada. O que era real era a casa de Cumberland, os *chintz*, o sol, as flores... sua mãe. E Edith, respeitosamente parada em posição de sentido, parecendo tão desaprovadora como de costume, apesar do rosto jovem, macio e sem rugas.

Ann sorriu e chamou:

— Edith!

Edith entrou, e abriu as cortinas.

— Bem — falou aprovadamente, — dormiu bastante. Não quis acordá-la, o dia não está lá essas coisas. Acho que vamos ter nevoeiro.

Visto pela janela, o céu era amarelo escuro.

Não era uma perspectiva atraente, mas não abalou a sensação de bem-estar que Ann sentia. Continuou deitada, sorrindo para si mesma.

— Seu café está pronto, já vou trazê-lo. — Edith parou antes de deixar o quarto, e olhou a patroa com curiosidade.

— Parece contente esta manhã. Deve ter-se divertido ontem.

— Ontem? — por um momento Ann ficou no ar. — Oh, sim, foi bom. Edith, sonhei que tinha voltado para casa. Você estava lá, era verão, e a casa tinha quartos novos que nós não conhecíamos.

— E foi melhor não conhecer, é o que lhe digo. Aquele casarão velho já tinha quartos demais. E a cozinha! Quando penso na quantidade de carvão que aquele fogão devia gastar! Por sorte o carvão era barato naquele tempo.

— Você era bem moça outra vez, Edith, e eu também.

— Ah, não se pode fazer o tempo voltar, não é mesmo? Por mais que a gente queira, aqueles tempos estão mortos e enterrados para sempre.

— Mortos e enterrados para sempre — Ann repetiu baixinho.

— Não que eu não esteja satisfeita. Tenho força e saúde, embora digam que a meia-idade é a melhor época para se arranjar um desses tumores internos. Tenho pensado muito nisso, ultimamente.

— Estou certa de que você não tem nada disso, Edith.

— Ah, mas nunca se pode ter certeza. Só se fica sabendo quando

carregam a gente para o hospital, abrem e descobrem que já é tarde demais.

E Edith saiu do quarto com ar soturno. Voltou pouco depois, trazendo numa bandeja o café e a torrada de Ann.

— Aqui está, senhora. Sente-se, e eu ajeito o travesseiro nas suas costas.

Ann olhou-a, e falou num impulso:

— Como você é boa para mim, Edith.

Edith ficou vermelha.

— Sei como as coisas devem ser feitas, só isso. E, de qualquer jeito, alguém tem de cuidar da senhora. A senhora não é uma dessas mulheres de espírito forte. Se fosse aquela *Dame* Laura... nem o Papa de Roma pode com ela.

— *Dame* Laura é uma grande personalidade, Edith.

— Eu sei, já a ouvi falando no rádio. Ora, só pela cara já se pode saber que ela é alguém. E conseguiu casar, pelo que ouvi dizer. Foi divórcio ou morte que os separou?

— Oh, ele morreu.

— Provavelmente a melhor coisa que lhe poderia acontecer. Ela não é o tipo de mulher com quem um cavalheiro goste de viver... embora eu não possa negar que alguns homens preferem que a mulher use as calças. — Caminhou em direção à porta, observando: — Agora não precisa ter pressa, minha querida. Descanse bastante, fique deitadinha pensando seus belos pensamentos e aproveitando as férias.

“Férias”, pensou Ann, divertida. “É esse o nome que ela dá?”

E, no entanto, não deixava de ser verdade. Aqueles dias seriam um intervalo no ritmo sempre igual de sua vida. No fundo há sempre uma certa ansiedade, quando se vive com uma filha que se ama. Ela é feliz? Será que A ou B são boas amizades para ela? Deve ter acontecido alguma coisa na festa de ontem à noite. O que poderia ter sido?

Ela nunca tinha interferido, nem feito perguntas. Compreendia que Sarah devia sentir-se livre para falar ou calar — devia aprender sozinha as lições da vida, escolher seus próprios amigos. E no entanto, como amava a filha, era impossível ignorar seus problemas. Ann poderia ser necessária a qualquer momento, e se Sarah a procurasse, em busca de apoio ou ajuda prática, tinha que estar ali, a postos. As vezes Ann pensava: “Devo estar preparada para ver Sarah infeliz algum dia, e

mesmo então não falar nada, a menos que ela o deseje.”

O que a vinha preocupando ultimamente era o crescente interesse de Sarah por Gerald Lloyd, um rapaz amargo e sempre cheio de queixas. Daí seu alívio ao pensar que Sarah ficaria pelo menos três semanas longe dele, e conheceria muitos outros rapazes durante esse tempo.

Sim, com Sarah na Suíça ela poderia tirá-la despreocupadamente da cabeça e descansar, deitada em sua cama confortável, pensando no que poderia fazer hoje. Divertira-se no jantar da noite anterior. Querido James — tão bom, e no entanto tão maçante também, pobre querido! As histórias intermináveis que contava! Realmente, ao chegar aos quarenta e cinco os homens deviam fazer o voto de não contar mais histórias ou anedotas. Se pudessem imaginar o desânimo que dominava os amigos assim que começavam: “Não sei se já contei, mas uma vez aconteceu uma coisa curiosa com o...”, e assim por diante. É claro que sempre se poderia interromper, dizendo: “Sim, James, já me contou três vezes”. Mas o pobrezinho ficaria tão magoado! Não, era impossível fazer uma coisa dessas com James.

E aquele outro, Richard Cauldfield. Naturalmente era muito mais moço, mas provavelmente *ele* também um dia começaria a repetir as mesmas histórias compridas e sem graça.

Talvez... pensou... mas não acreditava que pudesse acontecer. Não. Era mais provável que se tornasse prepotente, didático, cheio de preconceitos e idéias preconcebidas. Precisaria de alguém que caçoasse dele, delicadamente. Poderia ser um pouco ridículo, às vezes, mas era um bom homem — um homem solitário, muito solitário... Teve pena dele. Sentia-se perdido na frustrada vida moderna de Londres. Pensou em qual o tipo de trabalho que ele iria conseguir. Isso não era tão fácil hoje em dia. Provavelmente compraria sua fazendola, ou floricultura, e se instalaria no campo.

Pensou se voltaria a encontrá-lo. Qualquer noite dessas convidaria James para jantar, e poderia sugerir que ele trouxesse Richard Cauldfield. Seria uma gentileza — ele era obviamente um homem muito sozinho. E convidaria outra mulher. Poderiam ir ao teatro...

Que algazarra Edith estava fazendo! Ela estava na sala ao lado, e, pelo barulho, parecia haver lá um exército de homens fazendo a mudança. Baques, batidas, de vez em quando o zumbido alto do aspirador de pó. Edith devia estar se

divertindo.

Logo ela apareceu na porta, a cabeça envolta num pano de pó e o olhar sublime e extasiado de uma sacerdotisa celebrando alguma orgia ritual.

— A senhora não vai almoçar fora, por acaso? Eu estava enganada, vai ser um belo dia, sem névoa. Não é que eu tenha esquecido o linguado, não esqueci. Mas se não estragou até agora, não vai estragar até o jantar. Não se pode negar que essas geladeiras conservam mesmo as coisas... mas tiram o gosto de tudo, é o que eu digo.

Ann olhou para ela e riu.

— Está bem, está bem, eu almoço fora.

— Para mim não faz diferença, é claro. *Eu* não me importo.

— Sim, Edith. Mas não se mate. Por que não traz a Sra. Hopper para ajudá-la, já que quer limpar a casa de alto a baixo?

— Sra. Hopper, Sra. Hopper. Pois sim! Na última vez que ela veio eu deixei que limpasse aquela grade da lareira de latão bonita que foi da sua mãe. Ficou toda manchada. Essas mulheres só sabem mesmo é lavar o assoalho, e isso qualquer um pode fazer. Lembra-se da grelha de ferro trabalhado que nós tínhamos em Applestream? *Aquilo*, sim, dava trabalho. Tinha orgulho dela, palavra. Ah, bem... a senhora tem móveis bem bonitos, e eles ficam lindos quando bem lustrados. Pena que haja tanta coisa embutida.

— Facilita o trabalho.

— Fica muito parecido com hotel, para o meu gosto. Então a senhora vai sair? Ótimo. Posso tirar todos os tapetes.

— Posso voltar hoje à noite? Ou prefere que eu durma num hotel?

— Ora, Sra. Ann, não me venha com essas brincadeiras. Por falar nisso, aquela panela dupla que a senhora comprou não vale nada. É grande demais, e tem um formato ruim para se mexer com a colher lá dentro. Quero uma igual à minha antiga.

— Sinto muito, mas acho que aquelas não existem mais.

— Esse governo — falou Edith com desagrado. — E os pratos de porcelana tiara suflê que eu lhe pedi? A Srta. Sarah gosta de suflê servido naqueles pratos.

— Esqueci que você tinha pedido, mas acho que poderia encontrá-los facilmente.

— Então! Já tem alguma coisa para fazer!

— Francamente, Edith! — exclamou Ann, irritada. — Parece até que sou uma meninazinha que você tem que mandar brincar lá fora.

— Confesso que com a Srta. Sarah longe a senhora parece mais moça. Mas eu estava apenas fazendo uma sugestão, madame — Edith empertigou-se e falou com azeda cerimônia, — que se por acaso passasse perto das Lojas Army and Navy, ou talvez John Barker's...

— Muito bem, Edith. Agora vá você brincar na sala.

— Ora, francamente — disse Edith, ofendida; e bateu em retirada.

Recomeçaram os baques e as batidas, e logo veio juntar-se a eles um novo som, o da voz fraca e desafinada de Edith, elevando-se num hino particularmente lúgubre:

“Este mundo é só dor e mágoa,
Não há sol, nem alegria, nem luz.
Oh, lava-nos, lava-nos no teu sangue,
Para que possamos chorar-te, ó Jesus!”

2

Ann divertiu-se na seção de louças das Lojas Army and Navy. Pensou que nos dias que correm, com tantos artigos inferiores e mal feitos, era um consolo ver que boa louça, cristais e cerâmica o país ainda podia produzir.

Nem os avisos proibitivos “Somente para exportação” estragaram sua admiração pelos artigos expostos em brilhantes fileiras. Chegou até às mesas onde estavam em exibição as mercadorias rejeitadas para exportação, onde havia sempre compradoras rondando, de olhos ávidos, prontas a saltar sobre alguma peça mais atraente.

Hoje fora Ann a felizarda. Havia até um jogo de café quase completo, com lindas xícaras arredondadas de cerâmica vitrificada marrom decorada. O preço não era excessivo, e ela comprou bem a tempo. No instante em que anotavam seu endereço apareceu uma mulher, e disse nervosamente:

— Fico com este.

— Lamento, senhora. Já está vendido.

Ann falou hipocritamente “Sinto muito”, e afastou-se, animada pelo prazer de uma boa compra. Tinha encontrado também alguns pratos para suflê bastante bonitos e de bom tamanho, e embora fossem de vidro e não de louça, esperava que Edith os aceitasse sem muitos resmungos.

Saindo da seção de louças, atravessou a rua e entrou no departamento de plantas e jardins. A jardineira da janela do apartamento estava em ruínas, e ela queria substituí-la.

Falava a respeito disso com o vendedor, quando ouviu uma voz atrás dela:

— Ora, bom dia, Sra. Prentice.

Voltou-se e viu Richard Cauldfield. Era tão evidente o prazer que ele sentia ao vê-la, que Ann não pôde deixar de sentir-se lisonjeada.

— Imagine, encontrá-la aqui! É realmente uma maravilhosa coincidência. Na verdade, eu estava mesmo pensando em você. Sabe, ontem à noite eu quis perguntar seu endereço, e se poderia talvez visitá-la. Mas depois temi que me julgasse impertinente. Deve ter tantos amigos, e...

Ann interrompeu:

— É claro que deve me visitar. Para ser franca, eu estava pensando em convidar o Coronel Grant para jantar em minha casa, e sugerir que o levasse também.

— Estava mesmo? De verdade? — Sua ansiedade e prazer eram tão óbvios, que Ann teve pena. Pobre homem, como devia se sentir sozinho! Aquele sorriso feliz parecia o sorriso de um menino.

— Estava encomendando uma jardineira nova para minha janela. É a coisa mais parecida com um jardim que se pode ter num apartamento.

— Sim, imagino que seja.

— O que faz aqui?

— Estava examinando as incubadoras.

— Ainda pensando em criar galinhas?

— De certa forma. Estive examinando os equipamentos mais modernos para a avicultura. Pelo que sei, esta chocadeira elétrica é a última novidade.

Caminharam juntos para a saída. Richard Cauldfield disse, num arranco:

— Será que... naturalmente já tinha outro compromisso... será que gostaria de almoçar comigo... se não tem mais nada para fazer?

— Obrigada, eu gostaria muito. Na verdade Edith, minha criada, lançou-se numa orgia de limpeza de primavera, e me disse, com muita firmeza, que eu não fosse almoçar em casa.

Richard Cauldfield não achou graça nenhuma, e pareceu até um tanto chocado com as palavras dela.

— Isso é muito arbitrário, não é?

— Edith tem seus privilégios.

— Ainda assim, não convém mimar os criados. —

Ele está me reprovando, pensou Ann, divertida. E disse, delicadamente:

— Já não restam muitos para mimar. E, de qualquer forma, Edith é mais amiga do que criada. Está comigo há muitos anos.

— Oh, entendo. — Percebeu que fora gentilmente censurado, mas a impressão permaneceu. Esta bela e delicada senhora estava sendo governada por uma criada despótica, e era demasiado dócil e submissa para enfrentá-la.

— Limpeza de primavera? — perguntou, confuso. — Deve ser feita nesta época?

— Não, na verdade não deve. Deve ser feita em março, mas minha filha foi passar algumas semanas na Suíça e aproveitamos a oportunidade. Quando ela está aqui há sempre muito movimento.

— Imagino que deve sentir falta dela.

— Sim, muita.

— Parece que as moças quase não gostam de ficar em casa, hoje em dia. Creio que preferem viver suas próprias vidas.

— Não tanto quanto até pouco tempo atrás; acho que a novidade já perdeu um pouco o encanto.

— Ah! Bonito dia, não? Gostaria de caminhar pelo parque, ou isso iria cansá-la?

— Não, é claro que não. Ia mesmo sugerir.

Atravessaram a Rua Vitória e desceram por uma estreita passagem, chegando afinal ao lado da estação do Parque Saint James. Cauldfield ergueu os olhos para as esculturas de Epstein.

— Vê alguma coisa nisso? Como é possível chamar essas coisas de arte?

— Oh, creio que é possível, sim. Bem possível.

— Você certamente não *gosta* delas?

— Não, eu pessoalmente não. Sou antiquada, e continuo a gostar da escultura clássica, e de todas as coisas que me ensinaram a gostar. Mas não significa que o meu gosto seja o certo. Acho que é necessário aprender a apreciar novas formas de arte. E acontece o mesmo com a música.

— Música! Não se pode chamar isso de música!

— Não acha que está sendo um pouco reacionário, Cauldfield?

Ele voltou rapidamente a cabeça para olhá-la. Ela estava afogueada, um pouquinho nervosa, mas seus olhos o encararam sem pestanejar.

— Estou? Talvez. Sim, quando se esteve longe durante tanto tempo, tem-se a tendência de não gostar de tudo que não é mais exatamente como a gente lembrava. — De repente sorriu. — Deve ter paciência comigo.

Ann disse depressa:

— Oh, eu também sou terrivelmente antiquada. Sarah muitas vezes ri de mim. Mas sinceramente, acho terrível que a gente... como posso explicar... que a gente vá perdendo o interesse pelas coisas novas à medida que... bem, à medida que vai envelhecendo. Porque, em primeiro lugar, isso nos torna terrivelmente enfadonhos, e, além disso, também podemos estar perdendo alguma coisa importante.

Richard caminhou em silêncio por alguns momentos, antes de falar:

— Parece-me tão absurdo ouvi-la falar em envelhecer! Você é a pessoa mais jovem que conheci nestes últimos tempos. Muito mais jovem do que algumas dessas garotas assustadoras. Elas realmente me dão medo.

— Sim, a mim também assustam um pouco. Mas sempre descubro que são ótimas pessoas.

Tinham chegado ao Parque Saint James. O sol estava forte agora, e o dia quase quente.

— Aonde vamos?

— Vamos olhar os pelicanos.

Olharam os pássaros, satisfeitos, e conversaram sobre as várias espécies de aves aquáticas. Completamente tranqüilo e à vontade, Richard era um companheiro encantador, jovial e espontâneo. Falaram e riram juntos, e sentiram-se extremamente felizes na companhia um do outro.

Logo Richard disse:

— Que tal sentarmos um pouco ao sol? Não está sentindo frio?

— Não, estou bem aquecida.

Sentaram-se e ficaram olhando a água. Com suas cores desmaiadas, a paisagem parecia uma gravura japonesa.

Ann falou baixinho:

— Como Londres pode ser bonita. Nem sempre a gente percebe isso.

— Não, é quase uma revelação.

Ficaram em silêncio durante um ou dois minutos, e Richard continuou:

— Minha mulher sempre dizia que Londres é o único lugar para se estar na chegada da primavera. Dizia que os brotos verdes, as amendoeiras e, a seu tempo, os lilases, realçavam contra o fundo de tijolos e argamassa. Achava que no campo era tudo muito vasto, e acontecia de modo demasiado confuso para que pudesse ser devidamente apreciado; mas que num jardim suburbano a primavera chegava da noite para o dia.

— Creio que ela tinha razão.

Richard falou com esforço, e sem olhar para Ann:

— Ela morreu... há muito tempo.

— Eu sei, o Coronel Grant me contou.

Richard voltou-se e olhou para ela.

— Contou como ela morreu?

— Sim.

— É algo que jamais poderei esquecer. Terei sempre a impressão de tê-la matado.

Ann hesitou um momento, antes de falar.

— Posso entender o que sente, no seu lugar eu sentiria o mesmo. Mas não é verdade, sabe.

— Sim, é verdade.

— Não. Não do ponto de vista dela... de uma mulher. A responsabilidade de aceitar esse risco é da mulher. Está implícita no seu... no seu amor. Lembre-se de que ela quer a criança. Sua esposa desejava. .. o filho?

— Ah, sim. Aline estava muito feliz. Eu também. Era uma jovem forte, saudável. Parecia não haver qualquer motivo para as coisas não correrem bem.

Houve um silêncio, e então Ann falou:

— Sinto muito... muito, mesmo.

— Já faz muito tempo.

— O bebê também morreu?

— Sim. E de certa forma eu me alegro que isso tenha acontecido, sabe. Acho que iria culpar o pobrezinho. Nunca esqueceria o preço que fora preciso pagar pela vida dele.

— Fale-me sobre sua esposa.

E ali, com os dois sentados sob o pálido sol de inverno, ele lhe falou sobre Aline. Como tinha sido bonita e alegre. E das vezes em que ficava quieta de repente e ele se perguntava em que estaria pensando e por que estaria tão longe.

Uma vez ele se interrompeu para dizer, admirado:

— Há muitos anos eu não falava nela com ninguém.

E Ann incitou-o suavemente:

— Continue.

Tudo fora tão breve — breve demais. Três meses de noivado, o casamento — “o exagero de sempre, nós não queríamos mas a mãe dela insistiu”. Tinham passado a lua-de-mel viajando de carro pela França, visitando os castelos do Loire.

— Ela ficava nervosa quando andava de carro — acrescentou despropositadamente. — Costumava pôr a mão no meu joelho. Isso parecia acalmá-la, mas não sei por que ficava tão nervosa, ela nunca sofreu um acidente. — Fez uma pausa, antes de continuar: — As vezes, quando eu corria no meu carro, lá em Burma, depois de tudo já ter acontecido, eu parecia sentir a mão dela. Imaginava, entende?... Parecia incrível que ela pudesse ter desaparecido assim, que não vivesse mais.

Sim, pensou Ann, é isso que a gente sente — parece incrível. Sentira o mesmo com relação a Patrick. Ele *tinha* que estar em algum lugar. Precisava fazê-la sentir sua presença. Não era possível que tivesse partido assim, sem deixar nada atrás de si. O terrível abismo que separa os vivos dos mortos!

Richard continuava. Contava da casinha que eles tinham descoberto numa rua sem saída, com uma touceira de lilases e uma pereira. Então, quando a voz brusca e áspera deixou de falar as frases vacilantes, ele repetiu, surpreso:

— Não sei por que lhe contei tudo isto.

Mas ele sabia. Quando perguntara, um tanto nervoso, se ela gostaria de

almoçar no seu clube — “Acho que eles têm um Anexo para Senhoras — ou prefere ir a um restaurante?”, e ela respondera que preferia o clube, e eles tinham levantado e começado a caminhar em direção a Pall Mall, soube no seu íntimo o que estava acontecendo, embora não o quisesse reconhecer.

Este fora seu adeus a Aline, ali em meio à beleza fria e extraterrena do parque no inverno.

Ele a deixaria ali, junto ao lago, onde os galhos nus das árvores mostravam seus rendilhados arabescos contra o céu.

Pela última vez ele a fez reviver na sua juventude, na sua força, na tristeza do seu destino. Foi um lamento, um canto fúnebre, um hino de louvor — talvez um pouco de cada um.

Mas foi também um funeral.

Deixou Aline ali no parque, e caminhou com Ann para as ruas de Londres.

Capítulo IV

— A SRA. PRENTICE ESTÁ? — perguntou *Dame* Laura Whitstable.

— Não, no momento não está. Mas acho que não deve demorar. Gostaria de entrar e esperar, madame? Sei que ela ia gostar de ver a senhora.

Edith afastou-se respeitosamente enquanto *Dame* Laura entrava, dizendo:

— Bem, vou esperar ao menos uns quinze minutos. Já faz algum tempo que não a vejo.

— Sim, senhora.

Edith conduziu-a até a sala e ajoelhou-se para acender o aquecedor elétrico. *Dame* Laura olhou em volta, e soltou uma exclamação:

— Vejo que mudaram os móveis de lugar. Aquela escrivaninha costumava ficar no canto. E o sofá está num lugar diferente.

— A Sra. Prentice achou que seria bom variar — disse Edith. — Um dia entrei aqui e dei com ela empurrando e arrastando coisas de um lado para o outro. “Oh, Edith”, ela me disse, “não acha que a sala fica muito melhor assim? Mais espaçosa?” Bem, eu não pude ver nenhuma melhora, mas naturalmente não quis dizer isso. As senhoras têm seus caprichos. A única coisa que eu disse foi: “Agora, não vá fazer muito esforço, madame. Não há nada pior para as entranhas do que ficar levantando peso; e depois que elas saem do lugar, não voltam assim tão fácil”. Eu sei o que digo. Aconteceu com minha própria cunhada. Foi levantar uma dessas janelas de guilhotina e passou o resto da vida deitada no sofá.

— Provavelmente sem a menor necessidade — comentou *Dame* Laura com energia. — Felizmente acabamos com essa mania de achar que ficar deitado num sofá é o remédio para todas as doenças.

— Agora nem deixam mais a pessoa ter seu mês de descanso depois do parto — disse Edith com ar de censura. — Veja a minha pobre sobrinha, fizeram a coitadinha caminhar no quinto dia.

— Somos hoje uma raça muito mais saudável do que jamais fomos.

— Espero que seja verdade — disse Edith sombriamente. — Fui uma criança muito fraquinha. Nunca pensaram que eu fosse me criar. Tinha desmaios e convulsões horríveis. E no inverno ficava azul... o frio me atacava o coração.

Indiferente aos males passados de Edith, *Dame* Laura examinava as modificações feitas na sala.

— Acho que mudou para melhor — comentou. — A Sra. Prentice tem razão. Não sei por que não fez isso antes.

— Está fazendo ninho — disse Edith, significativamente.

— O quê?

— Fazendo ninho. Já vi passarinhos fazerem a mesma coisa, voando para lá e para cá com gravetos no bico.

— Oh!

As duas mulheres trocaram um olhar; e embora não se notasse nenhuma mudança de expressão, uma informação parecia ter sido transmitida.

Dame Laura perguntou em tom casual:

— O Coronel Grant tem aparecido muito ultimamente?

Edith sacudiu a cabeça.

— Pobre senhor — disse. — Se quer saber, acho que ele se *congeou*. Isso é quebrar a cara, em francês — acrescentou, à guisa de explicação.

— Oh, *congé*, entendo...

— Era um cavalheiro muito bom — disse Edith, falando nele no passado, com o jeito fúnebre de quem pronuncia um epitáfio. — Oh, bem...

Enquanto deixava a sala, falou:

— Vou lhe dizer quem não vai gostar de ver a sala diferente: a Srta. Sarah. Ela não gosta de mudanças.

Laura Whitstable ergueu as sobrancelhas hirsutas. Depois retirou um livro da estante e folheou desinteressadamente as páginas.

Logo escutou o ruído da chave na fechadura, e a porta do apartamento se abriu. Ouviu no pequeno vestíbulo duas vozes animadas e alegres: a de Ann e a de um homem.

A voz de Ann disse:

— Oh, a correspondência. Veio carta de Sarah.

Entrou na sala com a carta na mão e parou de chofre, momentaneamente confusa:

— Ora, Laura, que bom vê-la — voltou-se para o homem que entrara na sala atrás dela. — Sr. Cauldfield, *Dame* Laura Whitstable.

Dame Laura avaliou-o rapidamente.

Tipo convencional. Podia ser teimoso. Honesto. Bom coração. Nenhum senso de humor. Provavelmente sensível. Muito apaixonado por Ann.

Pôs-se a conversar com ele, naquele seu jeito expansivo.

Ann murmurou:

— Vou dizer a Edith que traga o chá — e deixou a sala.

— Para mim não, querida — *Dame* Laura gritou para ela. — Já são quase seis horas.

— Bem, Richard e eu queremos chá, fomos a um concerto. O que você vai tomar?

— *Brandy* e soda.

— Muito bem.

Dame Laura perguntou:

— Gosta de música, Sr. Cauldfield?

— Sim. Especialmente Beethoven.

— Todos os ingleses gostam de Beethoven. Sinto dizer que ele me dá sono, mas a verdade é que não sou muito musical.

— Aceita um cigarro, *Dame* Laura? — Cauldfield abriu sua cigareira.

— Não, obrigada. Só fumo charutos. — Acrescentou, olhando-o astutamente: — Então é do tipo de homem que prefere tomar chá às seis horas, em vez de um coquetel ou *sherry*?

— Não, acho que não. Não sou grande apreciador de chá. Mas ele parece combinar com Ann — ele se interrompeu. — Isso parece absurdo!

— De modo algum. O senhor demonstra ser perspicaz. Não estou querendo dizer que Ann não beba coquetéis ou *sherry*, ela bebe, mas é essencialmente o tipo de mulher que fica melhor atrás de uma bandeja de chá; uma bandeja com um belo serviço de prata georgiana, e xícaras e pires da mais fina porcelana.

Richard estava encantado:

— A senhora tem toda a razão!

— Conheço Ann há muitos anos. Gosto muito dela.

— Eu sei, ela me falou muito na senhora. E, é claro, eu a conheço de outras fontes.

Dame Laura sorriu jovialmente:

— Oh, sim, sou uma das mulheres mais conhecidas da Inglaterra. Sempre participando de comitês, ou divulgando minhas idéias pelo rádio, ou geralmente decretando o que é melhor para a humanidade. Entretanto, de uma coisa eu sei: seja o que for que se consiga realizar na vida, é realmente muito pouco e outra pessoa poderia tê-lo feito facilmente.

— Ora, vamos — protestou Richard. — Não acha que é uma conclusão um tanto deprimente?

— Não deveria ser. A humildade deveria estar por trás de todo esforço.

— Acho que não concordo com a senhora.

— Não?

— Não. Penso que a primeira condição para que um homem (ou uma mulher, naturalmente) chegue a realizar qualquer coisa válida é acreditar em si mesmo.

— E por que deveria?

— Ora, *Dame* Laura, certamente...

— Sou antiquada. Eu preferiria que um homem *conhecesse* a si mesmo, e *acreditasse* em Deus.

— Conhecimento, fé, não são a mesma coisa?

— Perdoe-me, mas não são, absolutamente, a mesma coisa. Uma de minhas teorias favoritas (totalmente irrealizável, é claro, e isso é o que as teorias têm de agradável) é que todos deveriam passar um mês por ano no meio do deserto. Acampados junto a um poço, é claro, e com um suprimento bem grande de tâmaras, ou seja lá o que for que se coma no deserto.

— Poderia ser bastante agradável — disse Richard, sorrindo. — Mas eu insistiria em levar alguns clássicos da literatura.

— Ah, mas aí é que está. Nenhum livro. Livros são uma droga que vicia. Com água e alimentos suficientes, e nada... absolutamente *nada* para fazer, teria, afinal, uma boa oportunidade de se conhecer.

Richard sorriu, descrente:

— Não acha que quase todos se conhecem bastante bem?

— É claro que não! Hoje em dia, não temos tempo de reconhecer nada além das nossas características mais agradáveis.

— Sobre o que os dois estão discutindo? — perguntou Ann, entrando com um copo na mão. — Aqui está seu *brandy* com soda, Laura. Edith já vai trazer o chá.

— Estou propondo minha teoria de meditação no deserto — respondeu Laura.

— É uma das idéias de Laura — disse Ann, rindo. — A gente fica sentado no deserto, sem fazer nada, e descobre que é realmente horrível.

— Mas será que todos têm que ser horríveis? — perguntou Richard secamente. — Sei que os psicólogos nos dizem isso; mas por que, afinal?

— Porque se só tivermos tempo para conhecer uma parte de nós mesmos, como acabei de dizer, escolheremos sempre a mais agradável — respondeu *Dame* Laura resolutamente.

— Está tudo muito bem, Laura — disse Ann, — mas depois de ficarmos sentados no deserto e descobirmos como somos horríveis, de que nos adiantará isso? Seremos capazes de mudar?

— Acho bem pouco provável... mas pelo menos teremos uma indicação de como iremos reagir sob determinadas circunstâncias e (o que é ainda mais importante) *por que* o faremos.

— Mas será que não somos capazes de saber exatamente qual será nossa reação sob dadas circunstâncias? Quero dizer, basta a gente se imaginar nelas.

— Oh, Ann, Ann. Pense em qualquer homem que fica ensaiando o que vai dizer para o chefe, a namorada ou o vizinho. Tem tudo na ponta da língua, mas quando chega o momento de falar, ou fica mudo ou acaba dizendo algo completamente diferente. As pessoas que intimamente estão certas de poder enfrentar qualquer emergência são exatamente aquelas que perdem completamente a cabeça, enquanto aqueles que têm medo de não estar à altura se surpreendem ao dominar totalmente uma situação.

— Sim, mas você não está sendo muito justa. O que está querendo dizer agora é que as pessoas ensaiam diálogos ou ações imaginárias, *como gostariam*

que acontecessem. Provavelmente sabem muito bem que nada vai ser como imaginam. Mas acho que fundamentalmente sempre *sabemos* qual vai ser nossa reação e como... bem, como é nosso caráter.

— Ah, minha querida criança — *Dame* Laura ergueu as mãos, — então você acha que conhece Ann Prentice? Eu me pergunto se isso é verdade...

Edith entrou com o chá.

— Não creio que seja particularmente boa — disse Ann, sorrindo.

— Aqui está a carta da Srta. Sarah, madame. A senhora a deixou no quarto.

— Oh, obrigada Edith.

Ann colocou a carta, ainda fechada, ao lado do prato. *Dame* Laura lançou-lhe um rápido olhar.

Richard bebeu, um tanto apressado, sua taça de chá, e retirou-se.

— Ele está sendo delicado — disse Ann. — Acha que nós duas queremos conversar.

Dame Laura olhou atentamente a amiga. Estava bastante surpresa com a transformação que se operara em Ann. Suas feições tranqüilas tinham florescido numa espécie de beleza. Laura Whitstable já vira isso acontecer antes, e sabia o motivo. Aquele ar radiante e feliz só poderia significar uma coisa: Ann estava apaixonada. Como é injusto, pensou *Dame* Laura, que as mulheres quando amam fiquem com seu melhor aspecto, enquanto os homens apaixonados parecem ovelhas atacadas de melancolia.

— O que tem feito ultimamente, Ann? — perguntou.

— Oh, não sei. Andado por aí. Nada de especial.

— Richard Cauldfield é um amigo novo, não é?

— Sim. Eu o conheço há apenas dez dias. Encontrei-o no jantar de James Grant.

Contou alguma coisa sobre Richard para *Dame* Laura, e acabou perguntando ingenuamente:

— Você gosta dele, não gosta?

Laura, que ainda não havia decidido se gostava ou não de Richard Cauldfield, apressou-se em responder:

— Sim, muito.

— Eu acho, sabe, é que teve uma vida muito triste.

Dame Laura já ouvira muitas vezes essa afirmação. Reprimiu um sorriso e perguntou:

— Tem tido notícias de Sarah?

O rosto de Ann se iluminou.

— Oh, Sarah está se divertindo loucamente. A neve está ótima, e parece que ninguém quebrou nada.

Dame Laura observou secamente que Edith ficaria desapontada. Ambas riram.

— Esta carta é dela. Importa-se que eu abra?

— É claro que não.

Ann rasgou o envelope e leu a cartinha; riu afetuosamente e passou-a para *Dame* Laura.

“Querida mamãe (escrevera Sarah).

A neve tem estado perfeita. Todos dizem que esta foi a melhor temporada até hoje. Lou fez o teste, mas infelizmente foi reprovada. Roger tem treinado bastante comigo, o que é muita bondade dele, uma vez que é tal figurão no mundo do esqui. Jane diz que ele está interessado em mim, mas realmente não acredito. Acho que sente um prazer sádico em me olhar enquanto me emaranho toda e caio de cabeça nos montes de neve. *Lady* Cronsham está aqui com aquele sul-americano horrível. Eles são mesmo *blatant*. Estou meio apaixonada por um dos guias (incrivelmente lindo), mas infelizmente ele não me dá a mínima confiança, pois está acostumado a despertar essas paixonites. Ao menos aprendi a dançar valsa no gelo.

E você como está, querida? Espero que esteia saindo bastante com todos os seus namorados. Mas não vá longe demais com o velho coronel — ele tem às vezes um brilho estranho no olhar! Como vai o professor? Tem lhe contado alguns ritos matrimoniais bem grosseiros ultimamente? Até breve. Com amor, Sarah.”

Dame Laura devolveu a carta.

— É, Sarah parece estar se divertindo. Suponho que o professor seja aquele seu amigo arqueólogo?

— Sim, Sarah sempre caçoa comigo por causa dele. Tinha intenção de

convidá-lo para almoçar, mas tenho estado tão ocupada!

— Sim, parece ter estado mesmo...

Ann dobrava e desdobrava a carta de Sarah. Por fim, disse num meio suspiro:

— Ah, meu Deus...

— Por que o “Ah, meu Deus”?

— Ora, creio que é melhor eu lhe contar logo. De qualquer modo, provavelmente já adivinhou. Richard Cauldfield pediu que eu casasse com ele.

— Quando foi isso?

— Oh, só hoje.

— E você vai casar?

— Acho que sim... Por que estou dizendo isto? É claro que vou.

— Foi rápido, Ann.

— Você quer dizer que o conheço há pouco tempo. Ah, mas nós estamos bem certos.

— E você sabe muita coisa sobre ele, através do Coronel Grant. Estou contente por você, minha querida. Parece muito feliz.

— Suponho que vá achar uma bobagem, Laura, mas eu o amo muito.

— Por que pareceria bobagem? Sim, pode-se ver que gosta dele.

— E ele me ama.

— Isso também é evidente. Nunca vi um homem parecer tanto com um carneiro.

— Richard não parece um carneiro.

— Um homem apaixonado *sempre* se parece com um carneiro. Deve ser alguma lei da natureza.

— Mas você gosta dele, Laura? — insistiu Ann.

Desta vez, Laura Whitstable não respondeu tão depressa.

— Ele é um tipo de homem, muito simples, sabe Ann.

— Simples? Talvez. Mas isso não é bem agradável?

— Bem, pode ter as suas dificuldades. Ele é sensível, ultra-sensível.

— Você observou bem, Laura. Alguns não perceberiam.

— Eu não sou “alguns”. — Hesitou antes de continuar. — Já contou a Sarah?

— Não, é claro que não. Já lhe disse. Aconteceu hoje.

— O que eu quis perguntar, realmente, foi se você falou nele nas suas cartas... se preparou o caminho.

— Não... não, não, para falar a verdade. — Fez uma pausa e continuou:
— Terei que escrever e contar a ela.

— Sim.

Novamente Ann hesitou antes de falar:

— Não creio que ela se importe muito; e você?

— É difícil dizer.

— Ela é sempre tão carinhosa comigo. Ninguém imagina como Sarah pode ser carinhosa... quero dizer, sem falar coisa alguma. É claro... suponho...

— Ann olhou para a amiga com ar de súplica. — Talvez ela vá achar engraçado.

— É bem possível. Você se importa?

— Oh, eu não me importo. Mas Richard vai se importar.

— Sim... sim. Bem, Richard vai ter que engolir, não vai? Mas eu certamente contaria tudo a Sarah antes que ela voltasse. Daria tempo para que ela se acostumasse com a idéia. A propósito, quando pensa casar?

— Richard quer que seja o mais cedo possível. E não há mesmo nenhuma razão para esperar, não acha?

— Realmente. Eu diria que quanto mais cedo vocês casassem, melhor.

— Foi uma sorte... Richard acaba de conseguir um emprego, com Hellner Bros. Conheceu um dos sócios interessados em Burma, durante a guerra. É uma sorte, não é; mesmo?

— Minha querida, tudo parece muito bem. — Voltou a falar, suavemente:
— Estou muito contente por você.

Levantando-se, Laura Whitstable aproximou-se de Ann e a beijou.

— Então... por que a testa franzida?

— É por causa de Sarah... esperando que ela não vá se importar.

— Minha querida Ann, qual vida você está vivendo... a sua ou a dela?

— A minha, é claro, mas...

— Se ela achar ruim, achou, ora! Acabará aceitando. Ela gosta muito de você, Ann.

— Oh, eu sei.

— É bastante incômodo ser amado. Quase todo mundo descobre isso mais

cedo ou mais tarde. Quanto menos pessoas nos amarem, menos teremos que sofrer. Que sorte a minha, que a maioria das pessoas me deteste, e o resto sinta por mim apenas uma alegre indiferença.

— Laura, isso não é verdade. Eu...

— Adeus, Ann. E não obrigue o seu Richard a dizer que gosta de mim. Na verdade ele me detestou, mas isso não tem a menor importância.

Naquela noite, durante um jantar oficial, o erudito sentado junto a *Dame* Laura ficou desapontado quando, ao terminar de expor uma inovação revolucionária no tratamento por eletrochoques, descobriu que ela o olhava totalmente distraída.

— Você não estava ouvindo — exclamou, em tom de censura.

— Sinto muito, David. Estava pensando numa mãe e numa filha.

— Ah, sim, um caso — disse ele, interessado. — Não, não um caso.

Amigas.

— Uma dessas mães possessivas?

— Não — respondeu ela. — Neste caso, trata-se de uma filha possessiva.

Capítulo V

1

— BEM, MINHA QUERIDA ANN — disse Geoffrey Fane, — certamente lhe dou meus cumprimentos, ou seja lá o que for que se costuma dizer nessas ocasiões. Hum... Ele é um felizardo, se me permite dizê-lo. Sim, um homem de muita sorte. Eu não o conheço, não é mesmo? Não consigo recordar o nome.

— Não, eu o conheço há apenas algumas semanas.

O professor Fane espiou docemente por cima dos óculos, como era seu hábito.

— Meu Deus — disse em tom de reprovação. — Não é tudo um tanto repentino? Precipitado?

— Não, acho que não.

— Entre os Matawayala, existe um período de corte de pelo menos um ano e meio.

— Deve ser uma gente muito cautelosa. Pensei que os selvagens obedecessem a impulsos primitivos.

— Os Matawayala estão longe de ser selvagens — respondeu Geoffrey Fane em voz chocada. — Sua cultura é muito característica. Seus rituais de casamento são curiosamente complexos. Na véspera da cerimônia, os amigos da noiva... ha, hum... bem, talvez seja melhor não falar nisso. Mas é realmente muito interessante, e parece sugerir que nalguma época o ritual sagrado do casamento da sacerdotisa-mor... não, acho que não devo continuar. Vamos falar do presente de casamento. Qual o presente que gostaria de receber, Ann?

— Você não precisa me dar nenhum presente, Geoffrey.

— É geralmente alguma coisa de prata, não é mesmo? Parece que me lembro de ter comprado uma caneca de prata... ah, não, isso foi para um batizado. Colheres, talvez? Ou uma torradeira? Ah, já sei: um centro de mesa. Mas Ann,

você sabe alguma coisa sobre esse sujeito? Quero dizer, ele tem quem o recomende... amigos comuns, essas coisas? Porque a gente sempre lê coisas tão extraordinárias!

— Ele não me apanhou no cais, nem eu fiz um seguro de vida em seu favor.

Geoffrey Fane espiou para ela ansiosamente, e ficou aliviado ao descobrir que ela estava rindo.

— Está bem. Está certo. Temi que tivesse ficado aborrecida comigo. Mas é preciso ter cuidado. E o que a menina acha de tudo isso?

O rosto de Ann anuviou-se por um momento.

— Escrevi para Sarah... ela está na Suíça, sabe... mas não tive resposta. É claro que mal dava tempo para ela responder, mas eu esperava...
— interrompeu-se.

— É difícil lembrar de responder cartas. Acho cada vez mais difícil. Fui convidado a fazer uma série de conferências em Oslo, em março. Tive a intenção de responder, mas esqueci completamente. Fui descobrir a carta ontem... metida no bolso de um casaco velho.

— Ora, ainda tem bastante tempo — disse Ann, querendo consolá-lo.

Geoffrey Fane voltou para ela os suaves olhos azuis, cheio de tristeza.

— Mas o convite era para março passado, querida Ann.

— Ah, céus! Mas Geoffrey, como é que uma carta pode ficar todo esse tempo no bolso de um casaco?

— Era o meu casaco mais velho. Uma das mangas estava quase solta, o que o deixava muito incômodo. Eu... hmm... o deixei de lado.

— Alguém devia mesmo tomar conta de você, Geoffrey.

— Prefiro que *não* cuidem de mim. Tive uma vez uma governanta muito eficiente, ótima cozinheira, mas uma dessas inveteradas maníacas por limpeza. Chegou a pôr fora minhas anotações sobre os fazedores de chuva de Bulyano. Uma perda irreparável. Sua desculpa foi alegar que elas estavam dentro do balde de carvão... mas, como eu disse a ela, “um balde de carvão não é uma cesta de papéis, Sra...” Sei lá como se chamava. Temo que as mulheres não tenham nenhum sentido de proporção. Dão uma importância absurda à limpeza, tarefa que realizam como se fosse um ato ritual.

— Algumas pessoas dizem que é mesmo, não dizem? Laura Whitstable (você a conhece, naturalmente) me deixou realmente horrorizada com o significado sinistro que parecia atribuir às pessoas que lavam o pescoço duas vezes por dia. Aparentemente, quanto mais sujos formos, mais limpo será nosso coração!

— Re... almente? Bem, tenho que ir andando — suspirou. — Sentirei sua falta, Ann, mais do que poderia dizer.

— Mas você não vai me perder, Geoffrey. Não vou embora daqui. Richard trabalha em Londres. Tenho certeza de que vai gostar dele.

Geoffrey Fane voltou a suspirar.

— Não será a mesma coisa. Não, não, quando uma mulher bonita casa com outro homem... — apertou a mão dela. — Você significou muito para mim, Ann. Cheguei a ter a esperança... mas não, não, teria sido impossível. Um velho fóssil como eu. Não, você se aborreceria. Mas gosto muito de você, Ann, e desejo sinceramente que seja feliz. Sabe do que você sempre me fez lembrar? daquelas frases de Homero.

Citou, com visível prazer, um longo trecho em grego.

— Aí está — concluiu, sorrindo.

— Muito obrigada, Geoffrey. Não sei o que significa...

— Quer dizer...

— Não, não me diga. Nunca seria tão belo quanto parece. Que bela língua é o grego! Adeus, querido Geoffrey, e obrigada. Não vá esquecer seu chapéu. Esse não é seu guarda-chuva, é a sombrinha de Sarah... e... espere um minuto: aqui está sua pasta.

Fechou a porta atrás dele.

Edith pôs a cabeça para fora da porta da cozinha.

— Desamparado como um bebê, não é mesmo? Mas não que seja gagá. Acho que até é bem inteligente, nos assuntos dele. Embora eu ache que essas tribos indígenas de quem ele gosta tanto têm umas idéias bem sujas. Aquela figura de madeira que ele trouxe para a senhora eu guardei no fundo da rouparia; está precisando de um sutiã e de uma folha de parreira. E, no entanto, o velho professor não é capaz de um mau pensamento. E nem é tão velho assim.

— Tem quarenta e cinco anos.

— É isso. Foi esse estudo todo que fez ele perder o cabelo daquele jeito. O

meu sobrinho teve uma febre e perdeu todo o cabelo. Ficou careca como um ovo. Mas cresceu de novo, depois de um tempo. Tem duas cartas aqui.

Ann apanhou-as.

— Correspondência devolvida? — Seu rosto mudou. — Oh, Edith, é a carta que escrevi a Sarah. Como sou idiota! Enderecei ao hotel e não escrevi o nome do lugar. Não sei o que há comigo ultimamente.

— Eu sei — disse Edith, de maneira significativa.

— Faço as coisas mais estúpidas... Esta outra é de *Dame* Laura... oh, que amor... tenho que telefonar a ela.

Foi até a sala, e discou.

— Laura? Acabo de receber sua carta. É muita gentileza. Nada me agradaria mais do que um Picasso. Sempre quis ter um. Vou pendurá-lo sobre a escrivaninha. Você é muito boa para mim. Oh, Laura, tenho sido tão idiota! Escrevi a Sarah, contando tudo... e agora minha carta voltou. Só escrevi “Hôtel des Alpes, Suíça”. Pode *imaginar* alguém ser tão pateta?

A voz profunda de Laura disse:

— Hmm, interessante.

— O que quer dizer com “interessante”?

— Só o que disse.

— Conheço esse tom de voz. Você está querendo dizer alguma coisa. Está insinuando que eu na verdade não queria que Sarah recebesse minha carta, ou coisa parecida. É essa sua teoria irritante que todos os erros são cometidos deliberadamente.

— A teoria não é bem minha.

— Bem, de qualquer modo, não é verdade. Cá estou eu, com Sarah voltando para casa depois de amanhã, e tendo de contar-lhe pessoalmente, o que será muito mais embaraçoso. Simplesmente não saberei como começar.

— Sim, é o que merece por não querer que Sarah recebesse aquela carta.

— Mas eu queria que ela recebesse. Não seja tão irritante.

Ouviu-se um riso reprimido no outro lado da linha.

Ann disse, mal-humorada:

— De qualquer maneira, é uma teoria ridícula! Ora, Geoffrey Fane acaba de sair daqui. Ele recebeu um convite para fazer conferências em Oslo em março

do ano passado, e só agora o encontrou, perdido num bolso. Você com certeza diria que ele o extraviou de propósito?

— Ele queria fazer conferências em Oslo? — perguntou *Dame* Laura.

— Suponho... bem, não sei.

Dame Laura disse: “interessante”, numa voz maliciosa, e desligou.

2

Richard Cauldfield comprou um ramo de narcisos na florista da esquina.

Estava de bom humor. Após as primeiras dificuldades, começava a se ajustar à rotina do novo emprego. Achava Merrick Hellner, seu chefe, bastante simpático; e a amizade, iniciada em Burma, permanecia estável na Inglaterra. O trabalho não era técnico. Era um serviço administrativo comum, no qual um conhecimento de Burma e do Oriente vinha a calhar. Richard não era um homem brilhante, mas era escrupuloso, trabalhador, e tinha bastante bom-senso.

Os primeiros reveses de sua volta à Inglaterra foram esquecidos. Era como se começasse uma vida nora, com tudo a seu favor. Trabalho adequado, um patrão amável e compreensivo, e a perspectiva próxima de casar com a mulher amada.

A cada dia, de novo se admirava de que Ann gostasse dele. Como ela era meiga, gentil e atraente! E no entanto às vezes, quando ele expressava firmemente suas idéias, de maneira um tanto dogmática, ao levantar os olhos dava com ela a olhá-lo com um sorriso malicioso. Poucas vezes haviam rido dele, e a princípio não estava certo de que isso o agradasse; mas afinal foi forçado a admitir que, vindo de Ann, poderia aceitar, e até mesmo gostar disso.

Quando Ann dizia: “Não estamos sendo arrogantes, querido?” ele a princípio franzira o cenho, depois acompanhava o riso, e dizia: “Acho que estava sendo um pouco prepotente”.

E uma vez ele lhe disse:

— É muito boa para mim, Ann. Você me faz muito mais humano.

Ela retrucou rapidamente:

— Nós dois somos bons um para o outro.

— Não há muito que eu possa fazer, exceto protegê-la e cuidar de você.

— Não me proteja demais. Não encoraje minhas fraquezas.

— Suas fraquezas? Ora, você não tem nenhuma!

— Oh, tenho sim, Richard. Gosto que as pessoas fiquem contentes comigo. Não gosto de contrariar ninguém. Não gosto de brigas, nem de confusões.

— Graças a Deus! Eu detestaria ter uma mulher brigona, sempre discutindo. Já vi várias, eu lhe garanto. A coisa que mais admiro em você, Ann, é estar sempre tranqüila e de bom humor. Minha querida, como vamos ser felizes juntos!

— Sim, acho que vamos.

Pensou que Richard tinha mudado bastante desde a noite em que o conhecera. Não tinha mais aquele jeito agressivo de um homem na defensiva. Estava, como ele mesmo dissera, muito mais humano. Mais seguro de si, e portanto mais tolerante e amável.

Richard apanhou os narcisos e caminhou até o bloco de apartamentos. O de Ann era no terceiro andar. Subiu pelo elevador, após ser saudado amavelmente pelo porteiro, que a esta altura já o conhecia bem de vista.

Edith abriu-lhe a porta e ele ouviu, lá do fim do corredor, a voz de Ann chamando um tanto ansiosa:

— Edith! Edith, você viu minha bolsa? Deixei-a em algum lugar.

— Boa tarde, Edith — disse Cauldfield ao entrar.

Nunca se sentia muito à vontade com Edith, e tentava dissimular o fato com uma cordialidade exagerada que não parecia muito natural.

— Boa tarde, senhor — disse Edith respeitosamente.

— Edith! — a voz de Ann soava com insistência, vinda do quarto. — Não me ouviu? *Venha!*

Ela saiu para o corredor bem quando Edith disse:

— É o Sr. Cauldfield, madame.

— Richard? — Ann veio pelo corredor na direção dele, parecendo surpresa.

Puxou-o para a sala, dizendo a Edith, por sobre o ombro:

— Você *tem* que achar aquela bolsa. Veja se a deixei no quarto de Sarah.

— Da próxima vez, perde a cabeça — falou Edith.

Richard franziu as sobrancelhas. A liberdade de expressão de Edith feria seu senso de decoro. Os criados não falavam assim quinze anos atrás.

— Richard, não o esperava hoje. Pensei que viria almoçar amanhã. — Ela parecia surpresa, e um tanto constrangida.

— Amanhã parecia muito longe — disse ele, sorrindo. — Trouxe-lhe isto.

Ao entregar-lhe os narcisos, enquanto ela dava demonstrações de alegria, ele subitamente notou que já havia uma profusão de flores na sala. Um vaso de jacintos estava na mesinha baixa, junto ao fogo, e havia jarros de tulipas e de narcisos.

— Parece muito festiva — observou.

— É claro. Sarah volta hoje para casa.

— Oh, sim... sim, é verdade. Sabe, eu havia esquecido.

— Oh, Richard.

Ela falou em tom de censura. Era verdade, ele esquecera. Sabia perfeitamente o dia da chegada dela, mas quando ele e Ann haviam ido juntos ao teatro na noite anterior, nenhum dos dois fizera referência ao fato. No entanto, tinham discutido o assunto, e concordado em que Sarah teria Ann só para si na noite em que voltasse, e que ele viria almoçar no dia seguinte, para conhecer a futura enteada.

— Sinto muito, Ann. Na verdade me fugiu da memória. Você parece muito animada — acrescentou, com um ligeiro tom reprovador.

— Bem, voltas ao lar são sempre um tanto especiais, não acha?

— Acho que sim.

— Estou saindo para encontrá-la na estação. — Olhou o relógio. — Oh, está bem. De qualquer modo, acho que o trem vai chegar atrasado. Ele geralmente chega.

Edith entrou marchando na sala, carregando a bolsa de Ann.

— A rouparia... foi lá que deixou.

— É claro, quando estava procurando as fronhas. Pôs os lençóis verdes na cama dela? Não esqueceu?

— Ora, eu alguma vez esqueço?

— E lembrou dos cigarros?

— Sim.

— E Toby e Jumbo?

— Sim, sim, sim.

Balançando indulgentemente a cabeça, Edith saiu da sala.

— Edith! — Ann chamou-a de volta e estendeu-lhe os narcisos. — Ponha num vaso, sim?

— Vai ser difícil encontrar um. Não se preocupe, eu acho alguma coisa. — Apanhou as flores e saiu.

Richard falou:

— Você está alvoroçada como uma criança, Ann.

— Bem, é tão bom pensar em voltar a ver Sarah!

Ele perguntou em tom de troça, embora com uma leve dureza na voz:

— Há quanto tempo não a vê? Três semanas inteiras?

— Sei que provavelmente estou sendo ridícula — Ann sorriu candidamente — mas gosto muito de Sarah, mesmo. Você não gostaria que eu não a amasse, gostaria?

— É claro que não. Estou ansioso por conhecê-la.

— Ela é tão impulsiva e afetuosa. Tenho certeza de que vocês vão se dar bem.

— Estou certo que sim — acrescentou, ainda sorrindo. — Ela é sua filha, portanto é certamente uma pessoa encantadora.

— Que gentil de sua parte dizer isso, Richard — pousou as mãos nos ombros dele, e levantou o rosto. — Querido Richard — murmurou ao beijá-lo. Então acrescentou: — Você... você será paciente, não, querido? Quer dizer... você vê, nós nos casarmos pode ser até certo ponto um choque para ela. Se ao menos eu não tivesse feito aquela tolice com a carta!

— Ora, vamos, acalme-se querida. Sabe que pode confiar em mim. Talvez Sarah custe a aceitar de início, mas devemos fazê-la ver que é realmente uma idéia muito boa. Eu lhe asseguro que não me ofenderei com coisa alguma que ela disser.

— Oh, ela não *dirá* coisa alguma. Sarah é muito bem educada. Mas ela tem tanto horror a qualquer tipo de mudança!

— Bem, anime-se, querida. Afinal de contas, ela não pode impedir o casamento, pode?

Ann não respondeu à brincadeira. Ainda parecia preocupada.

— Se ao menos eu tivesse escrito logo...

Richard falou, rindo abertamente:

— Você está com o ar exato da menininha que foi apanhada roubando geléia! Vai dar tudo certo, querida. Sarah e eu logo seremos amigos.

Ann olhou-o com ar de dúvida. Não gostou da segurança da atitude dele; preferiria que estivesse um pouco mais nervoso.

Richard continuou:

— Querida, você precisa mesmo não deixar que as coisas a preocupem assim.

— Eu habitualmente não deixo — disse Ann.

— Deixa, sim. Cá está você tremendo, quando a coisa toda é perfeitamente simples e coerente.

— É só que estou... bem, acanhada. Não sei exatamente o que dizer, como explicar.

— Por que não dizer apenas “Sarah, este é Richard Cauldfield. Vou casar-me com ele daqui a três semanas”.

— Assim tão cruamente? — Ann sorriu, a despeito de si mesma. Richard retribuiu o sorriso.

— Não é mesmo a melhor maneira?

— Talvez seja — ela hesitou. — O que você não percebe é que eu vou me sentir tão... tão terrivelmente boba.

— Boba? — ele a interrompeu vivamente.

— A gente se sente mesmo boba ao contar a uma filha crescida que vai casar.

— Não posso ver por quê.

— Suponho que é porque os jovens inconscientemente consideram que a gente tenha acabado esse tipo de coisa. Para eles, nós somos *velhos*. Eles acham que o amor (apaixonar-se, quero dizer) é monopólio da juventude. Não podem deixar de achar ridículo que pessoas de meia-idade se apaixonem e se casem.

— Não há nada de ridículo nisso — disse Richard bruscamente.

— Não para *nós*, porque *somos* de meia-idade.

Richard franziu as sobrancelhas. Quando falou, foi com uma certa aspereza:

— Agora olhe aqui, Ann, sei que você e Sarah são muito devotadas uma à outra. Acho provável que a menina venha a se sentir um tanto magoada e

enciumada. Eu entendo; é natural, e estou disposto a aceitar isso. Acho provável que ela me deteste, de início... mas vai acabar mudando de opinião. É preciso fazê-la entender que você tem direito a viver sua própria vida, a encontrar sua própria felicidade.

Um leve rubor subiu ao rosto de Ann.

— Sarah não vai se ressentir com o que você chama de “minha felicidade” — disse ela. — Sarah nada tem de egoísta ou mesquinha. É a criatura mais generosa do mundo.

— A verdade é que você está se enervando por nada, Ann. Sarah talvez fique até bem contente que você case. Isso a deixará mais livre para viver sua própria vida.

— Viver sua própria vida — Ann repetiu a frase com sarcasmo. — Francamente, Richard, você fala como um romance vitoriano.

— A verdade é que vocês, mães, nunca querem que o pássaro abandone o ninho.

— Você está muito enganado, Richard. Totalmente enganado.

— Não quero aborrecê-la, querida, mas às vezes até o amor da mais devotada das mães pode ser demasiado. Ora, lembro de quando eu era jovem. Gostava muito de meu pai e de minha mãe, mas morar com eles era muitas vezes exasperante. Sempre me perguntando aonde ia, e a que horas ia voltar. “Não esqueça sua chave”; “Tente não fazer barulho quando entrar”; “Esqueceu de apagar a luz do *hall*, da última vez”; “O quê? Sair *de novo* esta noite?”; “Não parece gostar nem um pouco de sua casa, depois de tudo que fizemos por você”. — Fez uma pausa. — Eu *gostava* da minha casa... mas, Meu Deus, como eu queria só me sentir livre!

— Entendo tudo isso, é claro.

— Então não deve se sentir ferida se no final Sarah desejar mais sua independência do que você pensa. Lembre-se de que há tantas carreiras abertas às moças hoje em dia.

— Sarah não é do tipo de fazer carreira.

— Isso é o que você diz. Mas lembre-se de que a maioria das moças trabalha.

— Isso é em grande parte uma questão de necessidade econômica, não

é?

— O que quer dizer com isso?

Ann falou com impaciência:

— Você está uns quinze anos atrasado, Richard. Houve uma época em que era moda “levar a própria vida” e “sair para o mundo”. As moças ainda o fazem mas não há encanto algum nisso. Com as taxas e os impostos que recaem sobre as heranças, e todo o resto da história, uma moça faz bem em se preparar para alguma coisa. Sarah não tem nenhuma tendência em especial. Ela tem algum conhecimento de línguas modernas, e está fazendo um curso de decoração floral. Uma amiga nossa dirige uma loja de decorações florais e conseguiu um lugar para Sarah lá. Acho que ela vai gostar bastante, mas é só um emprego e nada mais que isso. Não, é inútil falar tão solenemente nesse negócio todo de independência. Sarah adora a casa dela e é perfeitamente feliz aqui.

— Sinto muito se a contrariei, Ann, mas... — interrompeu-se quando Edith enfiou a cabeça para dentro da sala. Seu rosto tinha a expressão de alguém que escutou mais do que pretende admitir.

— Não quero interrompê-la, madame, mas sabe que horas são?

Ann olhou o relógio.

— Ainda tenho muito... ora, está marcando exatamente a mesma hora que marcava da última vez que olhei. — Levou o relógio ao ouvido. — Richard, ele parou. Que horas são realmente, Edith?

— Passam vinte minutos da hora.

— Meu Deus, não vou encontrá-la. Mas os trens estão sempre atrasados, não estão? Onde está minha bolsa? Oh, aqui. Há muitos táxis agora, graças a Deus. Não, Richard, não venha comigo. Olhe, fique e tome chá conosco. Sim, fique. Sério. Acho que seria melhor. Acho mesmo. *Tenho* que ir.

Saiu correndo da sala. A porta da frente bateu. O balanço do casaco de pele tinha tirado duas tulipas do vaso. Edith parou para apanhá-las e voltou a arrumá-las cuidadosamente no vaso, dizendo enquanto o fazia:

— Tulipas são as flores favoritas da Srta. Sarah. Sempre foram, especialmente as lilases.

Richard disse, um pouco irritado:

— Tudo aqui parece girar em torno da Srta. Sarah.

Edith lançou-lhe um rápido olhar. Seu rosto permaneceu imperturbável — desaprovador como sempre. Falou, na sua voz insípida e fria:

— Ah, ela é insinuante, isso não se pode negar. Já notei muitas vezes como tem moças que deixam as coisas desarrumadas, esperam que tudo seja consertado para elas, fazem a gente gastar os pés de tanto arrumar a desordem que fazem... e ainda assim não há o que a gente não faça por elas! Tem outras que não incomodam nada, tudo arrumadinho, nada de trabalho demais... e, no entanto, veja só, a gente parece que não gosta delas do mesmo jeito. Diga o que disser, é um mundo injusto. Só um político maluco pode falar em quinhões justos para todos. Uns têm um milhão, outros um tostão, e a coisa é assim mesmo.

Movia-se pela sala enquanto falava, pondo em ordem um ou dois objetos e afofando uma das almofadas.

Richard acendeu um cigarro, e perguntou amavelmente:

— Você está há muito tempo com a Sra. Prentice, não Edith?

— Mais de vinte anos. Vinte e dois, quero dizer. Vim para a mãe dela antes da Srta. Ann casar com o Sr. Prentice. Um cavalheiro muito bom, ele era.

Richard lançou-lhe um olhar penetrante. Seu ego ultra-sensível levou-o a imaginar que houvera uma ligeira ênfase no “ele”.

Perguntou:

— A Sra. Prentice lhe contou que vamos nos casar em breve?

Edith sacudiu a cabeça.

— Não que precisasse contar — disse ela.

Richard, falando em tom solene porque estava acanhado, continuou, um tanto constrangido:

— Eu... eu espero que sejamos bons amigos, Edith.

Edith disse sombriamente:

— Eu também espero, senhor.

Richard continuou, ainda falando em tom formal:

— Temo que possa significar trabalho a mais para você, mas precisamos arranjar alguém que ajude...

— Não gosto dessas mulheres que vêm. Quando estou sozinha, sei onde estou. Sim, vai mudar muito ter um cavalheiro na casa. Para começar, as refeições

são diferentes.

— Na verdade não sou de comer muito — Richard lhe assegurou.

— É o *tipo* de refeição — disse Edith. — Cavalheiros não aprovam bandejas.

— As mulheres as aprovam um pouco demais.

— Isso pode ser — admitiu Edith. Numa voz lúgubre, acrescentou: — Não nego que um cavalheiro em casa anima as coisas.

Richard sentiu-se quase enjoativamente agradecido.

— É muita bondade sua, Edith — disse com entusiasmo.

— Oh, pode confiar em mim, senhor. Eu não vou deixar a Sra. Prentice. Não deixo por nada deste mundo. E, afinal, nunca foi do meu feitio abandonar o barco se há barulho a bordo.

— Barulho? O que quer dizer com barulho?

— Tempestade.

Richard repetiu o que ela dissera:

— Tempestade?

Edith encarou-o sem pestanejar.

— Ninguém me pediu conselho — disse ela. — E eu não sou do tipo que vai dando sem que peçam. Mas uma coisa eu digo: se a Srta. Sarah tivesse voltado para casa e a coisa toda estivesse feita e acabada... bem, teria sido melhor, se é que me entende.

A campainha da porta da frente tocou, e logo voltou a soar insistentemente.

— E eu sei muito bem quem é — disse Edith.

Saiu para o vestíbulo. Quando abriu a porta, ouviram-se duas vozes, uma feminina e outra masculina. Houve risos e exclamações.

— Edith, minha jóia! — Era uma voz de moça, uma voz cálida de contralto. — Onde está Mamãe? Vamos, Gerry, jogue esses esquis na cozinha.

— Não, na minha cozinha é que não!

— Onde está Mamãe? — repetiu Sarah Prentice, entrando na sala e falando por sobre o ombro.

Era uma moça alta e morena, e seu vigor e vitalidade exuberantes surpreenderam Richard Cauldfield. Ele vira fotografias de Sarah pelo apartamento,

mas uma fotografia nunca pode retratar a vida. Ele tinha esperado uma edição mais jovem de Ann — uma edição mais dura, mais moderna, mas o mesmo tipo. Mas Sarah Prentice se parecia com o pai, alegre e encantadora. Era exótica e impaciente, e sua simples presença parecia transformar toda a atmosfera do apartamento.

— Oh, tulipas adoráveis — exclamou ela, curvando-se por sobre o vaso. — Elas têm aquele leve cheiro de limão que é absolutamente primavera. Eu...

Seus olhos se arregalaram enquanto ela endireitava o corpo e via Cauldfield. Ele se adiantou, dizendo:

— Meu nome é Richard Cauldfield.

Sarah apertou-lhe a mão delicadamente, perguntando de maneira educada:

— Está esperando por Mamãe?

— Receio que ela tenha recém-saído para esperá-la na estação... deixe-me ver... há cinco minutos.

— Que coisa mais idiota! Por que Edith não a fez sair em tempo? Edith!

— O relógio dela tinha parado.

— Os relógios de Mamãe... Gerry... Onde você anda, Gerry?

Um rapaz de rosto bonito e expressão um tanto descontente espiou para dentro por um momento, com uma mala em cada mão.

— Gerry, o robô humano — observou ele. — Onde quer tudo isto, Sarah? Por que vocês não têm porteiros nesses apartamentos?

— Nós temos. Mas eles nunca estão por perto se a gente chega com bagagem. Leve para o meu quarto, Gerry. Oh, este é o Sr. Lloyd. Senhor...

— Cauldfield — disse Richard.

Edith entrou. Sarah agarrou-a e deu-lhe um beijo estalado.

— Edith, é adorável ver sua carinha de gato rabugento.

— Gato rabugento uma ova — disse Edith, indignada. — E não vá me beijando, Srta. Sarah. Devia conhecer melhor o seu lugar.

— Não fique tão zangada, Edith. Você sabe que está encantada em me ver. Como tudo parece limpo! Está tudo igualzinho. Os estofados, e a caixa de conchas de Mamãe... oh, vocês mudaram o sofá de lugar. E a escrivaninha costumava ficar lá.

— Sua mãe diz que assim fica mais espaçoso.

— Não, eu quero como era antes. Gerry! Gerry, onde anda você?

Gerry Lloyd entrou, perguntando:

— O que é, agora?

Sarah já estava arrastando a escrivaninha. Richard fez menção de ajudá-la, mas Gerry disse animadamente :

— Não se incomode, senhor, eu faço. Onde você a quer, Sarah?

— Onde estava antes. Lá.

Quando tinham mudado a escrivaninha e empurrado o sofá para a antiga posição, Sarah suspirou e disse:

— Assim é melhor.

— Não estou tão certo disso — replicou Gerry, afastando-se para observar o efeito.

— Bem, eu estou — retrucou Sarah. — Gosto que tudo esteja igual. De outro modo, não é minha casa. Onde está a almofada de passarinhos, Edith?

— Foi para a lavanderia.

— Oh, bem, está certo. Tenho que ir ver meu quarto. — Parou na portada, para dizer: — Prepare uns drinques, Gerry. Dê um ao Sr. Coalfield. Você sabe onde estão as coisas.

— Certo — Gerry olhou para Richard. — O que vai tomar? Martini, gim e laranja? *Pink-gin*?

Richard tomou uma súbita decisão.

— Não, muito obrigado. Nada para mim. Tenho de sair.

— Não vai esperar até a Sra. Prentice voltar? — Gerry tinha maneiras agradáveis e encantadoras. — Não penso que ela vá demorar. Assim que descobrir que o trem já chegou, vai voltar direto.

— Não, preciso ir. Diga à Sra. Prentice que o... compromisso... está de pé... para amanhã.

Cumprimentou Gerry com a cabeça e saiu para o vestíbulo. Podia ouvir pelo corredor a voz de Sarah, vinda do quarto, falando com Edith numa torrente de palavras.

Melhor não ficar agora, pensou. O plano original dele e de Ann fora o acertado. Ela poderia contar a Sarah esta noite, e amanhã ele viria almoçar e começar a fazer amizade com a futura enteada.

Estava perturbado porque Sarah não era como tinha imaginado. Ele pensara nela como superprotegida por Ann, como dependente dela. Sua beleza, sua vitalidade e segurança o haviam assustado.

Até aqui, ela fora uma mera abstração. Agora era realidade.

Capítulo VI

SARAH voltou à sala, fechando um robe de brocado.

— Eu tinha que tirar aquela roupa de esqui. Quero mesmo um banho. Como os trens são sujos! Tem um drinque para mim, Gerry?

— Cá está.

Sarah apanhou o copo.

— Obrigada. Aquele homem já foi? Bom trabalho.

— Quem era ele?

— Nunca o vi na minha vida — disse Sarah. Riu: — Deve ser um desses que Mamãe pega na rua.

Edith entrou na sala para puxar as cortinas, e Sarah perguntou:

— Quem era ele, Edith?

— Um amigo de sua mãe, Srta. Sarah. — Edith deu um puxão nas cortinas e rumou para a segunda janela.

Sarah disse animadamente:

— Já era tempo de voltar para casa e escolher os amigos dela.

Edith disse “Ah”, e puxou a segunda cortina. Então, olhando fixamente para Sarah, ela falou:

— Não gostou dele?

— Não, não gostei.

Edith resmungou alguma coisa e saiu da sala.

— O que foi que ela disse, Gerry?

— Acho que falou que era uma pena.

— Que engraçado.

— Parecia misteriosa.

— Ora, você sabe como ela é. Por que Mamãe não chega? Por que tem que ser tão confusa?

— Ela não costuma ser muito confusa. Eu, pelo menos, não diria isso.

— Foi delicadeza sua vir me receber, Gerry. Sinto nunca ter escrito, mas você sabe como é a vida. Como conseguiu sair do escritório a tempo de ir à Vitória?

Houve uma ligeira pausa, antes que Gerry dissesse:

— Oh, não foi particularmente difícil, face às circunstâncias.

Sarah sentou-se, muito atenta, e olhou para ele.

— Então, Gerry, conte logo. O que há de errado?

— Nada. Só que as coisas não saíram muito bem.

Sarah falou em tom acusador:

— Você disse que ia ser paciente e manter a calma.

Gerry franziu as sobrancelhas.

— Sei de tudo isso, querida, mas você não tem idéia do que tem sido. Bom Deus, voltar para casa depois de um lugar como a Coréia, onde tudo é infernal mas ao menos a maioria dos caras é decente, e se ver preso num escritório ganancioso da City. Você não imagina como é o Tio Luke. Gordo e ofegante, com olhinhos vivos como os de um porco. “Contente em vê-lo em casa, meu filho”. — Gerry era um bom mímico. Ele arquejava a cada palavra, num jeito asmático e untuoso. — “Er... ah... espero que, agora que essa agitação acabou, você venha para o escritório e aa... aa... e se esforce mesmo de verdade. Nós estamos... aa... com falta de pessoal... acho que posso dizer que há... excelentes perspectivas se você levar mesmo a sério o trabalho. Naturalmente começará de baixo. Nada... aa... de favores, é o meu lema. Você já teve um longo período de folga... agora veremos se pode começar a trabalhar seriamente”.

Levantou-se, e começou a caminhar.

— Folga, é assim que aquela coisa gorda chama o serviço ativo no exército. Por Deus, eu gostaria de vê-lo tocado por um daqueles comunistas amarelos. Esses ricos ficam de traseiro sentado nos escritórios, sem pensar em nada a não ser dinheiro...

— Ora cale-se, Gerry — disse Sarah, impaciente. — Seu tio simplesmente não tem imaginação. Afinal, você mesmo disse que precisava ter um emprego e ganhar algum dinheiro. Não nego que seja tudo muito desagradável, mas qual é a alternativa? Na verdade você tem sorte em ter um tio rico na City. A maioria das

peessoas daria os olhos para ter um!

— E por que ele é rico? — perguntou Gerry. — Porque está nadando no dinheiro que devia ter vindo para mim. Por que meu tio-avô Harry deixou para ele, ao invés de deixar para meu pai, que era o irmão mais velho...

— Tudo isso não importa — disse Sarah. — De qualquer jeito, provavelmente quando o dinheiro chegasse às suas mãos já não restaria mais nada. Teria ido tudo no imposto de transmissão *causa mortis*.

— Mas foi injusto. Você admite isso?

— Tudo é sempre injusto — retorquiu Sarah. — Mas não adianta continuar se queixando. Para começar, isso deixa você extremamente maçante. A gente fica tão cansada de só ouvir falar na falta de sorte das pessoas.

— Devo dizer que você não está sendo muito compreensiva.

— Não. Sabe, no que eu acredito é em franqueza absoluta. Acho que devia ou tomar uma atitude e sair desse emprego, ou parar de se queixar dele e apenas agradecer aos céus por ter um tio rico na City, com olhos de porco e asma. Olá, parece que Mamãe chegou finalmente.

Ann mal abrira a porta. Entrou correndo na sala.

— Sarah querida!

— Mamãe... finalmente — Sarah envolveu a mãe num grande abraço. — O que houve?

— É o meu relógio. Tinha parado.

— Bem, Gerry me encontrou, o que já foi alguma coisa.

— Oh, olá Gerry, não o tinha visto. — Ann saudou-o animadamente, embora no íntimo se sentisse irritada. Desejava tanto que essa história de Gerry acabasse!

— Deixe-me olhá-la, querida — disse Sarah. — Você está muito elegante. Esse chapéu é novo, não? Está com ótimo aspecto, Mamãe.

— Você também. E tão bronzeada!

— Sol na neve. Edith está terrivelmente desapontada por eu não ter chegado em casa envolta em ataduras. Você gostaria que eu tivesse quebrado alguns ossos, não é Edith?

Edith, que estava trazendo a bandeja do chá, não replicou diretamente:

— Trouxe três xícaras — disse ela, — embora pense que a Srta. Sarah e o

Sr. Lloyd não vão querer, uma vez que estão tomando gim.

— Como você faz isso soar dissoluto, Edith — observou Sarah. — Em todo caso, nós oferecemos àquele fulano. Quem é ele, Mamãe? Um nome como *Cauliflower*.

Edith disse a Ann:

— O Sr. Cauldfield disse que não podia esperar, madame. Vai vir amanhã, como tinha ficado combinado.

— Quem é Cauldfield, Mamãe, e por que ele tem que vir amanhã? Tenho certeza de que não o queremos.

Ann disse rapidamente:

— Você toma mais um, não Gerry?

— Não, obrigado, Sra. Prentice. Preciso mesmo ir agora. Adeus, Sarah.

Sarah foi com ele até o vestibulo. O rapaz perguntou :

— Que tal um cinema esta noite? Há um bom filme francês no Academy.

— Oh, que bom. Não... talvez seja melhor não ir. Afinal, é minha primeira noite em casa. Penso que devia passá-la com Mamãe. A pobrezinha pode ficar desapontada se eu sair logo.

— Eu acho, Sarah, que você é uma filha incrivelmente boa.

— Bem, Mamãe é mesmo muito querida.

— Oh, sei que é.

— Faz um monte incrível de perguntas, é claro. Você sabe, quem a gente encontrou e o que fez. Mas de um modo geral, para uma mãe ela é bastante sensata. Vamos fazer uma coisa, Gerry, se eu achar que não tem problema telefone mais tarde.

Sarah voltou à sala e começou a mordiscar bolinhos.

— Esses são a especialidade de Edith — observou. — Loucamente engordantes. Não sei onde ela consegue arranjar os ingredientes. Agora, Mamãe, conte-me tudo o que tem feito. Tem saído com o Coronel Grant e o resto dos amigos, e se divertido bastante?

— Não... só que... sim, de um certo modo...

Ann parou. Sarah encarou-a.

— Aconteceu alguma coisa, Mamãe?

— Acontecer? Não. Por quê?

— Você está tão estranha!

— Eu?

— Mamãe, alguma coisa há. Você realmente parece muito esquisita. Vamos, conte. Nunca vi uma expressão tão culpada. Vamos, Mamãe, o que andou fazendo?

— Nada... nada de mais. Oh, Sarah, querida. Precisa crer que não fará nenhuma diferença. Tudo será o mesmo, só que... — A voz de Ann vacilou e morreu. “Como sou covarde”, pensou consigo. “Por que uma filha deixa a gente tão acanhada, ao falar nessas coisas?”

Enquanto isso Sarah continuava a encará-la. Subitamente começou a sorrir da maneira mais amável possível.

— Eu acho... Vamos, Mamãe, confesse. Está tentando me contar, com jeito, que vou ter um padrasto?

— Oh, Sarah — Ann deu um suspiro de alívio.

— *Como* adivinhou?

— Não foi tão difícil assim. Nunca vi alguém tremer de maneira tão horrível. Pensou que eu fosse me importar?

— Acho que pensei. E não se importa? Mesmo?

— Não — respondeu Sarah em tom sério. — Acho até que está certa. Afinal, Papai morreu há dezesseis anos. Você deve ter alguma vida sexual antes que seja tarde demais. Está exatamente no que chamam de idade perigosa. E é antiquada demais para apenas ter um caso.

Ann olhou um tanto desamparada para a filha. Pensou em como tudo estava acontecendo de modo diferente do que pensara.

— Sim — disse Sarah, balançando a cabeça. — Com você tem que ser casamento.

Ann pensou: “Esse querido bebê absurdo”, mas teve cuidado em não dizer coisa alguma desse tipo.

— Você ainda é bem bonita — continuou Sarah, com a devastadora franqueza da juventude. — É por que tem pele boa. Mas ficaria muito mais bonita se depilasse as sobrancelhas.

— Gosto das minhas sobrancelhas — disse Ann, obstinadamente.

— Você é mesmo tremendamente atraente, querida — disse Sarah. — Fico mesmo surpresa por não ter escapado antes. Quem é, por falar nisso? Tenho três palpites: um, o Coronel Grant, dois o Professor Fane, três aquele polonês melancólico de nome impronunciável. Mas estou quase certa de que é o Coronel Grant. Ele anda atrás de você há anos.

Ann disse quase sem fôlego:

— Não é James Grant. É... é Richard Cauldfield.

— Quem é Richard Cauld... Mamãe, aquele homem que estava aqui ainda agora?

Ann assentiu com a cabeça.

— Mas não pode, Mamãe. Ele é todo arrogante e horrível.

— Não é nem um pouco horrível — disse Ann, asperamente.

— Francamente, Mamãe, você podia conseguir coisa melhor.

— Sarah, não sabe do que está falando. Eu... eu gosto muito dele.

— Quer dizer que o ama? — Sarah estava francamente incrédula. — Quer dizer que está realmente *apaixonada* por ele?

Ann voltou a sacudir a cabeça.

— Sabe — disse Sarah, — eu não consigo mesmo entender tudo isso.

Ann endireitou os ombros.

— Você viu Richard apenas por um ou dois momentos — disse ela. — Quando o conhecer melhor, estou certa de que gostará muito dele.

— Parece tão agressivo!

— É porque estava acanhado.

— Bem — disse Sarah lentamente. — O enterro é seu, é claro.

Mãe e filha permaneceram silenciosas por alguns momentos. Estavam ambas constrangidas.

— Sabe, Mamãe — falou Sarah, rompendo o silêncio. — Precisa mesmo de alguém para cuidar de você. Só porque me afasto por algumas semanas, faz uma bobagem.

— Sarah! — Ann encolerizou-se. — Você está sendo muito cruel.

— Sinto muito, querida, mas acredito em franqueza total.

— Bem, acho que eu não.

— Há quanto tempo isso vem acontecendo? — perguntou Sarah.

A despeito de si mesma, Ann deu uma risada.

— Francamente, Sarah, você parece um pai tirano nalgum drama vitoriano. Conheci Richard há três semanas.

— Onde?

— Com James Grant. James o conhece há anos. Ele voltou recentemente de Burma.

— Ele tem dinheiro?

Ann estava tão irritada quanto comovida. Como aquela criança era ridícula! Tão resoluta nas suas perguntas. Controlando a irritação, disse numa voz seca e irônica:

— Tem uma renda independente e é perfeitamente capaz de me sustentar. Trabalha na Hellner Brothers, uma grande firma da City. Francamente, Sarah, qualquer um pensaria que eu sou sua *filha*, e não sua mãe.

Sarah disse seriamente:

— Bem, alguém tem que tomar conta de você, querida. É positivamente incapaz de cuidar de si mesma. Gosto muito de você, e não quero que faça uma bobagem. Ele é solteiro, divorciado ou viúvo?

— Perdeu a mulher há muitos anos. Ela morreu ao ter o primeiro filho, e o bebê morreu também.

Sarah suspirou e balançou a cabeça.

— Estou entendendo tudo agora. Foi assim que ele conseguiu prendê-la. Você sempre teve um fraco por essas histórias sentimentalóides.

— Deixe de ser absurda, Sarah!

— Ele tem mãe e irmãs... todo esse tipo de coisas?

— Acho que não tem parentes próximos.

— Isso é uma bênção, pelo menos. Ele tem casa? Onde vocês vão morar?

— Aqui, acho eu. Há montes de lugar, e ele trabalha em Londres. Você não se importa, não é Sarah?

— Oh, *eu* não me importo. Estou pensando apenas em você.

— Querida, isso é muito gentil de sua parte, mas eu realmente sei melhor da minha vida. Estou certa de que Richard e eu seremos felizes juntos.

— Quando estão pensando em casar?

— Dentro de três semanas.

— Três semanas? Oh, não pode casar com ele tão cedo!

— Não parece haver razão para esperar.

— Oh, por favor, querida. Adie um pouco. Dê-me algum tempo para... para me acostumar à idéia. Por favor, Mamãe.

— Não sei... vamos ver...

— Seis semanas. Deixe para seis semanas.

— Nada foi decidido ainda, na verdade. Richard vem almoçar amanhã.

Você... Sarah... você será boazinha com ele, não?

— Claro que serei boazinha. O que está pensando?

— Obrigada, querida.

— Anime-se, Mamãe, não há razão para se preocupar.

— Estou certa de que vão gostar muito um do outro — disse Ann, um tanto sem convicção.

Sarah ficou em silêncio.

Ann falou novamente num repente de raiva:

— Pode ao menos tentar...

— Já lhe disse que não precisa se preocupar — acrescentou Sarah, depois de alguns momentos. — Prefere que eu fique em casa hoje à noite?

— Por quê? Está com vontade de sair?

— Pensei que talvez saísse... mas não quero deixá-la sozinha, Mamãe.

Ann sorriu para a filha, e o antigo relacionamento se restabeleceu.

— Oh, não ficarei sozinha. Para falar a verdade, Laura convidou-me para uma conferência.

— Como está a velha guerreira? Incansável como sempre?

— Oh, sim, como sempre. Eu disse não à conferência, mas posso facilmente telefonar a ela.

Podia, com a mesma facilidade, telefonar a Richard... Mas recuou. Seria melhor conservar-se longe de Richard até que ele e Sarah se tivessem encontrado, no dia seguinte.

— Então muito bem — disse Sarah. — Vou telefonar a Gerry.

— Ah, é com Gerry que vai sair?

Sarah falou, num desafio:

— Sim. Por que não?

Mas Ann não aceitou a provocação. Disse suavemente :

— Estava só pensando...

Capítulo VII

1

— GERRY?

— Sim, Sarah?

— Não quero ver esse filme. Podemos ir conversar em algum lugar?

— Claro. Vamos comer alguma coisa?

— Oh, eu não poderia. Edith simplesmente me empanturrou.

— Bem, então vamos beber alguma coisa num lugar qualquer. — Olhou-a de relance, pensando no que a teria aborrecido.

Sarah só falou depois que estavam acomodados, diante dos copos. Então irrompeu abruptamente:

— Gerry, Mamãe vai casar de novo.

— Opa! — Gerry estava verdadeiramente surpreso. Perguntou: — Você não suspeitava?

— Como poderia? Ela só o conheceu depois que viajei.

— Trabalho rápido.

— Rápido demais. Para algumas coisas Mamãe simplesmente não tem juízo.

— Quem é ele?

— Aquele homem que estava lá esta tarde. O nome dele é *Cauliflower*, ou coisa parecida.

— Ah, *aquele* homem.

— Sim. Não concorda que ele é um tanto impossível?

— Bem, não prestei muita atenção nele — disse Gerry, refletindo. — Parecia um sujeito bastante comum.

— Ele é absolutamente a pessoa errada para Mamãe.

— Acho que ela é quem pode julgar isso melhor — falou Gerry, em tom conciliador.

— Não, não pode. O problema de Mamãe é que ela é *fraca*. Fica com pena das pessoas. Mamãe precisa de alguém que cuide dela.

— Ela aparentemente pensa o mesmo — disse Gerry com um sorriso.

— Não ria, Gerry; isto é sério. *Cauliflower* é o tipo errado para Mamãe.

— Bem, isso é assunto dela.

— Eu tenho que cuidar dela. Sempre senti isso. Conheço mais a vida, e sou duas vezes mais resistente.

Gerry não discutiu a afirmação. De um modo geral, concordava. Ainda assim, estava preocupado. Disse lentamente:

— De qualquer modo, Sarah, se ela quer casar novamente...

Sarah não o deixou terminar:

— Ah, eu concordo com isso. Mamãe *deve* casar de novo. Eu disse isso a ela. Ela está precisando de mais de uma vida sexual normal. Mas definitivamente não com o *Cauliflower*.

— Você não acha... — Gerry parou, em dúvida.

— Não acha o quê?

— Que talvez possa... bem, sentir o mesmo por alguém? — Estava um pouco nervoso, mas deixou escapar as palavras. — Afinal, não pode realmente saber se *Cauliflower* não serve para ela. Você não trocou duas palavras com ele. Não acha que talvez na verdade esteja — precisou de coragem para dizer a última palavra, mas conseguiu — aaa... com ciúmes?

Sarah imediatamente saltou:

— Com ciúmes? *Eu*? Quer dizer, essa história de padrasto? Gerry querido! Não lhe disse há muito tempo... antes de ir para a Suíça... que Mamãe precisava voltar a casar?

— Sim. Mas há uma diferença — disse Gerry num lampejo de percepção — entre só dizer as coisas e vê-las acontecer de verdade.

— Não sou ciumenta — disse Sarah. — Só estou pensando na felicidade de Mamãe — acrescentou virtuosamente.

— Se eu fosse você, não andaria brincando com a vida dos outros.

— Mas é minha própria *Mãe*.

— Bem, ela provavelmente sabe melhor da sua vida.

— Estou lhe dizendo que Mamãe é *fraca*.

— De qualquer modo — disse Gerry — não há nada que você possa fazer.

Pensou que Sarah estava fazendo muito barulho por nada. Estava cansado de Ann e seus problemas, e queria falar de si mesmo.

Disse abruptamente:

— Estou pensando em dar o fora.

— Dar o fora do escritório do seu tio? Ah, Gerry...

— Não posso mesmo agüentar mais. Fazem um barulho dos diabos cada vez que me atraso quinze minutos.

— Bem, a gente tem de ser pontual em escritórios, não?

— Bando miserável de indolentes. Sempre às voltas com aqueles livros de contabilidade, pensando só em dinheiro, da manhã à noite.

— Mas Gerry, se mandar o emprego às favas, o que irá fazer?

— Ora, encontrarei alguma coisa — disse Gerry serenamente.

— Você já tentou muitas coisas — falou Sarah em tom de dúvida.

— Está querendo dizer que sempre me põem na rua? Bem, não vou esperar que me despeçam desta vez.

— Mas Gerry, francamente, acha que está sendo inteligente? — Sarah olhou para ele com uma solicitude preocupada, quase maternal. — Quer dizer, ele é seu tio, e quase o único parente que tem, e você disse que ele estava nadando em dinheiro.

— E se eu me portasse bem ele poderia me deixar todo seu dinheiro? Suponho que é o que quer dizer.

— Bem, você já se queixa o suficiente daquele tio-avô — como é o nome dele? — por não ter deixado o dinheiro para seu pai.

— Se ele tivesse tido qualquer sentimento familiar decente, eu não precisaria me humilhar para esses magnatas da City. Acho que todo este país está podre até a medula. Pretendo ir embora definitivamente.

— Ir para algum outro lugar, no estrangeiro?

— Sim. Ir para algum lugar onde se tenha perspectivas.

Ficaram ambos em silêncio, imaginando uma vida nebulosa que tivesse perspectiva.

Sarah, que sempre teve os pés mais firmes na terra do que Gerry, disse sutilmente:

— Pode fazer alguma coisa que valha a pena sem capital? Você não tem capital nenhum, tem?

— Sabe que não tenho. Ora, imagino que haja muitas coisas que se possa fazer.

— Bem, o que pode fazer... realmente?

— Precisa ser tão abominavelmente desanimadora, Sarah?

— Desculpe. O que quero dizer é que você não tem preparo específico de espécie alguma.

— Tenho jeito para dirigir homens, e viver ao ar livre. Não encerrado num escritório.

— Oh, Gerry — disse Sarah; e suspirou.

— O que há?

— Não sei. A vida parece mesmo difícil. Todas essas guerras transtornaram tanto as coisas.

Ficaram ambos olhando o nada, com ar sombrio.

Dentro em pouco Gerry, magnanimamente, disse que daria outra oportunidade ao tio. Sarah aplaudiu essa decisão.

— É melhor eu ir para casa agora — falou ela. — Mamãe já deve ter voltado da conferência.

— Sobre o que era?

— Não sei. “Para onde vamos, e por quê?”, esse tipo de coisa. — Levantou. — Obrigada, Gerry. Você ajudou muito.

— Tente não ser parcial, Sarah. Se sua mãe gosta desse sujeito e vai ser feliz com ele, é isso que interessa.

— Se Mamãe vai ser feliz com ele, então está tudo bem.

— Afinal, você mesma vai acabar casando... eu acho... um desses dias... — Disse isso sem olhar para ela. Sarah ficou absorta, encarando a bolsa.

— Algum dia, com certeza — ela murmurou. — Não estou particularmente ansiosa...

Pairou no ar, entre eles, um agradável constrangimento.

2

No dia seguinte, durante o almoço, Ann sentiu-se aliviada. Sarah estava se portando muito bem. Recebeu Richard com amabilidade e conversou educadamente com ele durante a refeição. Ann sentiu-se orgulhosa da filha, jovem, com seu rosto vivo e suas boas maneiras. Devia ter sabido que podia contar com Sarah — ela nunca a desapontaria.

O que ela gostaria é que Richard pudesse mostrar-se sob um ângulo mais favorável. Percebeu que ele estava nervoso. Ansiava por causar boa impressão e, como seguidamente acontece, sua própria ansiedade trabalhava contra ele. Estava sendo pedante, quase pretensioso. Ansioso por parecer à vontade, dava a impressão de dominar a reunião. A própria deferência que Sarah lhe demonstrava agravava essa impressão. Era positivo demais nas suas afirmações e parecia indicar que seria impossível outra opinião que não a sua. Isso afligia Ann, que conhecia até muito bem o quanto ele era retraído.

Mas como Sarah poderia perceber? Ela estava vendo o lado pior de Richard, e era tão importante que visse o melhor! Isso deixou a própria Ann nervosa e pouco à vontade, o que, ela logo viu, aborrecia Richard.

Depois que a refeição terminou e foi trazido o café, ela os deixou, com a desculpa de que precisava passar um telefonema. Havia uma extensão em seu quarto. Esperava que, deixados juntos, Richard pudesse sentir-se mais à vontade e mostrar mais de sua verdadeira personalidade. Era ela realmente a causa da irritação. Uma vez que se retirasse, podia ser que as coisas se acomodassem.

Depois que Sarah serviu café a Richard, ela comentou educadamente alguns lugares-comuns, e a conversa então esgotou-se.

Richard tomou coragem. Ele julgava que a franqueza era seu melhor trunfo. De um modo geral, Sarah lhe causara uma impressão favorável. Ela não mostrara hostilidade. A grande coisa seria mostrar como entendia a posição dela. Antes de vir, ensaiara o que pretendia dizer. Como a maioria das coisas ensaiadas com antecedência, soaram insípidas e artificiais. Para se pôr à vontade adotou uma cordialidade presunçosa que era totalmente diferente da sua verdadeira e dolorosa

timidez.

— Olhe aqui, jovem, há uma ou duas coisas que gostaria de lhe dizer.

— Ah, é? — Sarah voltou para ele um rosto atraente, mas de momento bastante inexpressivo. Esperou educadamente, e Richard ficou ainda mais nervoso.

— Só quero dizer que entendo muito bem seus sentimentos. Tudo isto deve ter sido um choque para você. Você e sua mãe sempre foram muito unidas. É perfeitamente natural que se ressinta por outra pessoa entrar na vida dela. Não pode deixar de estar um pouco magoada e ciumenta por isso.

Sarah disse rapidamente, em tom amável e formal:

— De maneira alguma, posso lhe assegurar.

Incauto, Richard não deu atenção ao que era, na verdade, um aviso. Continuou, às cegas:

— Como eu digo, é tudo muito normal. Não vou apressá-la. Seja tão fria comigo quanto quiser. Quando decidir que está pronta a ser minha amiga, estarei pronto a fazer minha parte. Tem que pensar é na felicidade de sua mãe.

— Eu penso nisso — disse Sarah.

— Até aqui, ela tem feito tudo por você. Agora é a vez *dela* ser levada em consideração. Estou certo de que quer vê-la feliz. E tem que lembrar disto; você tem sua própria vida a levar... está toda à sua frente. Tem seus próprios amigos e suas próprias esperanças e ambições. Se casasse, ou arranjasse algum em prego, sua mãe seria deixada completamente só. Isso significaria para ela grande solidão. É este o momento em que precisa pô-la em primeiro lugar, e deixar a si mesma por último. — Fez uma pausa. Pensou ter-se expressado bastante bem.

A voz de Sarah, educada mas com uma subcorrente quase imperceptível de impertinência, interrompeu sua satisfação:

— Faz discursos em público seguidamente?

Surpreso, ele perguntou:

— Por quê?

— Acho que deve ser muito bom nisso — murmurou Sarah.

Ela estava agora recostada na poltrona, admirando as unhas. O fato destas serem vermelho carmesim, uma moda que ele desgostava intensamente, aumentou a irritação de Richard. Ele reconhecia agora que estava encontrando hostilidade.

Com um esforço, conservou a calma. Como resultado, falou num tom quase

condescendente:

— Talvez eu estivesse lhe passando um pequeno sermão, minha filha. Mas queria chamar sua atenção para algumas coisas que poderia não ter considerado. E posso assegurá-la de uma coisa: sua mãe não vai gostar menos de você porque gosta de mim, sabe?

— É mesmo? Que bondade sua, me dizer isso.

Agora não havia dúvida quanto à hostilidade.

Se Richard tivesse abandonado suas defesas, se tivesse dito simplesmente — “Estou fazendo uma terrível confusão disso tudo, Sarah. Estou acanhado e infeliz, e isso me faz dizer todas as coisas erradas, mas gosto demais de Ann e quero que, se possível, você goste de mim” — isso talvez tivesse enfraquecido as resistências de Sarah, uma vez que ela era, no fundo, uma criatura generosa.

Mas, ao invés disso, sua voz endureceu:

— Os jovens — disse ele — tendem a ser egoístas. Não costumam pensar em ninguém além de si mesmos. Mas você tem que pensar na felicidade de sua mãe. Ela tem direito a uma vida própria, e direito a agarrar a felicidade quando a encontrar. Ela precisa de alguém que cuide dela e a proteja.

Sarah levantou os olhos e encarou-o de frente. A expressão do seu olhar o deixou intrigado. Era duro, e tinha um quê de calculista.

— Não poderia estar mais de acordo — disse ela, inesperadamente.

Ann voltou para a sala um tanto nervosa. Perguntou:

— Sobrou algum café?

Sarah serviu uma xícara, cuidadosamente. Levantou-se e passou a xícara à mãe.

— Aqui está, Mamãe — disse ela. — Voltou no momento exato. Tivemos nossa conversinha. — Saiu da sala.

Ann lançou a Richard um olhar indagador. Ele tinha o rosto um pouco vermelho.

— Sua filha já decidiu não gostar de mim.

— Seja paciente com ela, Richard, por favor. Seja paciente.

— Não se preocupe, Ann, estou perfeitamente preparado para ser paciente.

— Você vê, para ela foi um choque.

— Realmente.

— Sarah é na verdade muito amorosa. É uma criança tão querida!

Richard não replicou. Considerava Sarah uma jovem odiosa, mas era impossível dizer isso a sua mãe.

— Tudo vai dar certo — disse, tranqüilizadamente.

— Estou certa de que sim. É uma questão de tempo.

Estavam ambos infelizes, e não sabiam bem o que dizer depois.

3

Sarah tinha ido para o quarto. Com olhos cegos, tirou roupas do armário e espalhou-as pela cama.

Edith entrou.

— O que está fazendo, Srta. Sarah?

— Oh, dando uma olhada nas minhas coisas. Talvez precisem ser lavadas, ou consertadas, ou qualquer coisa.

— Já providenciei tudo isso. Não precisa se incomodar.

Sarah não respondeu. Edith olhou-a de relance, e viu os olhos dela se encherem de lágrimas.

— Ora, ora, vamos, não fique assim.

— Ele é detestável, Edith, positivamente detestável. Como é que Mamãe pôde? Oh, está tudo arruinado, estragado... nada vai ser como antes.

— Ora, ora, Srta. Sarah. Não adianta ficar nervosa. Quanto menos se fala, mais depressa se conserta. O que não tem remédio remediado está.

Sarah riu freneticamente.

— “Um passo dado a tempo vale por nove”, e “Pedras que rolam não juntam musgo”. Vá embora, Edith. Por favor, vá!

Edith balançou compassivamente a cabeça e saiu, fechando a porta.

Sarah chorou arrebatadamente, como uma criança. Estava dilacerada pela dor. Como uma criança, ela via escuridão em toda parte, uma escuridão que nada poderia aliviar.

Soluçava baixinho:

— Oh, Mamãe, Mamãe, *Mamãe...*

Capítulo VIII

1

— OH, LAURA, que prazer vê-la!

Laura Whitstable sentou-se numa cadeira de espaldar alto. Ela nunca se recostava indolentemente.

— Bem, Ann, como vão as coisas?

Ann suspirou.

— Temo que Sarah esteja sendo um tanto difícil.

— Bem, isso era de se esperar, não?

Laura Whitstable falou com animada despreocupação. Mas olhava para Ann com certa ansiedade.

— Não está com boa aparência, minha cara.

— Eu sei. Não tenho dormido bem, e sinto dor de cabeça.

— Não leve as coisas tão a sério.

— É fácil dizer isso, Laura. Você não tem idéia de como as coisas estão.

— Ann falava com impaciência. — Assim que Sarah e Richard são deixados juntos por um momento, eles discutem.

— Sarah está com ciúmes, é claro.

— Acho que sim.

— Bem, como eu disse, já era de se esperar. Sarah ainda é muito infantil. Todas as crianças se ressentem quando as mães dão tempo e atenção a outra pessoa. Certamente você estava preparada para isso, Ann?

— Sim, de uma certa maneira. Embora Sarah sempre parecesse tão independente e adulta. Ainda assim, como você diz, eu estava preparada. O que eu não podia esperar é que Richard tivesse ciúmes de Sarah.

— Esperava que Sarah agisse como uma tola, mas pensou que Richard tivesse mais juízo?

— Sim.

— Ele é um homem fundamentalmente inseguro. Um homem com mais segurança limitar-se-ia a rir e mandar Sarah para o inferno.

Ann esfregou a testa num gesto exasperado.

— Realmente, Laura, não tem idéia de como estão as coisas! Eles se desentendem pelos motivos mais bobos, e então me olham para ver de que lado vou ficar.

— Muito interessante.

— Muito interessante para você... mas para mim não tem graça nenhuma.

— De que lado você fica?

— De nenhum, quando posso. Mas às vezes...

— Sim, Ann?

Ann ficou um momento em silêncio, e então falou:

— Entende, Laura, Sarah é mais esperta do que Richard em tudo.

— Como assim?

— Bem, os modos de Sarah são sempre corretos... exteriormente. Educada, entende, e tudo isso. Mas ela sabe como irritar Richard. Ela.... ela o atormenta. E então ele estoura e se torna bastante irracional. Oh, por que não podem gostar um do outro?

— Porque há uma verdadeira antipatia natural entre eles, eu diria. Concorda com isso? Ou pensa que é só ciúme de você?

— Receio que esteja certa, Laura.

— Sobre que tipo de coisa eles discutem?

— As coisas mais bobas. Por exemplo, você lembra que eu troquei os móveis de lugar, mudei a escrivaninha e o sofá... e então Sarah os pôs de volta nos lugares, porque detesta mudanças... Bem, Richard disse um dia, de repente: “Pensei que você gostasse da escrivaninha ali, Ann”. Eu disse que gostava, que achava que dava mais espaço. Aí Sarah falou: “Bem, eu gosto do jeito que ficava sempre”. E imediatamente Richard disse, naquele tom dominador que adota às vezes: “Não é uma questão do que *você* gosta, Sarah, mas do que *sua mãe* gosta. Vamos arrumar do modo que ela prefere, agora mesmo”. E mudou a escrivaninha de lugar naquele momento, e me disse: “É assim que você quer, não é?” Então eu mais ou menos fui obrigada a dizer “Sim”, e ele virou-se para Sarah e falou: “Alguma objeção, mocinha?” E Sarah olhou para ele e disse, muito suave e

educadamente: “Oh, não, Mamãe é que sabe. Eu não conto”. E sabe, Laura, embora eu estivesse apoiando Richard, na verdade estava do lado de Sarah. Ela adora sua casa e todas as coisas dentro dela... e Richard não tem idéia de como ela se sente. Oh, meu Deus, não sei o que fazer.

— Sim, deve ser difícil para você.

— Posso esperar que vá passar?

Ann olhou esperançosamente para a amiga.

— Eu não contaria com isso.

— Devo dizer que você não é muito animadora, Laura!

— Não adianta a gente contar a si mesma histórias de fadas.

— Francamente é muita maldade deles. Deviam perceber como estão me fazendo infeliz. Eu me sinto mesmo doente.

— Autocomiseração não vai ajudá-la, Ann. Nunca ajuda ninguém.

— Mas estou tão infeliz!

— Eles também, minha querida. Tenha pena deles. Sarah, pobre criança, está desesperadamente infeliz... e também, imagino eu, Richard.

— Oh, céus, e éramos tão felizes juntos antes de Sarah voltar para casa.

Dame Laura ergueu levemente as sobrancelhas. Ficou um ou dois momentos em silêncio. Então disse:

— Você vai casar... quando?

— Dia treze de março.

— Quase duas semanas ainda. Você adiou. Por quê?

— Sarah pediu-me que o fizesse. Disse que teria mais tempo para se acostumar à idéia. Insistiu e insistiu até que concordei.

— Sarah... compreendo. E Richard se aborreceu?

— Claro que se aborreceu. Ficou muito brabo mesmo. Fica dizendo que eu sempre mimei Sarah. Laura, você acha que isso é verdade?

— Não, não acho. Apesar de todo seu amor por Sarah, você nunca foi excessivamente indulgente. E até agora Sarah tem demonstrado sempre uma razoável consideração por você... tanto, é claro, quanto pode qualquer jovem egoísta.

— Laura, acha que devo... — parou.

— Acho que deve fazer o quê?

— Oh, nada. Mas às vezes eu sinto que não posso agüentar isso por muito mais tempo.

Interrompeu-se, enquanto se ouvia o ruído da porta da frente do apartamento, que se abria. Sarah entrou na sala e pareceu contente ao ver Laura Whitstable .

— Oh, Laura, não sabia que estava aqui.

— Como vai minha afilhada?

Sarah aproximou-se e beijou-a. Seu rosto estava frio do ar da rua.

— Muito bem.

Murmurando alguma coisa, Ann deixou a sala. Os olhos de Sarah a seguiram. Ao voltarem e encontrarem os de *Dame* Laura, Sarah enrubesceu com ar culpado.

Laura Whitstable sacudiu vigorosamente a cabeça.

— Sim, sua mãe estava chorando.

Sarah pareceu surpresa e indignada.

— Bem, não é *minha* culpa.

— Não? Você gosta muito de sua mãe, não é?

— Adoro Mamãe. Você sabe disso.

— Então por que fazê-la infeliz?

— Mas não faço. Não faço *coisa alguma*.

— Você discute com Richard, não?

— Oh, *isso!* Isso ninguém pode evitar! Ele é impossível. Se ao menos Mamãe pudesse perceber como ele é impossível! Na verdade, acho que verá um dia.

Laura Whitstable disse:

— Você precisa tentar organizar a vida dos outros, Sarah? Quando eu era jovem, eram os pais os acusados de fazer isso com os filhos. Hoje, ao que parece, acontece o inverso.

Sarah sentou-se no braço da poltrona de Laura Whitstable. Falou em tom confidencial:

— Mas estou muito preocupada. Ela não vai ser feliz com ele, sabe.

— Isso não é da sua conta, Sarah.

— Mas não posso deixar de me preocupar. Por que não quero que Mamãe seja infeliz. E ela vai ser... Mamãe é tão... tão indefesa. Precisa ser

cuidada.

Laura Whitstable prendeu as mãos bronzeadas de Sarah entre as suas. Falou com um vigor que alarmou Sarah:

— Agora escute, Sarah. Escute. *Tenha cuidado*. Tenha *muito* cuidado.

— O que quer dizer?

Laura voltou a falar com ênfase:

— Tenha muito cuidado para não deixar sua mãe fazer alguma coisa de que se arrependerá toda a vida.

— É exatamente o que eu...

Laura continuou, empolgada:

— Estou lhe avisando. Ninguém mais o fará. — Fungou súbita e longamente. — Sinto o cheiro de alguma coisa no ar, Sarah, e vou lhe dizer o que é. É o cheiro de oferendas queimadas... e não gosto de sacrifícios.

Antes que pudesse dizer mais alguma coisa, Edith abriu a porta e anunciou:

— O Sr. Lloyd.

Sarah levantou-se de um salto.

— Olá, Gerry — voltou-se para Laura Whitstable: — Este é Gerry Lloyd. Minha madrinha, *Dame* Laura Whitstable.

Gerry apertou-lhe a mão e disse:

— Acredito tê-la ouvido no rádio, ontem à noite.

— Fico satisfeita.

— Fazendo a segunda palestra da série “Como estar vivo hoje”. Fiquei muito impressionado.

— Nada de impertinências — disse *Dame* Laura, olhando-o com uma súbita piscadela.

— Não, mas fiquei mesmo. A senhora parecia saber todas as respostas.

— Ah! — disse *Dame* Laura. — Sempre é mais fácil ensinar alguém a fazer um bolo do que o fazer mos nós mesmos. E também muito mais divertido. Mau para o caráter, no entanto. Estou bem consciente de estar ficando a cada dia mais detestável.

— Ora, não está não — protestou Sarah.

— Estou sim, filha. Estou quase chegando ao ponto de dar conselhos às

peessoas... um pecado imperdoável. Agora vou ao encontro de sua mãe, Sarah.

2

Assim que Laura Whitstable saiu da sala, Gerry falou:

— Vou deixar a Inglaterra, Sarah.

A moça, aflita, olhou-o espantada.

— Oh, Gerry... quando?

— Praticamente logo. Quinta-feira que vem.

— Onde?

— África do Sul.

— Mas é muito longe — exclamou Sarah.

— Bastante.

— Não vai voltar por anos e anos!

— Provavelmente não.

— O que vai fazer lá?

— Cultivar laranjas. Vou me associar a dois outros camaradas. Deve ser bem divertido.

— Oh, Gerry, você *tem* de ir?

— Bem, estou saturado deste país. É insípido e presunçoso demais. Não serve para mim, e eu não sirvo para ele.

— E o seu tio?

— Oh, não estamos mais nos falando; Tia Lena, no entanto, tem sido muito boa. Deu-me um cheque e um remédio para mordidas de cobras. — Ele sorriu.

— Mas você *sabe* alguma coisa sobre laranjas, Gerry?

— Absolutamente nada, mas imagino que se aprenda logo.

Sarah suspirou.

— Vou sentir sua falta...

— Acho que não... não por muito tempo — Gerry falou um tanto asperamente, evitando olhar para ela, — Se a gente está longe, do outro lado do mundo, as pessoas logo nos esquecem.

— Não, não esquecem...

Ele olhou-a rapidamente.

— Não?

Sarah sacudiu a cabeça.

Perturbados, evitaram olhar um para o outro.

— Tem sido divertido... andando juntos por aí — disse Gerry.

— É...

— Às vezes as pessoas conseguem prosperar cultivando laranjas.

— Imagino que sim.

Gerry falou, escolhendo cuidadosamente as palavras:

— Acredito que seja uma vida bastante alegre... quer dizer, para uma mulher. Bom clima... e muitos criados... tudo isso.

— É.

— Mas acho que você vai casar com algum sujeito. ..

— Oh, não — Sarah sacudiu a cabeça. — É um grande erro casar muito cedo. Não pretendo casar por séculos.

— Você acha isso... mas algum porco ou outro vai fazer você mudar de idéia — disse Gerry, com ar lúgubre.

— Sou muito fria por natureza — disse Sarah tranquilizadamente.

Permaneceram de pé, desajeitados, sem olhar um para o outro.

Então Gerry disse, em voz embargada, o rosto muito pálido:

— Sarah querida... sou louco por você. Sabe disso, não é?

— É mesmo?

Vagarosamente, como se contra a vontade, eles se aproximaram mais. Os braços de Gerry a envolveram. Beijaram-se, tímidos e maravilhados.

Estranho, pensou Gerry, que ele pudesse ser tão desajeitado. Tinha sido um jovem alegre, e tivera muitas experiências com garotas. Mas esta não era uma “garota”, esta era sua querida Sarah...

— Gerry...

— Sarah...

Beijou-a de novo.

— Não vai esquecer, querida, vai? Todos os momentos felizes que vivemos... e tudo mais?

— Claro que não esqueço.

— Você me escreve?

— Não gosto muito de escrever cartas.

— Mas vai escrever para mim. Por favor, querida. Estarei tão sozinho...

Sarah afastou-se dele e deu uma risadinha trêmula.

— Não ficará sozinho. Haverá um monte de garotas.

— Se houver, será um monte horrível. Mas prefiro imaginar que não vai haver nada além de laranjas.

— É melhor me mandar uma caixa, de vez em quando.

— Mando mesmo. Oh, Sarah, eu faria qualquer coisa por você.

— Bem, então trabalhe muito. Faça de sua fazenda de laranjas um sucesso.

— Farei. Juro que farei.

Sarah suspirou.

— Gostaria que você não tivesse que ir justamente agora — disse ela. — Tem sido tão confortador poder falar com você.

— Como vai *Cauliflower*? Está gostando um pouco mais dele?

— Não, não estou. Nunca paramos de brigar. Mas — sua voz era de triunfo — acho que estou vencendo, Gerry!

Gerry olhou-a, inquieto.

— Quer dizer que sua mãe...

— Acho que ela começa a ver como ele é insuportável.

Sarah sacudiu a cabeça, triunfante. Gerry mostrou-se ainda mais inquieto.

— Sarah, seja como for, gostaria que você não...

— Não combatesse *Cauliflower*? Vou lutar contra ele com unhas e dentes! Não vou desistir. Mamãe *tem* que ser salva.

— Gostaria que você não interferisse, Sarah. Sua mãe deve saber o que quer.

— Já lhe disse antes, Mamãe é fraca. Fica com pena das pessoas, e perde o discernimento. Estou salvando-a de fazer um casamento infeliz.

Gerry criou coragem.

— Bem, ainda penso que você está só com ciúmes.

Sarah lançou-lhe um olhar furioso.

— Muito bem! Se é isso que pensa, é melhor ir agora.

— Ora vamos, não fique zangada comigo. Provavelmente sabe o que está fazendo.

— Claro que sei — disse Sarah,

3

Ann estava em seu quarto, sentada frente à penteadeira, quando Laura Whitstable entrou.

— Sente-se melhor agora, minha cara?

— Sim. Foi mesmo muita estupidez minha. Não devo deixar essas coisas me atacarem os nervos.

— Um rapaz acaba de chegar. Gerald Lloyd. É esse o...

— Sim. O que achou dele?

— Sarah o ama, naturalmente.

Ann pareceu perturbada.

— Oh, Deus, espero que não.

— Não adianta esperar.

— Não pode dar em nada, compreende?

— Ele é totalmente insatisfatório, é?

Ann suspirou.

— Parece que sim. Nunca leva nada até o fim. É atraente. Não se pode deixar de gostar dele. Mas...

— Sem estabilidade?

— A gente sente que nunca vai dar certo em lugar algum. Sarah está sempre falando na má sorte que ele teve, mas não acho que seja só isso. — Ela continuou: — Além disso, Sarah conhece tantos rapazes bons de verdade.

— E os acha sem graça, suponho. Garotas bem dotadas e capazes... e Sarah é mesmo muito capaz... são sempre atraídas por rapazes que não prestam. Parece uma lei da natureza. Devo confessar que até eu achei o rapaz atraente.

— Até você, Laura?

— Tenho minhas fraquezas femininas, Ann. Boa noite, minha cara. Boa sorte.

Richard chegou ao apartamento um pouco antes das oito. Devia jantar com Ann. Sarah ia sair para jantar e dançar. Ela estava na sala, pintando as unhas, quando ele chegou. Havia no ar um cheiro de esmalte.

Ela levantou os olhos e disse: “Olá, Richard”, e depois retomou a operação. Richard observou-a irritado. Ele mesmo estava bastante assustado com a crescente antipatia que sentia por Sarah. Tivera tão boa intenção, vira-se no papel de padrastró bondoso, amável e indulgente... quase carinhoso. Estivera preparado para uma desconfiança inicial, mas vira-se facilmente superando preconceitos infantis.

Ao invés disso, parecia que Sarah, e não ele, estava no comando da situação. Seu frio desprezo e sua antipatia atravessavam-lhe a pele fina, ferindo-o e humilhando-o. Richard nunca se julgara grande coisa, e o modo pelo qual Sarah o tratava aviltava ainda mais seu amor próprio. Todos seus esforços, a princípio para aplacá-la e depois para dominá-la, tinham sido desastrosos. Ele sempre parecia dizer e fazer a coisa errada. Por trás de sua antipatia por Sarah estava surgindo também uma crescente irritação com Ann. Ann devia apoiá-lo. Ann devia voltar-se contra Sarah e pô-la no seu lugar, Ann devia ficar do lado dele; os esforços que ela fazia para agir como mediadora, para se conservar num meio-termo, o irritavam. Aquele tipo de coisa não adiantava nada, e Ann precisava compreender isso!

Sarah estendeu uma das mãos para secar as unhas, virando-a para cá e para lá.

Consciente de que teria sido melhor não dizer coisa alguma, Richard não pôde deixar de observar:

— Parece que mergulhou as unhas em sangue. Não posso entender por que vocês meninas têm que usar esse negócio nas unhas.

— Não pode?

Procurando um assunto mais seguro, Richard continuou:

— Encontrei seu amigo Lloyd esta noite. Ele me contou que vai embora para a África do Sul.

— Vai na quinta-feira.

— Ele vai ter que trabalhar de verdade, se quiser ter sucesso lá. Não é lugar para um homem que não gosta de trabalhar.

— Acho que sabe tudo sobre a África do Sul, não?

— Todos esses lugares são muito parecidos. Precisam de homens de tutano.

— Gerry tem tutano de sobra — disse Sarah, acrescentando: — se *precisa* usar essa expressão.

— O que há de errado nela?

Sarah levantou a cabeça e olhou-o friamente.

— Eu só acho que é bastante desagradável, nada mais — disse ela.

Richard ficou vermelho.

— É uma pena que sua mãe não a tenha educado melhor.

— Fui rude? — Seus olhos se abriram numa expressão inocente. — Sinto *muito*.

Suas desculpas exageradas não conseguiram acalmá-lo. Perguntou bruscamente:

— Onde está sua mãe?

— Mudando de roupa. Estará aqui num minuto.

Sarah abriu a bolsa e examinou cuidadosamente o rosto. Começou a retocar a pintura, repintando os lábios, aplicando lápis de sobrancelhas. Ela na verdade já se pintara pouco antes. Suas ações agora eram calculadas para irritar Richard. Sabia que ele tinha uma estranha e antiquada aversão por ver uma mulher se maquiar em público.

Tentando falar em tom brincalhão, Richard disse:

— Ora vamos, Sarah, não exagere.

Ela baixou o espelho que segurava e perguntou:

— O que quer dizer?

— Quero dizer o ruge, o pó. Na verdade os homens não gostam de tanta pintura, posso lhe assegurar. Você simplesmente fica parecendo...

— Parecendo uma rameira, acho que quer dizer!

Richard falou furioso:

— Não foi isso que eu disse.

— Mas quis dizer. — Sarah arremessou os apetrechos de maquiagem para dentro da bolsa. — Afinal, por que, diabos, isso seria da sua conta?

— Olhe aqui, Sarah...

— O que eu ponho no rosto é só da minha conta. Não é da sua, seu metido.

Sarah estava tremendo de fúria, meio chorando. Richard perdeu completamente a calma. Gritou para ela:

— Mocinha insuportável e mal-educada! Você é absolutamente impossível!

Naquele momento Ann entrou. Parou na porta e disse com ar cansado:

— Oh, Deus, o que há *agora*?

Sarah passou correndo por ela. Ann olhou para Richard.

— Eu estava só dizendo que ela põe pintura de mais no rosto.

Ann deu um suspiro agudo, exasperado.

— Francamente, Richard, acho que você devia ter um pouco mais de juízo.

O que tem a ver com isso?

Richard caminhou de um lado para o outro, furioso.

— Ora, muito bem. Se gosta que sua filha saia parecendo uma rameira...

— Sarah não parece uma rameira — retrucou Ann vivamente. — Que coisa horrível para dizer! Todas as moças usam maquiagem, hoje em dia. Você tem idéias tão antiquadas, Richard!

— Antiquado! Fora de moda! Você não me tem em alta conta, não Ann?

— Oh, Richard, precisamos discutir? Não percebe que ao dizer o que disse de Sarah está na verdade me criticando?

— Não posso dizer que a considere uma mãe particularmente criteriosa. Não se Sarah é uma amostra de sua maneira de educar.

— É uma coisa cruel para dizer, e não é verdade. Não há nada errado com Sarah.

Richard atirou-se num sofá.

— Deus ajude o homem que casa com a mãe de uma filha única! — disse ele.

Os olhos de Ann se encheram de lágrimas.

— Você sabia de Sarah quando me pediu em casamento. Eu lhe disse quanto a amava e tudo que ela significava para mim.

— Eu não sabia que você era absolutamente bestificada por ela! Para você é Sarah, Sarah da manhã à noite!

— Oh, Deus! — disse Ann. Ela caminhou para ele e sentou-se ao seu

lado. — Richard, tente ser razoável. Eu pensei que Sarah poderia ter ciúmes de você... mas não pensei que você fosse ter ciúmes dela.

— Não tenho ciúmes de Sarah — disse Richard, amuado.

— Mas querido, você tem.

— Você sempre põe Sarah em primeiro lugar.

— Oh, céus — Ann recostou-se, desanimada, e fechou os olhos. — Francamente não sei o que fazer.

— Onde fico eu? Em lugar nenhum! Eu simplesmente não conto, para você. Adiou nosso casamento... simplesmente porque Sarah lhe pediu que o fizesse...

— Eu queria dar a ela um pouco mais de tempo para se acostumar à idéia.

— E ela está mais acostumada agora? Passa todo o tempo fazendo tudo que pode para me irritar.

— Sei que ela tem sido difícil... mas na verdade, Richard, acho mesmo que você exagera. A pobre Sarah mal pode dizer uma palavra sem que você tenha um acesso de fúria.

— Pobre Sarah. Pobre Sarah. Está vendo? É isso que você pensa!

— Afinal de contas, Richard, Sarah é pouco mais que uma criança. Devemos ser tolerantes com ela. Mas você é um homem... um ser humano adulto.

Richard disse de súbito, candidamente:

— É porque a amo tanto, Ann.

— Oh, querido.

— Éramos tão felizes juntos... antes de Sarah voltar.

— Eu sei...

— E agora... pareço estar todo o tempo perdendo você.

— Mas não está me perdendo, Richard.

— Ann, minha adorada... você ainda me ama?

Ann disse com súbita paixão:

— Mais do que nunca, Richard. Mais do que nunca.

5

O jantar foi um sucesso. Edith tinha se esmerado e o apartamento,

removida a tempestuosa influência de Sarah, era novamente o cenário calmo que fora antes.

Richard e Ann conversaram, riram, lembraram um ao outro incidentes passados, e para ambos foi uma calma bem-vinda e serena.

Foi depois de terem voltado à sala e terminado o café e o Beditino que Richard falou:

— Foi uma noite maravilhosa. Tão calma. Ann, minha querida, se pudesse ser sempre assim!

— Mas vai ser, Richard.

— Não está sendo sincera, Ann. Sabe, tenho pensado muito. A verdade é uma coisa desagradável, mas tem que ser encarada. Para ser bem franco, acho que Sarah e eu nunca vamos nos dar bem. Se nós três tentarmos morar juntos, a vida será insuportável. Na verdade, só há uma coisa a fazer.

— O que está querendo dizer?

— Para falar com franqueza, Sarah precisa sair daqui.

— Não, Richard. Isso é impossível.

— Quando as moças não estão felizes em casa, vão viver sozinhas.

— Sarah só tem dezenove anos, Richard.

— Há lugares em que moças podem morar. Pensionatos. Ou como hóspedes de uma família.

Ann sacudiu a cabeça com decisão.

— Acho que não se dá conta do que está sugerindo. Sugere que, por querer casar de novo, eu expulse minha filha... enxote-a para fora de sua casa.

— Moças gostam de ser independentes e de morar sozinhas.

— Sarah não. Não é uma questão de ela querer morar sozinha. Esta é a casa dela, Richard. Ela nem sequer é de maior idade.

— Bem, *eu* penso que é um bom plano. Podemos dar-lhe uma boa mesada... eu contribuirei. Ela não precisará sentir-se restringida. Será feliz sozinha, e nós seremos felizes sozinhos. Não posso ver nada de errado nisso.

— Você está pressupondo que Sarah *vai* ser feliz sozinha?

— Ela vai gostar. Eu lhe digo que as moças gostam de ser independentes.

— Você não sabe coisa alguma sobre moças, Richard. Tudo que está pensando é no que *você* quer.

— Estou sugerindo o que penso ser uma solução perfeitamente razoável.

Ann falou lentamente:

— Antes do jantar, você disse que ponho Sarah em primeiro lugar. De um certo modo, Richard, isso é verdade... Não é uma questão de qual de vocês eu amo mais. Mas quando penso em ambos... sei que são os interesses de Sarah que devem vir antes dos seus. Porque você vê, Richard, Sarah é minha responsabilidade. Não estou livre dessa responsabilidade até que Sarah seja uma mulher feita... e ela *ainda* não é uma mulher feita.

— As mães nunca querem que os filhos cresçam.

— Isso às vezes é verdade, mas honestamente não penso que seja verdade no nosso caso. Vejo algo que você não pode ver: que Sarah é ainda muito jovem e indefesa.

Richard riu com desdém.

— Indefesa!

— Sim, foi exatamente o que quis dizer. E insegura sobre si mesma, sobre a vida. Quando estiver pronta a sair para o mundo, *ela* quererá ir... e então estarei mais do que pronta a ajudá-la. Mas ela *não* está pronta.

Richard suspirou, e disse:

— Acho que simplesmente não se pode discutir com mães.

Ann retorquiu com insuspeitada firmeza:

— Não vou expulsar minha filha da casa dela. Fazer isso, quando ela não quer ir, seria uma crueldade.

— Bem, se você está tão decidida.

— Oh, certamente. Mas Richard, querido, se você ao menos for paciente. Não vê que não é você o intruso, mas Sarah? E ela sente isso. Mas sei que, com o tempo, ela aprenderá a ser sua amiga. Porque ela realmente me ama, Richard. E no fim não quererá que eu seja infeliz.

Richard olhou para ela com um sorriso levemente irônico.

— Minha doce Ann, que otimista incurável você é.

Ela entrou no círculo dos braços dele.

— Richard querido... eu o amo... Oh, Deus, gostaria de não ter tanta dor de cabeça...

— Vou buscar uma aspirina...

Ocorreu-lhe que, agora, toda conversa que tinha com Ann acabava sempre

em aspirina.

Capítulo IX

1

POR DOIS DIAS houve uma paz bem-vinda e inesperada. Isso animou Ann. Afinal, as coisas não eram tão más. Como havia dito, com o tempo tudo se ajeitaria. O apelo que fizera a Richard dera resultado. Dentro de uma semana estariam casados... e depois disso, parecia-lhe que a vida seria mais normal. Sarah certamente deixaria de hostilizar tanto Richard, e acharia mais interesse em outros assuntos.

— Sinto-me realmente muito melhor hoje — comentou com Edith.

Ocorreu-lhe que um dia sem dor de cabeça era agora um verdadeiro fenômeno.

— Quase como uma calmaria na tempestade, pode-se dizer — concordou Edith. — São como cão e gato, a Srta. Sarah e o Sr. Cauldfield. Tomaram o que se pode chamar de uma genuína aversão um pelo outro.

— Mas acho que Sarah está superando um pouco, não acha?

— Se eu fosse a senhora, não me encheria de falsas esperanças, madame — disse Edith sombriamente.

— Mas não pode continuar sempre assim.

— Eu não apostaria nisso.

Edith era sempre tão lúgubre, pensou Ann! Divertia-se em predizer desastres.

— *Tem* sido melhor ultimamente — insistiu.

— Ah, porque o Sr. Cauldfield tem vindo aqui quase sempre de dia, quando a Srta. Sarah está na loja de flores, e ela tem ficado com a senhora só para ela de noite. Além disso, ela está absorvida pela ida daquele Sr. Gerry para o estrangeiro. Mas depois que a senhora estiver casada, vai ter os dois aqui juntos. Vão reduzir a senhora a pedaços, isso é que vão!

— Oh, Edith — o desalento se apoderou de Ann. Era uma comparação horrível.

E exprimia tão bem o que vinha sentindo!

Disse desesperadamente:

— Não agüento isso. *Detesto* cenas e brigas, e sempre detestei.

— É verdade. Sempre viveu quieta e protegida, e é isso que lhe convém.

— Mas o que posso fazer? O que *você* faria, Edith?

Edith disse com gosto:

— Não adianta se lamentar. Me ensinaram quando criança: “Esta vida não é mais que um vale de lágrimas”.

— Se é tudo que pode sugerir para me consolar!

— Essas coisas são mandadas para nos pôr à prova — disse Edith solenemente. — Agora, se ao menos a senhora fosse uma dessas que gostam de brigas! Há muitas que gostam. A segunda mulher do meu tio, por exemplo. Não há nada que goste mais do que de bater boca. Tem uma língua ferina... mas quando termina, não guarda ressentimentos e não torna a pensar naquilo. Já desabafou. Acho que é o sangue irlandês. A mãe dela veio de Limerick. Não são rancorosos, mas adoram uma briga. A Srta. Sarah tem um pouco disso. Lembro da senhora ter falado que o Sr. Prentice era meio irlandês. Tem seus repentês, a Srta. Sarah, mas nunca houve uma moça de coração tão bom. Se quer saber, é muito bom que o Sr. Gerry esteja indo para o outro lado do mar. Ele nunca vai se acomodar e ficar numa coisa só. A Srta. Sarah pode conseguir coisa melhor que ele.

— Acho que ela gosta muito dele, Edith.

— Eu não me preocuparia. Dizem que “A ausência aumenta o amor”, mas minha tia Jane costumava acrescentar “por outro”. “Longe da vista, longe do coração” é um provérbio mais verdadeiro. Agora não se preocupe com ela nem com mais ninguém. Está aqui aquele livro que a senhora tanto queria ler, e vou trazer uma boa xícara de café e um ou dois biscoitos. Distraia-se enquanto pode.

Ann ignorou a sugestão levemente sinistra das três últimas palavras. Falou:

— Você é um grande consolo, Edith.

Na quinta-feira Gerry Lloyd viajou e Sarah, naquela noite, voltou para casa e teve a pior das discussões com Richard.

Ann os deixou e procurou refúgio em seu próprio quarto. Ficou lá, deitada no escuro, cobrindo os olhos com as mãos. os dedos apertando a testa dolorida. Lágrimas lhe rolaram dos olhos.

Disse a si mesma várias vezes, num murmúrio: — não posso agüentar... não posso agüentar...

Daí a pouco escutou o fim de uma frase dita por Richard, quase gritada, enquanto ele saía tempestuosamente da sala:

— ... e sua mãe não pode escapar sempre, fugindo *com* uma das eternas dores de cabeça!

Ouviu-se então a batida da porta da frente.

Os passos de Sarah soaram no corredor, vindo hesitante e vagorosamente para seu próprio quarto. Ann chamou:

— Sarah.

A porta se abriu. A voz de Sarah, levemente culpada, disse:

— No escuro?

— Minha cabeça dói. Acenda a lampadazinha do canto.

Sarah fez isso. Veio devagar até a cama, os olhos baixos. Havia nela algo desamparado e infantil que tocou o coração de Ann, embora apenas minutos antes tivesse ficado violentamente zangada com ela.

— Sarah — disse Ann. — Você precisa?

— Preciso o quê?

— Brigar com Richard todo o tempo? Não sente coisa alguma por mim? Percebe como está me fazendo infeliz? Não quer que eu seja feliz?

— Claro que quero. É por *isso* mesmo.

— Não a entendo. Você me faz perfeitamente infeliz. Penso às vezes que não posso continuar... Tudo é tão diferente.

— Sim, tudo é diferente. Ele estragou tudo. Quer me tirar daqui. Não vai deixar ele fazer você me mandar embora, vai?

Ann ficou zangada.

— Claro que não. Quem sugeriu uma coisa dessas?

— Ele. Agora mesmo. Mas você não vai, vai? É tudo como um pesadelo.

— Subitamente as lágrimas de Sarah começaram a correr. — Tudo saiu errado. Tudo. Desde que voltei da Suíça. Gerry foi embora. Provavelmente nunca voltarei a

vê-lo. E você se voltou contra mim...

— Não me voltei contra você! Não diga uma coisa dessas.

— Oh, Mamãe... Mamãe...

A moça se atirou de joelhos junto à cama e soluçou incontrolavelmente. Repetia de quando em quando aquela palavra: “Mamãe”,,,

2

Na bandeja do desjejum de Ann, na manhã seguinte, havia um bilhete de Richard.

QUERIDA ANN:

Positivamente, as coisas não podem continuar assim. Precisamos achar alguma solução. Acredito que encontrará Sarah mais acessível do que pensa.

Sempre seu,

RICHARD

Ann franziu as sobrancelhas. Estaria Richard se iludindo deliberadamente? Ou será que a crise de Sarah na noite anterior fora, em grande parte, histérica? Isso era bem possível: Ann tinha certeza de que Sarah estava sofrendo toda a angústia do amor de adolescente, e seu primeiro adeus ao bem-amado. Afinal, já que antipatizava tanto com Richard, pode ser que fosse realmente mais feliz longe de casa...

Num impulso, Ann estendeu a mão para o telefone e discou o número de Laura Whitstable.

— Laura? É Ann.

— Bom dia. Está chamando muito cedo.

— Oh, não sei mais o que fazer. Minha cabeça não pára de doer, e sinto-me realmente doente. As coisas não podem continuar assim. Queria pedir um conselho.

— Não dou conselhos. É uma coisa perigosíssima.

Ann não deu atenção.

— Escute, Laura, você acha... poderia... ser uma boa coisa... se... se Sarah fosse morar sozinha... quer dizer, se dividisse um apartamento com uma amiga... ou coisa assim?

Houve uma pequena pausa e então *Dame* Laura perguntou:

— É o que ela quer?

— Bem... não... não exatamente. Quer dizer, foi apenas uma *idéia*.

— Quem sugeriu? Richard?

— Bem... foi.

— Muito razoável.

— Você acha mesmo? — perguntou Ann ansiosamente.

— Quero dizer que foi muito razoável do ponto de vista de Richard. Ele sabe o que quer... e faz tudo para consegui-lo.

— Mas o que *você* acha?

— Já lhe disse, Ann, eu não dou conselhos. O que diz Sarah?

Ann hesitou:

— Não cheguei a discutir o assunto com ela... ainda.

— Mas você provavelmente tem alguma idéia?

Ann disse um tanto relutante:

— Não creio que ela vá gostar, de jeito nenhum.

— Ah!

— Mas eu talvez devesse insistir?

— Para quê? Para curar suas dores de cabeça?

— Não, não! — exclamou Ann horrorizada. — Unicamente para a felicidade dela.

— Isso parece magnífico! Sempre desconfio de sentimentos nobres. Não quer ser mais clara?

— Bem, tenho me perguntado se eu não serei mesmo um tipo de mãe demasiado apegada, se não seria melhor para Sarah sair de perto de mim. Para que possa desenvolver sua própria personalidade.

— Sei, sei, muito moderno.

— É mesmo, sabe, penso que ela talvez venha a gostar da idéia. Não pensava no início, mas agora... Oh, por favor, diga o que pensa.

— Minha pobre Ann.

— Por que diz “minha pobre Ann”?

— Você me perguntou o que eu pensava.

— Não está me ajudando muito, Laura.

— E nem quero ajudar, não do jeito que você pretende .

— Richard está ficando cada vez mais difícil, sabe. Escreveu-me uma espécie de ultimato esta manhã... Logo estará pedindo que eu escolha entre ele e Sarah.

— E qual você escolheria?

— Oh, Laura, não diga isso. Não quis dizer que as coisas já chegaram a esse ponto, não realmente.

— Mas talvez cheguem.

— Laura, você é de enlouquecer! Nem sequer tenta ajudar.

E Ann bateu o telefone, furiosa.

3

Naquela tarde, às seis horas, Richard Cauldfield telefonou.

Edith atendeu:

— A Sra. Prentice está?

— Não, senhor. Foi a uma daquelas reuniões onde sempre vai, um Lar de Velhos, ou coisa parecida. Não deve voltar antes das sete.

— E a Srta. Sarah?

— Acabou de chegar. Quer falar com ela?

— Não, eu vou até aí.

Richard cobriu a distância entre o escritório e o bloco de apartamentos de Ann em passadas firmes e uniformes. Passara a noite em claro e tinha finalmente chegado a uma resolução. Embora fosse um homem que levava algum tempo para decidir, uma vez que o fizesse atinha-se obstinadamente à sua decisão.

As coisas não podiam continuar como estavam. Primeiro Sarah, e depois Ann, teriam que ser forçadas a ver isso. Aquela garota estava consumindo a mãe com suas crises de mau humor e sua obstinação! A pobre e doce Ann... Mas seus pensamentos não eram inteiramente amorosos. Sentia contra Ann um certo ressentimento, quase imperceptível. Ela fugia constantemente da luta, lançando mão de artifícios femininos — dores de cabeça, prostrações... Ann tinha que encarar os fatos!

Essas duas mulheres... todas aquelas tolices femininas precisavam *acabar*.

Tocou a campainha, foi recebido por Edith e entrou na sala. Sarah voltou-se da lareira onde estava. Tinha um copo na mão.

— Boa noite, Richard.

— Boa noite, Sarah.

Sarah disse com certo esforço:

— Sinto muito sobre ontem à noite, Richard. Receio ter sido muito grosseira.

— Não tem importância. — Richard fez com a mão um gesto magnânimo. — Não vamos falar mais nisso.

— Quer beber alguma coisa?

— Não, obrigado.

— Acho que Mamãe ainda demora a chegar. Ela foi a...

Ele a interrompeu:

— Não tem importância. Eu vim ver você.

— Eu?

Os olhos de Sarah se estreitaram e escureceram. Ela deu um passo à frente e sentou-se, observando-o com desconfiança.

— Quero discutir as coisas com você. Parece-me perfeitamente claro que não podemos continuar como estamos, com todas essas brigas e discussões. Não é justo para sua mãe, em primeiro lugar. Estou certo de que gosta dela.

— Naturalmente — disse Sarah, com frieza.

— Então, entre nós, temos que lhe dar uma folga. Ela e eu estaremos casados dentro de uma semana. Quando voltarmos da lua-de-mel, que tipo de vida pensa que teremos, vivendo os três neste apartamento?

— Bastante infernal, creio.

— Vê? Você mesma reconhece. Agora, quero lhe dizer que não lhe atribuo toda a culpa.

— Muito magnânimo de sua parte, Richard. — O tom de voz dela era sério e educado. Ele ainda não conhecia Sarah o suficiente para reconhecer um sinal de perigo.

— É uma pena não nos entendermos. Falando francamente, você não gosta de mim.

— Já que insiste, sim, é verdade.

— Não importa. Eu, de minha parte, também não simpatizo particularmente com você.

— Você me detesta — disse Sarah.

— Ora, vamos — retrucou Richard, — eu não chegaria a tanto.

— Eu sim.

— Bem, vamos pôr as coisas assim: não gostamos um do outro. Não me importa muito se você gosta ou não de mim. É com sua mãe que vou casar, não com você. Tentei ser seu amigo, mas você não quer... Então precisamos achar uma solução. Estou disposto a fazer o que puder de outras maneiras.

Sarah perguntou, desconfiada:

— Que outras maneiras?

— Já que não pode suportar a vida em casa, farei o que puder para ajudá-la a levar sua própria vida em algum outro lugar, onde possa ser mais feliz. Assim que Ann for minha esposa, estou preparado para prover totalmente pelo seu sustento. Haverá dinheiro de sobra para você. Um apartamentozinho simpático nalgum lugar, que você possa partilhar com uma amiga. Mobiliá-lo e tudo mais... exatamente como quiser.

Os olhos dela se estreitaram ainda mais e ela falou:

— Que homem maravilhosamente generoso você é, Richard.

Ele não pressentiu o sarcasmo. No íntimo, estava se congratulando. Afinal a coisa fora bastante simples. A garota sabia perfeitamente bem o que mais lhe convinha. Tudo se resolveria de modo bastante amistoso.

Sorriu para ela, bem-humorado.

— Bem, não gosto de ver as pessoas infelizes. E compreendo (coisa que sua mãe não faz) que vocês, jovens, anseiam por seguir seus próprios caminhos e ser independentes. Será muito mais feliz sendo independente do que vivendo aqui como cão e gato.

— Então é essa a sua sugestão?

— É uma ótima idéia, todos ficam satisfeitos.

A risada de Sarah fez Richard voltar abruptamente a cabeça:

— Não vai se livrar de mim assim tão facilmente — disse ela.

— Mas...

— Não irei, estou lhe dizendo. Não irei!!

Nenhum dos dois ouviu a chave de Ann na porta da frente. Ela abriu a porta e os encontrou olhando-se com ar feroz. Sarah tremia dos pés à cabeça e repetia histericamente:

— Eu não vou... não vou... não vou...

— Sarah...

Ambos se voltaram de chofre. Sarah correu para a mãe.

— Querida, querida, você não vai deixar que ele me mande embora, vai? Viver num apartamento com uma amiga — *eu detesto* amigas. Não quero ser independente. Quero ficar com você. Não me mande embora, Mamãe. Não... não.

Ann respondeu prontamente, num tom apaziguador.

— É claro que não. Está tudo bem, querida. — Para Richard, ela perguntou rispidamente: — O que estava dizendo a ela?

— Fazia uma sugestão perfeitamente sensata.

— Ele me odeia e vai fazer você me odiar. — Sarah soluçava agora como uma criança histérica.

— Não, não, Sarah, não seja absurda — o tom de Ann era conciliador. — Fez um sinal a Richard. — Vamos falar sobre isso em outra ocasião.

— Não, não vamos — Richard foi taxativo. — Falaremos nisso aqui e agora. Temos que esclarecer as coisas.

— Oh, por favor — Ann caminhou com a mão na testa. Sentou-se no sofá.

— Não adianta ter uma dor de cabeça para se livrar, Ann! A questão é quem vem em primeiro lugar para você, eu ou Sarah?

— Não é essa a questão.

— Claro que é! Tudo isto tem que ser esclarecido de uma vez por todas. Não posso agüentar muito mais.

Os tons altos da voz de Richard atravessavam a cabeça de Ann, fazendo cada nervo retesar-se num paroxismo de dor. Ela tivera uma reunião difícil no comitê, viera cansada para casa, e sentia agora que sua vida, como vivida no presente, era positivamente insuportável!

Disse debilmente:

— Não posso falar com você agora, Richard. Realmente não posso. Simplesmente não agüento mais.

— Pois eu lhe digo que isso precisa ser esclarecido. Ou Sarah sai de casa, ou saio eu.

Um ligeiro tremor percorreu o corpo de Sarah. Ela levantou o rosto, encarando Richard.

— Meu plano é perfeitamente razoável — disse ele. — Eu o descrevi a Sarah em linhas gerais e ela não parecia ter nada contra, até você aparecer.

— Eu não vou — repetiu Sarah.

— Minha menina, você pode ver sua mãe sempre que quiser, não pode?

Sarah voltou-se impulsivamente para Ann, jogando-se no chão ao lado dela.

— Mamãe, Mamãe, você não vai me expulsar, vai? Você é minha mãe!

O rosto de Ann ficou vermelho. Ela falou com súbita firmeza:

— Não pedirei que minha única filha saia de sua casa, a menos que ela queira fazê-lo.

Richard gritou:

— Ela quereria... se não fosse para me contrariar.

— É o tipo da coisa que você pensaria — disse Sarah com veemência.

— Cale a boca! — gritou Richard.

Ann levou as mãos à cabeça.

— Não posso suportar isso — disse ela. — Estou avisando vocês, não posso suportar isso...

Sarah gritou em tom de súplica:

— Mamãe!...

Richard voltou-se, furioso, para Ann.

— Não adianta, Ann. Você e suas dores de cabeça! Você precisa escolher, que diabo!

— Mamãe — Sarah estava realmente fora de si agora. Apegava-se a Ann como uma criança assustada. — Não deixe que ele a ponha contra mim, Mamãe... não deixe...

Ann, com as mãos ainda a apertar a cabeça, disse:

— Não posso agüentar mais. É melhor você ir, Richard.

— O quê? — ele a olhou fixamente.

— Vá, por favor. Esqueça-me. É inútil...

Novamente a fúria o dominou e ele perguntou com ar sombrio:

— Você percebe o que está dizendo?

— Preciso de paz... não posso continuar — falou Ann, aturdida.

Sarah sussurrou novamente:

— Mamãe...

— Ann... — a voz de Richard estava cheia de sofrimento incrédulo.

Ann gritou desesperada:

— Não adianta... *não adianta*, Richard.

Sarah voltou-se contra ele, furiosa e infantilmente:

— Vá embora. Não o queremos, está ouvindo? Nós não o queremos! —

Havia um ar de triunfo em seu rosto que seria feio, se não fosse tão infantil.

Ele não lhe deu atenção. Estava olhando para Ann.

— É isso mesmo que você quer? — falou gravemente. — Não... voltarei mais.

Ann disse, exausta:

— Eu sei... simplesmente... não pode ser, Richard. Adeus...

Ele caminhou lentamente para fora da sala.

Sarah gritou: “Querida!” e mergulhou a cabeça no colo da mãe.

Com gestos mecânicos Ann acariciou a cabeça da filha; mas seus olhos estavam fixos na porta pela qual Richard acabara de sair.

Um instante depois ouviu o som da porta da frente que se fechava com uma pancada decidida.

Sentiu a mesma sensação de vazio que sentira naquele dia na Estação Vitória, e uma grande desolação...

Richard descia as escadas agora, saía no saguão e descia a rua.

Caminhando para fora da sua vida...

LIVRO
DOIS

Capítulo I

1

LAURA WHITSTABLE olhou com carinho para as conhecidas ruas de Londres, pelas janelas do ônibus que a trazia do aeroporto. Estivera muito tempo fora, servindo numa Delegação Real que incluía uma interessante e prolongada volta ao mundo. As sessões finais nos Estados Unidos tinham sido cansativas. *Dame* Laura fizera conferências, presidira, almoçara e jantara e tivera dificuldade em encontrar tempo para ver seus amigos pessoais.

Bem, agora tinha terminado. Estava novamente em casa, com uma mala cheia de anotações, estatísticas e papéis importantes, e com a perspectiva de mais um bocado de trabalho pela frente, preparando o material para publicação.

Era uma mulher de grande vitalidade e enorme resistência física. A perspectiva do trabalho lhe fora sempre mais atraente do que a do lazer, mas, ao contrário de muita gente, ela não se vangloriava disso e às vezes candidamente admitia que a preferência poderia ser encarada mais como uma fraqueza do que como uma virtude. Porque o trabalho, dizia ela, é uma das principais vias pelas quais fugimos de nós mesmos. E viver consigo mesmo, sem subterfúgios e em humildade e contentamento, é alcançar a única e verdadeira harmonia da vida.

Laura Whitstable era uma mulher que se concentrava numa coisa de cada vez. Nunca fora dada a escrever cartas longas e noticiosas aos amigos. Quando estava ausente, estava ausente — tanto em pensamento quanto em físico.

Escrupulosamente enviava cartões-postais bem coloridos para o quadro de auxiliares domésticos, que se sentiriam ofendidos se ela não o fizesse. Mas amigos e familiares sabiam que a primeira coisa que ouviriam de *Dame* Laura seria uma voz profunda e áspera ao telefone, anunciando que estava de volta.

Era bom estar em casa, pensou Laura um pouco mais tarde, enquanto passava os olhos pela sala confortável e masculina e ouvia distraída o melancólico

catálogo de pequenos desastres domésticos que, segundo Basset, haviam ocorrido em sua ausência.

Dispensou Basset com um “fez bem em me contar” final, e afundou na grande e velha poltrona de couro. Cartas e jornais estavam empilhados numa mesa lateral, mas não se preocupou com eles. Todos os assuntos urgentes tinham sido tratados pela sua eficiente secretária.

Acendeu um charuto e recostou-se na poltrona, com os olhos semicerrados. Era o fim de um período, o início de outro...

Relaxou, deixando que a engrenagem do cérebro diminuísse a velocidade e mudasse para o novo ritmo. Seus companheiros de delegação... os problemas que haviam surgido... teorias... pontos de vista... personalidades americanas... os amigos americanos... lenta e inexoravelmente todos eles recuaram, tornaram-se vagos...

Londres, as pessoas que precisava ver, os figurões que iria tyrannizar, os Ministérios que se propunha a incomodar, as medidas práticas que pretendia tomar, os relatórios que precisava escrever... tudo lhe veio à mente com clareza. A futura campanha, as extenuantes tarefas diárias...

Mas antes disso haveria um intervalo, uma nova aclimação. Relações pessoais e prazeres. Os amigos para ver... um interesse renovado por seus problemas e alegrias. Um revisitar dos lugares favoritos — todos os mil e um prazeres de sua vida privada. Presentes que trouxera para dar... O rosto severo suavizou-se, e ela sorriu. Nomes flutuavam-lhe na mente. Charlotte... o jovem David... Geraldine e os filhos... o velho Walter Emlyn... Ann e Sarah... o Professor Parker...

O que acontecera a eles desde que partira?

Iria a Sussex para ver Geraldine depois de amanhã, se fosse conveniente. Pegou o telefone, conseguiu ligação, marcou dia e hora. Então ligou para o Professor Parker. Cego e quase totalmente surdo, ele ainda assim parecia estar ótimo de saúde e de espírito, e ansioso por um debate realmente violento com a velha amiga Laura.

O número que ligou a seguir foi o de Ann Prentice.

Foi Edith quem atendeu.

— Ora, isto é uma surpresa, madame. Faz um tempão. Li um artigo sobre

a senhora no jornal, um ou dois meses atrás. Não, sinto muito, a Sra. Prentice não está. Agora quase sempre sai à noite. Sim, a Srta. Sarah também saiu. Sim, madame, vou dizer à Sra. Prentice que telefonou e está de volta.

Reprimindo o desejo de observar que lhe teria sido mais difícil telefonar se não tivesse voltado, Laura Whitstable desligou e passou a ligar outro número.

Durante as conversas que se seguiram e os compromissos que assumiu, Laura relegou ao fundo da mente algum pontinho que prometeu a si mesma examinar mais tarde.

Foi só depois de estar na cama que sua mente analítica perguntou por que uma coisa dita por Edith a surpreendera. Levou algum tempo até lembrar, mas finalmente conseguiu.

Edith dissera que Ann tinha saído, e que agora quase sempre saía à noite.

Laura franziu as sobrancelhas, pois parecia que Ann devia ter modificado muito seus hábitos. Naturalmente, seria de esperar que Sarah andasse na folia todas as noites de sua vida. As moças faziam isso. Mas Ann era do tipo quieto — uma saída ocasional para jantar... um cinema de vez em quando... ou uma peça de teatro... mas não um hábito de todas as noites.

Deitada na cama, Laura Whitstable pensou por algum tempo em Ann Prentice...

2

Foi duas semanas mais tarde que *Dame* Laura tocou a campainha do apartamento de Ann Prentice.

Edith abriu a porta, e sua expressão azeda teve uma quase imperceptível mudança, indicando que estava satisfeita. Afastou-se para que *Dame* Laura entrasse.

— A Sra. Prentice está se arrumando para sair — disse ela. — Mas estou certa de que vai querer ver a senhora.

Conduziu *Dame* Laura até a sala, e seus passos pesados soaram pelo corredor em direção ao quarto de Ann.

Laura passou os olhos pela sala, um tanto surpresa. Estava completamente transformada — ela dificilmente saberia que era a mesma peça, e só por um instante brincou com a idéia absurda de ter vindo ao apartamento errado.

Algumas peças da mobília original ainda restavam, mas a um canto havia um grande bar. O novo *décor* era uma versão atualizada do estilo Império francês, com elegantes cortinas de cetim listrado e muitos bronzes e dourados. Os poucos quadros nas paredes eram modernos. Parecia menos uma peça da casa de alguém do que o cenário de uma produção teatral.

A cabeça de Edith assomou à porta:

— A Sra. Prentice estará com a senhora num momento, madame — avisou.

— Houve uma transformação total por aqui — observou *Dame* Laura.

— Custou rios de dinheiro — disse Edith desaprovadamente. — E um ou dois moços muito esquisitos têm andado por aqui supervisionando. A senhora nem pode imaginar.

— Ora, imagino sim — respondeu *Dame* Laura. — Bem, parece que fizeram um ótimo trabalho.

— Bugigangas — disse Edith com desprezo.

— A gente precisa acompanhar os tempos, Edith. Com certeza a Srta. Sarah gosta.

— Oh, não é o gosto dela. Tem horror a mudanças. Sempre teve. Ora, a senhora lembra, madame, ela não queria nem o sofá virado para o outro lado! Não, é a Sra. Prentice que é doida por tudo isso.

Dame Laura levantou levemente as sobrancelhas. Parecia-lhe novamente que Ann Prentice devia ter mudado muito. Mas naquele momento passos vieram correndo pelo corredor e a própria Ann entrou precipitadamente, com as mãos estendidas.

— Laura, querida, que maravilha! Estava ansiosa por vê-la!

Deu em Laura um beijo rápido e distraído. Esta olhou-a com surpresa.

Sim, Ann Prentice mudara. Seu cabelo castanho claro, com um ou dois fios entremeados de cinza, fora pintado num tom avermelhado e cortado num estilo exageradamente moderno.

Depilara as sobrancelhas, e tinha o rosto dispendiosamente maquiado. Usava um vestido curto de coquetel, adornado com grande quantidade de bijuterias. Seus movimentos eram agitados e artificiais — e isso, para Laura, era a mudança mais significativa de todas, pois a característica principal da Ann Prentice que conhecera era uma tranqüilidade meiga e serena.

— E o que me diz do jovem Gerald Lloyd... aquele rapaz que a preocupava tanto?

— Oh, foi para a América do Sul, ou um lugar qualquer. Aquilo acabou, felizmente. Engraçado você lembrar.

— Eu lembro de coisas que dizem respeito a Sarah. Gosto muito dela.

— Você é um amor, Laura. Sarah está muito bem. Muito egoísta e irritante em vários sentidos... mas suponho que isso é normal, na idade dela. Chegará daqui a pouco, e então...

O telefone tocou, e Ann interrompeu-se para atender.

— Alô?... Oh, é você, querido... Ora, é claro, eu adoraria... Sim, mas tenho de olhar na minha agenda... oh, que inferno, não sei onde está... sim, estou certa de que está bem... Quinta, então... o Petit Chat... sim, não foi?... Engraçado como Johnnie se apagou completamente... Sim, é claro, estávamos todos um pouco altos... Sim, também acho...

Recolocou o fone no gancho, comentando com uma nota de satisfação na voz que desmentia as palavras:

— Esse telefone! Toca o dia inteiro.

— Eles têm esse hábito — concordou Laura secamente. Acrescentou: — Você parece estar levando uma vida muito divertida, não Ann?

— Não se pode vegetar, querida... oh, parece que é Sarah.

Ouviram a voz de Sarah no vestíbulo:

— Quem, *Dame* Laura? Ótimo!

Abriu violentamente a porta da sala e entrou. Sua beleza surpreendeu Laura Whitstable. Desaparecera o toque desajeitado de potrinho, e ela agora era uma jovem excepcionalmente atraente, com rosto e corpo de beleza bastante incomum.

Pareceu radiante ao ver a madrinha, e beijou-a afetuosamente.

— Laura querida, que bom! Você fica ótima com esse chapéu. Ele lhe dá um ar quase Real, com um toquezinho tirolês.

— Criança impertinente — disse Laura, sorrindo para ela.

— Não, mas é verdade. Você é mesmo uma personalidade, não é, minha jóia?

— E você, uma jovem muito bonita!

— Oh, é só a minha maquiagem cara.

O telefone tocou, e Sarah atendeu.

— Alô? Quem está falando? Sim, ela está aqui. É para você, Mamãe... como sempre.

Quando Ann tomou o fone das mãos dela, Sarah sentou-se no braço da poltrona de Laura.

— O telefone toca para Mamãe o dia inteirinho — disse ela rindo.

Ann interrompeu asperamente:

— Fique quieta, Sarah, não consigo escutar. Sim... bem, acho que sim... mas estou ocupadíssima na semana que vem... Vou olhar na agenda. — Voltou-se e pediu: — Sarah, encontre a minha agenda. Deve estar junto à minha cama.

Sarah saiu da sala. Ann continuou falando:

Bem, naturalmente sei o que quer dizer... sim, esse tipo de coisa é uma obrigação horrível... Verdade, querido?... Bem, no que me diz respeito, cansei de Edward... Eu... Oh, cá está a agenda — tomou-a de Sarah, virando as folhas. — Não, sexta não dá... Sim, eu poderia ir depois... Muito bem, então, nos encontraremos nos Lumley Smith... Oh, sim, concordo. Ela é terrivelmente sem graça.

Recolocou o fone no gancho e exclamou:

— Esse telefone! Vai acabar me deixando maluca...

— Você adora isso, Mamãe. E adora flunar por aí, sabe disso. — Sarah voltou-se para *Dame* Laura e perguntou: — Não acha que Mamãe está muito elegante com esse novo penteado? Anos mais moça?

— Sarah não me deixa mergulhar graciosamente na meia-idade — disse Ann, com uma risada levemente artificial.

— Ora, Mamãe, você sabe que gosta de se divertir. Ela tem muito mais namorados do que eu, Laura, e raras vezes chega em casa antes do amanhecer.

— Não seja absurda, Sarah — disse Ann.

— Quem é hoje à noite, Mamãe? Johnnie?

— Não, Basil.

— Oh, antes você do que eu. Acho Basil o fim.

— Bobagem — falou Ann, asperamente. — Ele é muito divertido. E você,

Sarah? Vai sair, suponho?

— Sim, Lawrence vem me buscar. Tenho que correr e mudar de roupa.

— Vá, então. E, Sarah... *Sarah...* não deixe suas coisas espalhadas por todo lado. Sua pele... e suas luvas. E apanhe aquele copo. Vai acabar quebrando.

— Ah, está bem, Mamãe. Não reclame tanto.

— Alguém tem que reclamar. Você nunca arruma nada. Para falar a verdade, às vezes não sei como agüento! Não... leve-as *com* você.

Ann deu um suspiro de exasperação enquanto Sarah saía.

— Francamente, garotas são absolutamente enlouquecedoras. Você não tem idéia de como Sarah é exasperante!

Laura lançou-lhe um rápido olhar. Houvera uma nota de verdadeiro mau humor e irritação na voz de Ann.

— Você não se cansa de toda essa correria. Ann?

— Claro que sim. Fico morta de cansaço. Mas a gente precisa fazer alguma coisa para se divertir.

— Você não costumava ter dificuldade em se divertir.

— Ficar sentada em casa com um bom livro e uma refeição numa bandeja? A gente passa por essa fase de retraimento. Mas estou no meu segundo fôlego agora. Por falar nisso, Laura, foi você que usou essa expressão pela primeira vez. Não está contente ao ver que aconteceu?

— Eu não quis dizer exatamente essa roda-viva social.

— Claro que não, querida. Você se referia a algum objetivo mais nobre. Mas não podemos todas ser figuras públicas como você, tremendamente científicas e sérias. Gosto de me divertir.

— E Sarah, do que ela gosta? Também gosta de se divertir? Como está a criança? Feliz?

— Claro. Ela se diverte muito.

Ann falou num tom despreocupado e indiferente, mas Laura Whitstable franziu as sobrancelhas. Quando Sarah deixou a sala, Laura tinha ficado perturbada por ver uma momentânea expressão de profundo cansaço no rosto da moça. Era como se por um momento a máscara sorridente tivesse escorregado — e por baixo dela Laura pensou ter visto incerteza e algo como sofrimento.

Sarah *era* feliz? Ann evidentemente pensava que sim. E Ann devia saber.

Não fique imaginando coisas, mulher — disse para si, severamente.

Mas a despeito de si mesma, sentia-se inquieta e perturbada. Havia alguma coisa errada na atmosfera do apartamento. Ann, Sarah, até mesmo Edith, todas percebiam isso. Todas elas, pensou, tinham algo a esconder. O olhar sombrio de desaprovação de Edith, a inquietude de Ann, suas maneiras nervosas e artificiais, a atitude insegura de Sarah... Havia algo errado em algum lugar.

A campainha da frente tocou e Edith, com o rosto mais lúgubre do que nunca, anunciou o Sr. Mowbray.

O Sr. Mowbray arremessou-se para dentro da sala. Não havia outro termo para aquilo. Eram os movimentos saltitantes de algum inseto alegre. *Dame* Laura pensou que ele poderia desempenhar bem o papel de Osric. Era jovem e de modos afetados.

— Ann! — exclamou ele. — Você está usando, afinal! Minha querida é o maior sucesso!

Ele se manteve a distância, a cabeça inclinada para um lado, examinando o vestido de Ann, enquanto esta o apresentava a *Dame* Laura.

Avançou para ela, exclamando excitado:

— Um broche de camafeu! Que coisa absolutamente *adorável!* Adoro camafeus. Tenho uma *coisa* por camafeus!

— Basil tem uma *coisa* por qualquer jóia vitoriana — disse Ann.

— Minha querida, eles tinham imaginação. Aqueles medalhões *divinos, divinos*. Fios de cabelos de duas pessoas entrelaçados num cacho em forma de salgueiro ou de vaso. Não fazem mais aquele tipo de trabalho com cabelos, hoje em dia. É uma arte perdida. E flores de cera... sou louco por flores de cera... e mesinhas de *papier mâché*. Ann, tem que deixar que a leve para ver uma mesa realmente divina. Tem até as taças malaias originais. Repulsivamente cara, mas vale cada centavo.

— Preciso ir — falou Laura Whitstable. — Não se prendam por minha causa.

— Fique e converse com Sarah — disse Ann. — Mal chegou a vê-la. E Lawrence Steene ainda demora um pouco a chegar.

— Steene? Lawrence Steene? — perguntou *Dame* Laura bruscamente.

— Sim, o filho de *Sir* Harry Steene. Muito atraente.

— Oh, você acha, querida? — comentou Basil. — Ele sempre me parece um tanto *melodramático*... como um mau filme. Mas todas as mulheres parecem ficar loucas por ele.

— Ele é revoltantemente rico — disse Ann.

— Sim, há isso também. A maioria dos ricos é de uma falta de charme mortal. Quase não parece justo que alguém devesse ter dinheiro e charme.

— Bem, acho melhor irmos — disse Ann. — Eu lhe telefono, Laura, e vamos marcar uma conversa demorada e adorável uma hora destas.

Beijou Laura de maneira ligeiramente artificial e saiu com Basil Mowbray.

Dame Laura ouviu Basil comentar no vestíbulo: Que maravilhosa peça de museu ela é... tão divinamente lúgubre. Por que nunca a encontrei antes?

Alguns minutos depois Sarah entrou precipitadamente.

— Não fui rápida? Corri e quase não me pinteí.

— É um bonito vestido, Sarah.

Sarah rodopiou. Usava um vestido de cetim azul claro que se ajustava às linhas adoráveis de seu corpo.

— Gosta? Foi horrivelmente caro. Onde está Mamãe? Saiu com Basil? Ele é horrível, não? Mas muito divertido e maldoso, e faz uma espécie de culto a mulheres mais velhas.

— Provavelmente descobriu que isso compensa — disse *Dame* Laura, em tom sombrio.

— Como você é cínica... e como está certa, também. Mas afinal, Mamãe precisa de *alguma* diversão. Está se divertindo loucamente, pobrezinha. E é mesmo atraente, não acha? Meu Deus, deve ser horrível envelhecer!

— Posso lhe assegurar que é bastante confortável — disse *Dame* Laura.

— Está tudo muito bem para *você*... mas nem todos podem ser figuras importantes! O que tem feito nesses anos todos em que não a vimos?

— De um modo geral, abusado da minha autoridade, interferindo na vida dos outros e dizendo-lhes como ficarão alegres e felizes se fizerem exatamente o que lhes digo. Na verdade, incomodando todo mundo de maneira tirânica.

Sarah riu afetuosamente.

— Não quer me dizer como dirigir minha vida?

— Você precisa que lhe digam?

— Bem, não sei se estou sendo muito inteligente.

— Alguma coisa errada?

— Não exatamente... Divirto-me bastante e tudo isso... Acho que devia mesmo *fazer* alguma coisa.

— Que tipo de coisa?

— Oh, não sei — disse Sarah, vagamente. — Dedicar-me a alguma coisa. Preparar-me para alguma coisa. Arqueologia, ou taquigrafia e datilografia, ou massagem, ou arquitetura.

— Que campo vasto... Nenhuma queda em especial?

— Não... não, acho que não... Esse trabalho com as flores é bom, mas estou um pouco enjoada dele. Não sei o que quero realmente...

Sarah perambulou a esmo pela sala.

— Não está pensando em casar?

— Oh, casamento! — Sarah fez uma careta expressiva. — Casamentos sempre parecem não dar certo.

— Nem sempre.

— Bem — disse Sarah, — a maior parte dos meus amigos parece ter-se separado. Vai tudo bem por um ou dois anos, e depois desanda. Naturalmente não deve ser tão ruim se a gente casa com alguém que tem montes de dinheiro.

— Então é essa a sua opinião?

— Bem, na verdade é a única opinião razoável. O amor não deixa de ser uma boa coisa — continuou com desembaraço — mas afinal de contas ele se baseia na atração sexual, e isso não pode durar.

— Você parece tão informada quanto um livro-texto — comentou *Dame* Laura secamente.

— Bem, é verdade, não é?

— Absolutamente verdadeiro — replicou Laura prontamente.

Sarah pareceu um pouco desapontada.

— Por conseguinte, a única coisa sensata a fazer é casar com alguém realmente bem de vida.

Um leve sorriso crispou os lábios de Laura Whitstable.

— Isso também pode não durar — disse ela.

— É, acho que o dinheiro é um pouco incerto hoje em dia.

— Não foi isso que eu quis dizer — continuou *Dame* Laura. — O que quis dizer foi que o prazer de ter dinheiro para gastar é como a atração sexual. A gente acaba acostumando. Desaparece, como todo o resto.

— Comigo isso não aconteceria — afirmou Sarah. — Roupas bonitas... peles... jóias... e um iate...

— Como você ainda é criança, Sarah.

— Oh, mas não sou, Laura. Às vezes eu me sinto muito velha e desiludida.

— Verdade? — *Dame* Laura não podia deixar de sorrir diante da expressão grave do rosto jovem e bonito de Sarah.

— Na verdade, acho que eu deveria dar um jeito de sair daqui — falou Sarah, inesperadamente. — Arranjar um emprego, ou casar, ou alguma coisa. Eu deixo Mamãe horrivelmente nervosa. Tento ser boa, mas isso não parece adiantar. É claro que eu devo ser mesmo difícil. A vida é estranha, não é mesmo, Laura? Num momento tudo é alegria e a gente está se divertindo, e logo nada parece dar certo, e a gente não sabe onde está, nem o que quer fazer. E não há ninguém com quem se possa falar. Às vezes tenho uma sensação esquisita de medo. Não sei por que, nem de que... *Medo*, apenas. Talvez eu devesse me analisar, ou coisa parecida.

A campainha tocou e Sarah estremeceu.

— Acho que deve ser Lawrence!

— Lawrence Steene? — perguntou bruscamente Laura.

— Sim. Conhece?

— Ouvi falar nele — disse Laura, num tom sombrio.

Sarah deu uma risada.

— Nada de bom, garanto — disse ela, enquanto Edith abria a porta e anunciava:

— O Sr. Steene.

Lawrence Steene era alto e moreno. Tinha uns quarenta anos, e aparentava isso mesmo. Olhos um tanto velados pelos cílios. Movia-se com a elegância indolente de um felino. Era o tipo de homem que as mulheres notam imediatamente.

— Olá, Lawrence — disse Sarah. — Este é Lawrence Steene. Minha madrinha, *Dame* Laura Whitstable.

Lawrence Steene aproximou-se e tomou a mão de *Dame* Laura, curvando-se de um modo ligeiramente teatral e que quase poderia ser impertinente.

— É realmente uma honra — disse ele.

— Vê, querida? — exclamou Sarah. — Você é *mesmo* Nobre! Deve ser muito divertido ser uma *Dame*. Acha que algum dia serei uma?

— Não me parece nada provável — disse Lawrence.

— Oh, por quê?

— Você tem outros talentos. — Voltou-se para *Dame* Laura. — Li ontem um artigo seu. No *Commentator*.

— Oh, sim — disse *Dame* Laura. — Sobre a estabilidade do casamento.

— A senhora parece não ter dúvidas de que seria desejável a estabilidade no casamento. Mas no meu entender é a impermanência do casamento nos dias de hoje o que constitui seu maior encanto.

— Lawrence tem bastante experiência no assunto — acrescentou Sarah maldosamente.

— Só três vezes, Sarah.

— Meu Deus, espero que não tenha sido um daqueles casos em que as noivas desaparecem na banheira? — perguntou *Dame* Laura.

— Ele se desfaz delas na corte de divórcios — disse Sarah. — Bem mais simples que a morte.

— Mas lamentavelmente mais dispendioso — observou Lawrence.

— Creio ter conhecido sua segunda esposa, quando menina... Moira Denham, não é verdade?

— Exatamente.

— Uma moça encantadora.

— Concordo com a senhora, ela era realmente encantadora. Tão sem sofisticação.

— Um atributo pelo qual se paga caro às vezes — observou Laura. Levantou-se:

— Preciso ir.

— Podemos deixá-la em casa — ofereceu Sarah.

— Não, obrigada, estou com vontade de dar uma boa caminhada. Boa noite, minha querida.

A porta se fechou energicamente atrás dela.

— A desaprovação — disse Lawrence — foi marcante. Sou uma má influência na sua vida, Sarah. O dragão Edith positivamente lança fogo pelas ventas toda vez que me deixa entrar.

— Psiu, ou ela vai ouvir — pediu Sarah.

— É o que há de pior nos apartamentos — observou Lawrence. — Não se pode ter segredos.

Tinha chegado muito perto de Sarah, que se afastou um pouco, retrucando, petulante:

— Não, nada é secreto num apartamento, nem mesmo o encanamento.

— Onde está sua mãe esta noite?

— Saiu para jantar.

— Sua mãe é uma das mulheres mais sábias que conheço.

— Em que sentido?

— Ela nunca interfere, não é?

— Não... oh, não...

— Como eu disse, uma mulher sábia... Bem, vamos. — Afastou-se, olhando para ela. — Você está linda hoje, Sarah. Exatamente como deveria ser.

— Por que toda essa preocupação com esta noite? É alguma ocasião especial?

— É uma comemoração. Eu lhe direi mais tarde o que estamos comemorando.

Capítulo II

PASSARAM-SE ALGUMAS HORAS antes que Sarah repetisse a pergunta.

Estavam sentados na atmosfera atordoante de um dos mais caros clubes noturnos de Londres. Era um lugar demasiado cheio, mal ventilado e, pelo que se podia ver, sem nada que o distinguisse de qualquer outro *night club*, mas apesar disso o lugar da moda no momento.

Uma ou duas vezes tentara abordar o assunto dos motivos da comemoração, mas Steene conseguira desconversar. Ele sabia como criar uma atmosfera de crescente interesse.

Enquanto fumava e olhava ao seu redor, Sarah comentou:

— Muitos dos amigos mais conservadores da Mamãe acham horrível que eu tenha permissão para vir aqui.

— E ainda pior que venha aqui comigo?

Sarah riu:

— Por que acham você tão perigoso, Larry? Você costuma andar por aí, seduzindo mocinhas inocentes?

Lawrence estremeceu afetadamente, e disse:

— Nada tão grosseiro.

— O que, então?

— Pensam que eu participo daquilo que os jornais chamam “orgias inomináveis”.

— Tenho ouvido dizer que você oferece mesmo umas festas um tanto excêntricas — disse Sarah, com franqueza.

— Algumas pessoas as chamariam assim. Mas a verdade pura e simples é que não sou uma pessoa convencional. Há tantas coisas para fazer na vida, desde que se tenha ao menos a coragem de experimentar.

— É exatamente o que *eu* penso — exclamou Sarah, com entusiasmo.

Steene continuou:

— Não ligo muito para garotas. São umas coisinhas fofas e tolas. Mas você é diferente, Sarah. Você é corajosa, tem calor... calor de verdade. — Seus olhos a examinaram significativamente, numa lenta carícia. — Tem um lindo corpo, também. Um corpo capaz de experimentar sensações... provar... sentir. Você ainda mal conhece suas próprias potencialidades.

Esforçando-se para esconder sua reação interior, Sarah disse, despreocupadamente:

— Tem uma boa conversa, Larry. Estou certa de que sempre funciona.

— Minha querida, a maioria das garotas me cansa. Você não... Daí — ergueu a taça para ela — a nossa comemoração.

— Sim. Mas o que estamos comemorando? Por que todo o mistério?

Sorrindo, ele respondeu:

— Não há mistério. É muito simples. Meu divórcio foi assinado hoje.

— Ah... — Sarah parecia surpresa. Steene a observava.

— Sim, isto abre o caminho. Bem... o que me diz, Sarah?

— Sobre o quê? — indagou a moça.

Steene falou, com súbita e reveladora selvageria:

— Não banque a inocente comigo, Sarah. Você sabe muito bem que eu a desejo. Sabe disto há bastante tempo.

Sarah evitou o olhar dele. Seu coração batia agradavelmente. Havia em Larry algo muito excitante.

— Você acha quase todas as mulheres atraentes, não? — perguntou em tom despreocupado.

— Poucas, hoje em dia. No momento, só você. — Fez uma pausa e continuou, falando num tom calmo e quase indiferente: — Você vai casar comigo, Sarah.

— Não quero casar. Além disso, acho que você deveria ficar contente por estar livre outra vez, sem pensar em se prender imediatamente.

— A liberdade é uma ilusão.

— Você não é muito boa propaganda para o matrimônio. Sua última mulher foi bem infeliz, não foi?

Lawrence respondeu calmamente:

— Chorou quase sem parar nos dois últimos meses que vivemos juntos.

— Porque gostava de você?

— Assim parecia. Ela sempre foi uma mulher incrivelmente burra.

— Por que casou com ela?

— Porque se parecia demais com uma das Madonas Primitivas, meu período artístico favorito. Mas é o tipo da coisa que acaba perdendo a graça.

— Você é um demônio cruel, não Larry? — falou Sarah, entre revoltada e fascinada.

— E é exatamente isso que você gosta em mim. Se eu fosse o tipo de homem que pudesse vir a ser um bom marido, estável e fiel, não pensaria em mim duas vezes.

— Bem, pelo menos você é franco.

— Você quer viver insípida ou perigosamente, Sarah?

Ela não respondeu. Empurrava um pedacinho de pão pelo pratinho:

— E sua segunda mulher... Moira Denham... aquela que *Dame* Laura conheceu... o que... o que houve com ela?

— É melhor perguntar a *Dame* Laura — ele sorriu. — Ela lhe contará tudo nos mínimos detalhes: Uma jovem meiga e tão simples, e como eu lhe parti o coração... para colocar as coisas numa linguagem romântica.

— Devo dizer que você parece ser uma ameaça e tanto às esposas.

— Posso garantir-lhe que não parti o coração da minha primeira mulher. Incompatibilidade moral foi a razão que alegou para deixar-me. Uma mulher com altos padrões morais. A verdade, Sarah, é que as mulheres nunca se contentam em casar conosco pelo que somos. Querem que sejamos diferentes. Mas ao menos você tem que admitir que não lhe escondo meu verdadeiro caráter. Gosto de viver perigosamente, gosto de experimentar prazeres proibidos. Não tenho altos padrões morais e não finjo ser o que não sou.

Baixou a voz:

— Posso lhe dar muitas coisas, Sarah. Não estou falando apenas nas coisas que o dinheiro pode comprar: peles para envolver o seu corpo adorável, jóias para contrastar com a brancura da sua pele. O que eu quero dizer é que posso lhe oferecer toda a gama de sensações. Posso fazê-la viver, Sarah... posso fazê-la *sentir*. Toda a vida é experiência, lembre-se.

— Eu... sim, acho que é...

Sarah o olhava, num misto de repulsa e fascínio.

— O que você conhece da vida, Sarah? Menos que nada! Posso levá-la a lugares, lugares horríveis e sórdidos, onde você verá a vida correr ardente e misteriosa, onde poderá sentir... *sentir*... até que o fato de estar viva se transformará num êxtase desconhecido.

Apertou os olhos, observando o efeito de suas palavras. Então, deliberadamente, rompeu o encantamento.

— Bem — disse animadamente, — é melhor sairmos daqui.

Fez um sinal ao garçom para que trouxesse a conta. Sorriu para Sarah, com ar de desinteresse.

— Agora vou levá-la para casa.

Na escuridão luxuosa do carro, Sarah manteve-se tensa e na defensiva, mas Lawrence nem ao menos tentou tocá-la. No íntimo, ela sabia que aquilo a desapontava, e Lawrence percebia esse desapontamento. Ele conhecia bem as mulheres.

Subiu com ela até o apartamento. Sarah abriu a porta com a chave, entrou na sala e acendeu a luz.

— Uma bebida, Larry?

— Não, obrigado. Boa noite, Sarah.

Ela foi impelida a chamá-lo de volta, e ele contava com isso.

— Larry...

— Sim?

Ficou parado na porta, olhando por sobre o ombro.

Seus olhos deslizaram pelo corpo dela com a aprovação de um *connaisseur*. Perfeita — absolutamente perfeita. Sim, precisava tê-la. Seu pulso apressou um pouco, mas o rosto permaneceu impassível.

— Sabe... acho...

— Sim?

Voltou para junto dela. Os dois falavam baixinho, atentos ao fato de que a mãe de Sarah e Edith estavam presumivelmente adormecidas ali perto.

Sarah falou depressa:

— Entende Larry, acontece que não estou apaixonada por você.

— Não está?

Alguma coisa no tom da voz dele fez com que ela continuasse rapidamente,

gaguejando um pouco:

— Não... não realmente. Não como devia ser. O que eu quero dizer é que se perdesse todo o seu dinheiro e... oh, tivesse que cuidar de alguma plantação de laranjas ou coisa parecida em algum lugar, eu não tornaria a pensar em você.

— O que seria bastante sensato.

— Mas mostra que eu não o amo.

— Nada me aborreceria mais do que uma devoção romântica. Não é *isso* o que quero de você, Sarah.

— Mas então... o que você quer?

Fora uma pergunta insensata — mas ela quisera fazê-la. Queria ir adiante. Queria ver o que...

Ele estava bem junto dela. Então, de repente, curvou-se e beijou-lhe a nuca. Suas mãos a enlaçaram, cobrindo-lhe os seios.

Ela começou a se afastar — e então se rendeu. Sua respiração tornou-se mais rápida.

Após um momento, ele a soltou.

— Quando diz que não sente nada por mim, Sarah — disse ternamente, — está mentindo.

E com isso a deixou.

Capítulo III

ANN tinha voltado para casa uns quarenta minutos antes de Sarah. Ao abrir a porta, ficou aborrecida ao ver a cabeça de Edith, ouriçada com antiquados grampos, espiando para fora do quarto.

Ultimamente, vinha achando Edith cada vez mais irritante.

A criada disse logo:

— A Srta. Sarah ainda não chegou.

A censura implícita na observação de Edith enfureceu Ann, que retrucou bruscamente:

— E por que deveria ter chegado?

— Namorando na rua até estas horas... e é só uma menina.

— Não seja ridícula, Edith. As coisas não são mais como eram quando eu era mocinha. Agora, as moças são educadas para saberem cuidar de si mesmas.

— Tanto pior — disse Edith. — Provavelmente é por isso que acabam mal.

— Também acabavam, quando eu era moça — retrucou Ann secamente. — Eram demasiado confiantes e ignorantes, e toda a vigilância do mundo não as impedia de fazer papel de bobas, se fossem desse tipo de moça. Hoje em dia as moças lêem tudo, fazem qualquer coisa e vão a qualquer lugar.

— Ah — disse Edith em tom soturno. — Um grama de experiência vale por um quilo de conhecimento. Bem, se a senhora está satisfeita, não tenho nada a ver com isso... mas existem cavalheiros e cavalheiros, se é que me entende... e não simpatizo muito com o que ela saiu esta noite. Foi um tipo desses que deixou a segunda filha da minha irmã Nora em dificuldades. E não adianta gastar os olhos de tanto chorar depois que o mal foi feito.

Apesar de irritada, Ann não pôde deixar de sorrir. Edith e seus parentes! Além disso, a imagem de Sarah, tão segura de si, no papel de uma seduzida donzela de

aldeia estimulava seu senso de humor.

— Bem, pare de se preocupar — falou — e vá para a cama. Mandou fazer aquela receita de pílulas para dormir?

— Estão junto da sua cama — resmungou Edith. — Mas não vai adiantar nada a senhora começar a tomar essas coisas para dormir... Quando se der conta, não consegue mais dormir sem elas. Sem falar que vão deixar a senhora mais nervosa ainda do que está.

Ann voltou-se contra ela, furiosa:

— Nervosa? Não estou nervosa!

Edith não replicou, simplesmente deixou cair os cantos da boca e retirou-se para o quarto, com um profundo suspiro.

Francamente — pensou Ann, indo para o seu quarto, ainda furiosa — Edith fica mais impossível a cada dia que passa. Não sei por que agüento.

Nervosa? Claro que não estava nervosa. Ultimamente contraíra o hábito de ficar deitada, acordada — só isso. Todo mundo sofre de insônia de vez em quando. Era muito mais razoável tomar alguma coisa e ter uma boa noite de sono do que ficar acordada, ouvindo as batidas dos relógios, enquanto o pensamento dá voltas e mais voltas — como esquilos numa gaiola. O Dr. McQueen fora muito compreensivo e lhe dera uma receita, algo muito leve e inofensivo — brometo, ao que parecia. Algo para acalmar e não deixar pensar...

Oh Deus, como todos eram cansativos. Edith e Sarah — até mesmo a querida Laura. Sentia-se um pouco culpada em relação a Laura. Naturalmente deveria ter-lhe telefonado há uma semana. Laura era uma de suas amigas mais antigas. Só que por qualquer razão, por enquanto ainda não quisera preocupar-se com ela — Laura podia ser um tanto difícil às vezes...

Sarah e Lawrence Steene? Haveria mesmo qualquer coisa? As moças sempre gostaram de andar com homens de má reputação... Provavelmente não era nada sério. E mesmo que fosse...

Tranqüilizada pelo brometo, Ann adormeceu, mas mesmo dormindo ela se agitava, revolvendo-se na cama.

Estava sentada, tomando café, quando o telefone junto à cama tocou na manhã seguinte. Levantando o fone do gancho, ficou irritada ao escutar a voz de *Dame* Laura, que perguntava num tom áspero:

— Ann, Sarah sai muito com Lawrence Steene?

— Santo Deus, Laura, precisa telefonar a esta hora da manhã para perguntar isso? Como vou saber?

— Bem, você é a mãe dela, não é?

— Sim, mas não se pode interrogar os filhos todo tempo, perguntar aonde vão, e com quem. Para começo de conversa, eles não tolerariam isso.

— Ora vamos, Ann, não tente fugir da minha pergunta. Ele anda atrás dela, não anda?

— Oh, acho que não. O divórcio dele ainda não foi assinado... pelo que eu sei.

— O divórcio foi concedido ontem, vi no jornal. O que você sabe dele?

— É o único filho do velho Harry Steene. Tem rios de dinheiro.

— E uma péssima reputação.

— Oh, isso! As jovens sempre sentem atração por um homem que tenha má fama... sempre foi assim, desde o tempo de Lorde Byron; mas na verdade isso não quer dizer nada.

— Gostaria de conversar com você, Ann. Vai estar em casa hoje à noite?

Ann retrucou rapidamente:

— Não, vou sair.

— Lá pelas seis, então.

— Sinto muito, Laura, vou a um coquetel...

— Muito bem, então irei às cinco. Ou prefere — a voz de Laura denotava inflexível determinação — que eu vá *agora*?

Ann capitulou graciosamente.

— Cinco da tarde... será ótimo.

Recolocou o fone no gancho com um suspiro de exasperação. Francamente, Laura era impossível! Todas essas Comissões, e Unescos e Unos — isso virava a cabeça das mulheres.

Não quero que Laura fique vindo aqui a toda hora — disse para si mesma, com impaciência.

Apesar disso, recebeu a amiga com todas as demonstrações de prazer quando esta apareceu. Conversou, alegre e nervosamente, enquanto Edith trazia o chá. Laura Whitstable estava excepcionalmente contida. Escutava e respondia, mas

isso era tudo.

Então, quando a conversa morreu, *Dame* Laura pousou a xícara e disse com a costumeira franqueza:

— Sinto preocupá-la, Ann, mas acontece que, ao voltar dos Estados Unidos, ouvi quando dois homens falavam sobre Larry Steene... e o que disseram não foi particularmente agradável de escutar.

Ann encolheu ligeiramente os ombros:

— Ora, as coisas que a gente ouve por acaso...

— São muitas vezes interessantes — disse *Dame* Laura. — Eram homens muito decentes... e a opinião que tinham de Steene era bastante comprometedora. Além disso, há Moira Denham, que foi a segunda esposa dele. Eu a conheci antes que casasse com ele, e voltei a vê-la depois que tudo acabou. Era uma ruína total, com os nervos em frangalhos.

— Está sugerindo que Sarah...

— Não estou sugerindo que Sarah seria reduzida a uma ruína se casasse com Lawrence Steene. Ela tem um temperamento mais exuberante. Sarah não é uma borboletinha indefesa.

— Bem, então...

— Mas acho realmente que ela poderá ser muito infeliz. E há ainda um terceiro ponto. Leu algo nos jornais sobre uma jovem chamada Sheila Vaughan Wright?

— Alguma coisa sobre ser viciada em drogas?

— Sim. É a segunda vez que vai a julgamento. Durante algum tempo foi amiga de Lawrence Steene. Tudo que estou lhe dizendo, Ann, é que Lawrence Steene é uma pessoa particularmente sórdida... no caso de você ainda não saber. Mas talvez saiba?

— Sei que falam muito dele, é claro — disse Ann, um tanto relutante. — Mas o que espera que eu faça? Não posso proibir Sarah de sair com ele. Se proibisse, ela provavelmente continuaria saindo. As jovens não suportam ser mandadas, como você deve saber muito bem. Isso simplesmente daria ao caso uma importância maior. Não creio que haja algo de sério nisso tudo, no momento. Ele a admira e ela se sente lisonjeada porque ele é considerado um cafajeste. Mas você parece estar pressupondo que ele quer casar com ela...

— Sim, acho que quer. Ele é o que eu chamaria de colecionador.

— O que quer dizer?

— É um tipo... e não é o melhor dos tipos que existem. Supondo que ela queira casar com ele... o que você acharia disso?

— De que adiantaria eu achar alguma coisa? — respondeu Ann, com amargura. — As moças fazem exatamente o que querem; e casam com quem querem.

— Mas você tem muita influência sobre Sarah.

— Oh, não, Laura. Aí você se engana. Sarah é inteiramente independente. Eu não interfiro.

Laura Whitstable encarou-a.

— Sabe Ann, não consigo entendê-la. Não ficaria contrariada se ela casasse com esse homem?

— É tudo tão difícil! Muitos homens de má reputação revelam-se ótimos maridos, uma vez passados os desvarios da mocidade. Encarando do ponto de vista puramente mundano, Lawrence Steene é um ótimo partido.

— Isso não a influenciaria, Ann. É a felicidade de Sarah que você deseja, não suas propriedades materiais.

— Ora, é claro. Mas, caso você ainda não tenha percebido, Sarah gosta muito de coisas bonitas, de viver luxuosamente... muito mais do que eu.

— Mas ela não casaria unicamente por isso?

— Acho que não — Ann parecia em dúvida. — Na verdade, penso que ela se sente mesmo atraída por Lawrence.

— E acha que o dinheiro poderá equilibrar os pratos da balança...

— Não sei, estou lhe dizendo! Penso que Sarah iria... bem... hesitar antes de casar com um homem

— Gostaria de saber — disse *Dame* Laura, pensativa.

— As moças de hoje parecem não pensar nem falar em outra coisa além do dinheiro.

— Ora, *falar!* Ouvi Sarah falar, abençoada seja! Tudo muito razoável, frio e sem sentimentalismos. Mas a linguagem serve tanto para expressar os pensamentos como para escondê-los. Seja em qual for a geração, as jovens falam segundo um padrão estabelecido. A questão é saber o que Sarah deseja, realmente.

— Não tenho idéia — disse Ann. — Imagino que deseje apenas... se divertir.

Dame Laura lançou-lhe um rápido olhar,

— Acha que ela é feliz?

— Oh, sim. Realmente, Laura, ela se diverte muito.

— Não me pareceu assim tão feliz — comentou Laura, pensativa.

Ann retrucou vivamente:

— Todas as moças têm um ar descontente: é uma atitude que assumem.

— Talvez. Então acha que não pode fazer nada com relação a Lawrence Steene?

— Não vejo o que possa fazer. Por que *você* não fala com ela?

— Não farei isso. Sou apenas a madrinha. Conheço minhas obrigações.

Ann ficou vermelha de raiva.

— Suponho que considera *minha* obrigação falar com ela?

— De modo algum. Como *você* diz, falar não adianta muito.

— Mas acha que devo fazer alguma coisa?

— Não necessariamente.

— Então o que quer dizer?

Laura Whitstable olhou pensativamente para o lado oposto da sala.

— Estava me perguntando em que *você* estaria pensando...

— Eu?

— Sim.

— Não estou pensando em nada. Absolutamente nada.

Laura tirou os olhos do outro extremo da sala e lançou a Ann um rápido olhar, como o de um pássaro.

— Não — disse ela. — E é disso que eu tinha medo.

— Não entendo nada do que *você* está dizendo.

Laura Whitstable falou:

— O que está acontecendo não se passa na sua mente. É muito mais profundo.

— Oh, não me venha com tolices sobre o inconsciente! Realmente, Laura, *você* ... *você* parece estar me acusando...

— Não sou *eu* quem a está acusando.

Ann levantou-se e começou a caminhar pela sala:

— Não sei o que está querendo dizer. Eu amo Sarah... Você bem sabe como ela sempre foi importante para mim. Eu... eu sacrifiquei tudo por ela!...

— Sei que há dois anos você fez um grande sacrifício por ela — disse Laura gravemente.

— Então — perguntou Ann. — Isso não prova alguma coisa?

— O quê?

— O quanto eu gosto dela!

— Mas minha querida, não fui eu que disse que você não gostava! Você está se defendendo... mas não de qualquer acusação que eu tenha feito — Laura levantou-se. — Tenho que ir agora. Talvez fosse melhor eu não ter vindo.

Ann foi com ela até a porta:

— Entenda, é tudo tão vago... nada em que se possa deitar as mãos...

— Sei, sei. — Laura fez uma pausa e logo continuou, com repentina e surpreendente energia: — O problema dos sacrifícios é que eles nunca terminam, nem são esquecidos, depois que acontecem... mas continuam...

Ann encarou-a, surpresa:

— O que quer dizer, Laura?

— Nada. Deus a abençoe, minha querida, e aceite um conselho meu, em caráter profissional: não viva num ritmo tão intenso que não lhe deixe tempo para pensar.

Ann riu, outra vez bem-humorada.

— Só vou sentar e pensar quando for velha de mais para fazer qualquer outra coisa — disse alegremente.

Edith entrou para levar os copos. Ann olhou o relógio, soltou uma exclamação e foi para o quarto.

Pintou-se com especial cuidado, examinando-se atentamente no espelho. O novo corte de cabelo fora um sucesso, pensou. Parecia muitos anos mais moça. Ouvindo uma batida na porta da frente, gritou para Edith:

— Alguma carta?

Houve um silêncio enquanto Edith examinava a correspondência, antes de responder.

— Nenhuma, apenas contas, madame... e uma vinda da África da Sul

para a Srta. Sarah.

Edith deu leve ênfase às três últimas palavras, mas Ann não percebeu. Voltou à sala no instante em que Sarah entrava.

— O que eu detesto nos crisântemos é esse cheiro horrível que eles têm — resmungou Sarah. — Acho que vou largar Noreen e arranjar um emprego de manequim. Sandra está doida para que eu vá trabalhar com ela. E o salário é melhor. Olá, recebeu visitas para o chá? — perguntou, enquanto Edith entrava para apanhar uma xícara esquecida.

— Laura esteve aqui.

— Laura? Outra vez? Ela esteve aqui ontem.

— Eu sei — Ann hesitou um instante antes de continuar. — Ela veio para me dizer que eu não devia permitir que você saísse com Larry Steene.

— Laura disse isso? Quanto cuidado! Está com medo de que eu seja devorada pelo lobo mau?

— Parece — disse Ann, cautelosamente. — Dizem que ele tem uma péssima reputação.

— Ora, *isso* não é novidade! Aquilo que eu vi na entrada eram cartas? — Sarah foi até o vestíbulo e voltou trazendo na mão uma carta com selo da África do Sul.

— Laura parece pensar que eu devia impedir este seu namoro com Lawrence — falou Ann.

Olhando para a carta, Sarah perguntou com ar ausente:

— O quê?

— Laura acha que eu devia pôr um ponto final nos seus passeios com Lawrence.

— Querida, e como você faria isto? — indagou Sarah alegremente.

— Foi o que eu disse a ela — retrucou Ann, triunfante. — Não há muito que as mães possam fazer hoje em dia.

Sarah sentou-se no braço de uma poltrona e abriu a carta. Desdobrou as duas folhas e começou a ler.

— A gente chega a esquecer que Laura tem a idade que tem! — continuou Ann. — Está ficando tão velha que perdeu totalmente o contato com as idéias modernas. É claro que, para ser franca, eu também fiquei bastante

preocupada ao vê-la sair tanto com Larry Steene... mas depois decidi que seria pior, se eu falasse alguma coisa. Sei que posso ter certeza de que você não vai fazer nenhuma tolice.

Parou. Sarah, a atenção voltada para a carta, murmurou:

— Claro, querida.

— Mas você deve ter a liberdade de escolher seus amigos. Creio mesmo que muitas vezes surgem atritos justamente porque...

O telefone tocou.

— Oh meu Deus, o telefone! — exclamou Ann. Inclinou-se alegremente para atender, cheia de expectativa.

— Alô... Sim, é a Sra. Prentice. Sim... Quem? Não consigo entender o nome. Cornford? Oh, C-A-U-L-D-... Oh!... *Oh!*... Que estupidez a minha! É você, Richard? Sim, faz tanto tempo... Bem, é muita gentileza sua. Não, é claro que não... Não, estou encantada ... Sinceramente, palavra... Pensei em você muitas vezes... O que tem feito?... O quê?... É mesmo?... Fico tão contente! Meus cumprimentos... Estou certa de que ela é encantadora... É muita bondade sua... gostaria muito de conhecê-la...

Sarah levantou-se do braço da cadeira onde estivera sentada. Caminhou lentamente até a porta, os olhos perdidos, vazios. A carta estava amarrotada na sua mão.

Ann continuou:

— Não, amanhã não posso... não... espere um minuto, vou apanhar meu caderninho... — chamou com urgência: — Sarah!

Sarah voltou-se da porta:

— Sim?

— Onde está meu caderninho?

— Seu caderninho? Não tenho a menor idéia... Sarah estava a quilômetros de distância. Ann continuou, irritada:

— Bem, procure. Deve estar em algum lugar. Ao lado da minha cama, talvez. *Depressa*, querida!

Sarah saiu e voltou um momento depois com a agenda de compromissos:

— Aqui está, mamãe.

Ann folheou rapidamente:

— Ainda está aí, Richard? Não, almoço é impossível. Você talvez pudesse vir tomar um drinque na terça-feira?... Oh, entendo... Sinto muito. E almoçar, também é impossível? Bem... você *tem* mesmo que viajar no trem da manhã? Onde está hospedado? Ah, mas é aqui perto. Sei... e não poderiam vir agora para um drinque rápido? Não, eu ia sair... mas tenho ainda muito tempo. Será ótimo. Venham logo.

Colocou o fone no gancho e ficou distraída, os olhos perdidos no espaço.

Sarah perguntou, sem muito interesse:

— Quem era? — e logo acrescentou, com esforço: — Mamãe, soube notícias de Gerry...

Ann levantou-se subitamente.

— Diga a Edith para trazer os copos melhores e um pouco de gelo. Depressa! Eles vêm até aqui para tomar um drinque.

Sarah moveu-se obedientemente:

— Quem? — perguntou, ainda sem grande curiosidade.

— Richard — respondeu Ann. — Richard Cauldfield!

— Quem é ele? — indagou Sarah.

Ann olhou-a vivamente, mas o rosto de Sarah não tinha qualquer expressão. Ela saiu para chamar Edith e quando voltou, Ann disse com ênfase:

— Era Richard Cauldfield.

— E quem é Richard Cauldfield? — Sarah parecia intrigada.

Ann apertou as mãos. Sua fúria era tão intensa que teve que ficar calada durante um minuto para controlar a voz que tremia.

— Então... você nem ao menos lembra o nome dele...

Os olhos de Sarah estavam novamente pousados sobre a carta que tinha nas mãos. Respondeu com naturalidade:

— Eu o conheci? Fale alguma coisa sobre ele.

Ann tinha a voz rouca, quando repetiu, desta vez, com ênfase cortante que não podia ser ignorada:

— *Richard Cauldfield!*

Sarah ergueu os olhos, espantada. De repente, entendeu:

— Quê! Não é o *Cauliflower?!*

— Ele mesmo.

Para Sarah aquilo era uma grande piada.

— Engraçado ele aparecer de novo — disse, animada. — Ainda está atrás de você, mamãe?

— Não, ele casou — Ann respondeu secamente.

— Muito bem! Como será ela?

— Ele vai trazê-la até aqui. Vão chegar logo, estão hospedados no Langport. Dê um jeito nestes livros, Sarah. Guarde suas coisas no vestíbulo. Não esqueça as luvas.

Abrindo a bolsa, Ann examinou ansiosamente o rosto no espelhinho.

— Estou bem? — perguntou a Sarah, que voltava.

— Sim, ótima — respondeu ela, distraidamente.

Tinha o cenho franzido. Ann fechou a bolsa e andou, inquieta, pela sala, mudando a posição de uma cadeira, arranjando melhor uma almofada.

— Mamãe, recebi notícias do Gerry.

— Recebeu?

O vaso com crisântemos dourados ficaria melhor naquela mesa do canto.

— Ele teve um azar horrível.

— Teve?

A cigareira e os fósforos aqui.

— Sim. As laranjas pegaram uma doença qualquer, ele e o sócio ficaram cheios de dívidas, e agora... agora tiveram que vender. Foi um fracasso.

— Que pena. Mas não posso dizer que seja uma surpresa.

— Por quê?

— Coisas desse tipo parecem acontecer sempre com Gerry — disse Ann vagamente.

— Sim... sim, é verdade — Sarah parecia abatida. A generosa indignação com que defendera Gerry não era agora tão espontânea. Continuou sem muita convicção: — A culpa não é dele... — Mas já não estava tão convencida quanto teria estado no passado.

— Talvez não — falou Ann, distraidamente. — Mas tenho medo de que ele acabe sempre estragando as coisas.

— Você acha? — Sarah voltou a sentar no braço da cadeira, e falou ansiosamente: — Mamãe, você acha... realmente acha,.. que Gerry nunca vai acertar?

— Não vejo muito jeito.

— E no entanto eu sei... tenho certeza... de que ele tem muito valor.

— É um rapaz encantador — disse Ann — mas creio que é uma dessas pessoas que nunca se encontram.

— Talvez — suspirou Ann.

— Onde está o *sherry*? Richard sempre preferia tomar *sherry*. Oh, lá está ele.

— Gerry diz que vai para o Quênia — continuou Sarah — ... ele e um outro amigo. Vão vender carros... e dirigir uma garagem.

— É incrível a quantidade de gente incompetente que acaba dirigindo garagens — comentou Ann.

— Mas Gerry sempre teve jeito para lidar com carros. Conseguiu fazer com que aquele que comprou por uma ninharia funcionasse maravilhosamente, lembra-se? E sabe, mamãe, não é que ele seja preguiçoso ou não queira trabalhar. Ele trabalha... e às vezes se esforça muitíssimo. Mas acho que não tem muito discernimento.

Pela primeira vez Ann concentrou a atenção em Sarah. Falou então bondosamente, mas num tom decidido:

— Sabe, Sarah, se eu fosse você, eu... bem, eu trataria de esquecer Gerry...

— Você faria isso? — Sarah pareceu abalada. Seus lábios tremeram e ela falou sem convicção.

A campainha tocou, com chamadas surdas e insistentes .

— Chegaram — disse Ann.

Levantou-se e ficou parada diante da lareira, numa pose um tanto artificial.

Capítulo IV

RICHARD entrou na sala com aquele ar de segurança que assumia sempre que estava pouco à vontade. Não teria vindo se não fosse por Dóris. Mas ela tinha ficado curiosa, tinha insistido, falado, ficara amuada. Era muito jovem, bonita, e, tendo casado com um homem bem mais velho, pretendia fazer valer sempre a sua vontade.

Ann foi ao encontro deles com um sorriso encantador. Sentia-se como alguém desempenhando um papel no palco.

— Richard! Como é bom vê-lo! Esta é sua esposa?

Por trás das saudações educadas e dos comentários, os cérebros trabalhavam.

Richard pensava: “Como ela mudou... eu mal a teria conhecido”.

E sentiu um certo alívio ao pensar — “ela não teria servido para mim — realmente. É requintada demais... Elegante... Fútil. Não é o meu tipo.”

E sentiu renovada afeição pela esposa. Dóris o deixava meio tonto às vezes — era tão jovem. Havia ocasiões em que ele percebia, mesmo sem querer, que aquele seu jeito afetado de falar podia ser irritante e que a constante brejeirice era também um pouquinho cansativa. Não admitia a idéia de que se tivesse casado com alguém de classe inferior à sua. Conhecera Dóris num hotel de veraneio na costa sul. O pai dela era construtor aposentado e a família tinha bastante dinheiro, mas havia ocasiões em que os pais dela o desagradavam, embora isto acontecesse agora menos do que há um ano. E já começava a aceitar a idéia de que os amigos de Dóris seriam também os seus amigos. Não era o que tinha desejado antes, ele sabia; Dóris nunca poderia tomar o lugar da sua Aline, morta há tanto tempo. Mas conseguira fazer com que vivesse uma nova primavera dos sentidos e, por agora, isto lhe bastava.

Dóris, que tivera suas suspeitas sobre essa tal Sra. Prentice, e sentira até certo

ciúme dela, ficou favoravelmente surpresa com a aparência de Ann.

“Ora, ela é bem velha” pensou, com a intolerância cruel da juventude.

Ficou impressionada com a sala e os móveis. A filha também era bastante elegante, parecia ter saído das páginas do *Vogue*. Saber que o seu Richard tinha sido noivo de uma senhora tão distinta a deixava bastante orgulhosa, fazia com que ele subisse no seu conceito.

Para Ann, rever Richard fora um choque. Este homem que lhe falava com tanta desenvoltura era um estranho. Tinham seguido caminhos diferentes e agora já não restava nenhum ponto comum entre eles. Sempre percebera a existência de duas tendências no caráter de Richard: um traço de arrogância, uma propensão à mediocridade.

Fora um homem comum com possibilidades interessantes. Agora uma porta se fechara sobre essas possibilidades, e o Richard que Ann amara estava aprisionado dentro deste típico marido inglês, bem-humorado e um tanto arrogante.

Tinha conhecido e casado com esta criança rapace e vulgar, destituída de bondade ou inteligência, tendo como única qualidade uma certa beleza rosada e um apelo sexual *jovem* e grosseiro.

Casara com esta moça porque ela, Ann, o mandara embora. Ferido, cheio de raiva e ressentimento, fora presa fácil para a primeira mulher decidida a conquistá-lo. Bem, talvez tivesse sido melhor assim. Provavelmente ele era feliz...

Sarah trouxe bebidas e conversou educadamente. Seus pensamentos eram bastante simples e podiam ser resumidos numa frase: “Que gente maçante!” Não percebia nada além disso. Ainda sentia uma dor surda ao pensar em Gerry.

— Vejo que você redecorou tudo.

Richard olhava em volta:

— Ficou lindo, Sra. Prentice — disse Dóris. — O estilo Regência é a última moda, não? E como era antes?

— Coisas antigas e cor-de-rosa — respondeu Richard, vagamente. Tinha uma lembrança da luz suave da lareira, ele e Ann sentados no velho sofá que fora banido para ceder lugar ao divã estilo Império. — Gostava mais como era antes.

— Os homens têm mania de gostar de coisas velhas, não acha Sra. Prentice? — Dóris sorriu com afetação.

— Minha mulher está decidida a me manter atualizado — comentou Richard.

— É claro que sim, querido. Não vou deixar que você fique velho antes do tempo — disse Dóris afetuosamente. — A senhora não acha que ele parece muito mais moço agora do que quando o viu pela última vez, Sra. Prentice?

Ann evitou o olhar de Richard ao responder:

— Acho que ele está ótimo.

— Comecei a jogar golfe.

— Achamos uma casa perto de Basing Heath, não foi uma sorte? Tem um bom serviço de trens para que Richard possa ir e vir todos os dias. E o campo de golfe é tão bonito! Embora fique cheio demais nos fins de semana...

— Hoje em dia é mesmo uma sorte enorme quando se consegue a casa que se deseja — observou Ann.

— Sim. Tem um fogão Aga, uma boa instalação elétrica e foi construída dentro das linhas mais modernas. Richard suspirava por uma dessas casas de época, caindo aos pedaços. Mas eu bati pé!

Ann respondeu delicadamente:

— Estou certa que uma casa moderna elimina muitos problemas domésticos. Vocês têm jardim?

— Não de verdade — respondeu Richard, ao mesmo tempo em que Dóris exclamava:

— Oh, sim! — lançando-lhe um olhar reprovador. — Como pode dizer uma coisa dessas depois de todas as flores que plantamos?

— Temos uma pequena faixa de terra em torno da casa.

Por um instante seus olhos encontraram os de Ann. Tinham falado às vezes sobre o jardim que teriam se fossem viver no campo. Um pomar, um gramado com árvores...

Richard voltou-se rapidamente para Sarah:

— Bem, minha jovem, e o que tem feito? — A velha inquietação que sentia diante de Sarah reviveu e fez a voz dele soar odiosamente brincalhona. — Imagino que tem ido a muitas festas malucas.

Sarah riu animadamente, enquanto pensava:

“Tinha esquecido como *Cauliflower* é odioso. Foi ótimo para mamãe eu ter

acabado com ele.”

— Oh, sim — falou. — Mas tenho por princípio não acabar bêbada mais de duas vezes por semana.

— As moças de hoje bebem demais. Faz mal à pele... embora eu deva dizer que a sua parece ótima.

— Você sempre se interessou por cosméticos, eu me lembro — disse Sarah, docemente.

Foi ter com Dóris, que conversava com Ann.

— Deixe-me oferecer-lhe outro drinque.

— Oh não, Srta. Prentice... eu não poderia. Este já me subiu à cabeça. Que lindo bar a senhora tem. É tudo elegantíssimo, não é mesmo?

— É bastante prático — respondeu Ann.

— Ainda não casou, Sarah? — indagou Richard.

— Oh, não, Mas ainda tenho esperanças.

— Imagino que você deve freqüentar Ascot e todos esses lugares — disse Dóris, invejosamente.

— A chuva deste ano arruinou meu melhor vestido — contou Sarah.

— Sabe, Sra. Prentice — Dóris voltou-se outra vez para Ann, — a senhora não parece nem um pouquinho com o que eu imaginava.

— E como você me imaginava?

— É que os homens são péssimos ao descrever as pessoas, não é mesmo?

— Como é que Richard disse que eu era?

— Ora, não sei. Não foi o que ele *disse* exatamente. Foi a impressão que eu guardei. Imaginava a senhora como uma dessas mulherezinhas quietas e apagadas — concluiu com uma risada estridente.

— Uma mulherzinha quieta e apagada! Isto parece horrível!

— Oh não, Richard tem uma admiração *enorme* pela senhora. Tem mesmo. Às vezes eu ficava bem enciumada, sabe?

— Que tolice!

— Oh, a senhora sabe como são essas coisas. As vezes, quando Richard fica muito quieto, de noite, e não quer falar, eu digo a ele que deve estar pensando na senhora. Só para implicar, sabe?

(Você pensa em mim, Richard? Pensa? Não creio. Você tenta não pensar em

mim — como eu tento não pensar em você.)

— Se alguma vez for para os lados de Basing Heath, precisa ir nos visitar, Sra. Prentice.

— É muita bondade sua. Eu gostaria muito.

— É claro que o nosso maior problema é o problema doméstico, como aliás para todo mundo. Só se conseguem diaristas... e muitas vezes não se pode confiar nelas.

— Vejo que você ainda conserva a velha Edith — disse Richard, abandonando a conversa com Sarah.

— Sim. Estaríamos perdidas sem ela.

— Era uma ótima cozinheira. Lembro dos ótimos jantares que ela costumava fazer.

Houve um momento de embaraço.

Um dos jantarezinhos de Edith — a lareira acesa — os estofados de *chintz* com seus botões de rosas... A voz suave de Ann, seus cabelos castanhos, da cor das folhas... Falando — fazendo planos... um futuro feliz. Uma filha que voltaria da Suíça — mas ele nunca poderia imaginar que *aquilo* pudesse ter tanta importância...

Ann olhava para ele. Por um breve instante ela viu o verdadeiro Richard — o seu Richard — fitando-a com olhos tristes e cheios de lembranças.

O verdadeiro Richard? Mas o Richard de Dóris não era tão real quanto o seu?

Mas agora ele tinha partido outra vez. Era o Richard de Dóris que se despedia. Mais conversas, mais ofertas de hospitalidade — será que não iriam embora nunca? Aquela garota horrível e gananciosa com sua voz afetada. Pobre Richard. — Oh, pobre Richard. E a culpa era dela. Fora ela que o mandara para aquele saguão de hotel onde Dóris o esperava.

Mas seria mesmo “Pobre Richard?”. Ele tinha uma esposa jovem e bonita. Era provavelmente muito feliz.

Partiram! Finalmente! Sarah, que gentilmente os fora levar até a porta, voltou à sala:

— Ufa! — exclamou. — Felizmente acabou! Sabe Mamãe, você realmente teve sorte.

— É, creio que tive mesmo — Ann falou com ar vago, como se estivesse sonhando.

— Bem, fale a verdade: você casaria com ele agora?

— Não — respondeu Ann. — Não gostaria de casar com ele agora.

(Nós nos afastamos daquele ponto de encontro que houve em nossas vidas. Você seguiu um caminho, Richard, e eu o outro. Já não sou mais aquela mulher que caminhou com você pelo Parque St. James, e você não é o homem com quem eu queria envelhecer... Somos duas pessoas diferentes — dois estranhos. Você não gostou muito do meu jeito — e eu o achei enfadonho e arrogante...)

— Você morreria de tédio, sabe disso — disse a voz jovem e convicta de Sarah.

— Sim — disse Ann, lentamente. — É verdade, eu morreria de tédio.

(Eu agora já não poderia ficar parada, esperando a velhice chegar. Tenho necessidade de sair, divertir-me; é preciso que aconteçam coisas.)

Sarah pousou a mão carinhosamente no ombro da mãe.

— Não há dúvida, querida, você gosta mesmo é de movimento. Morreria de tédio presa num subúrbio, com um jardimzinho, sem ter nada para fazer a não ser esperar que Richard voltasse para casa no trem das 6:15, ou contasse para você as suas proezas no golfe! Não, realmente, esse tipo de vida Campestre não faz o seu gênero, de jeito nenhum.

— Eu teria gostado dela em outros tempos.

(Um velho jardim por trás do muro; um gramado com árvores, a casa pequena, estilo Rainha Ann, de tijolos vermelhos. E Richard não teria começado a jogar golfe, mas cuidaria das roseiras e plantaria lírios sob as árvores. Ou, se jogasse, ela teria ficado *encantada* em ouvir seus sucessos.)

Sarah beijou afetuosamente o rosto da mãe:

— Devia me agradecer por tê-la livrado disso, querida. Se não fosse por mim, você teria casado com ele.

Ann afastou-se um pouco. Seus olhos, de pupilas dilatadas, encararam Sarah:

“Se não fosse por você eu teria casado com ele. E agora — eu não quero. Ele já não significa nada para mim”.

Foi até a lareira e tocou o mármore com o dedo, os olhos sombrios de surpresa e dor. Disse baixinho:

— Nada... nada... A vida é mesmo uma brincadeira de mau gosto!

Sarah caminhou até o bar e serviu-se de outro drinque. Ficou um instante parada, um tanto inquieta, e finalmente falou, sem se voltar, numa voz que pretendia ser calma:

— Mamãe... acho que é melhor eu lhe contar... Larry quer que eu case com ele.

— Lawrence Steene?

— Sim.

Houve uma pausa. Ann ficou em silêncio durante algum tempo antes de perguntar:

— E o que pretende fazer?

Sarah voltou-se e lançou-lhe um rápido olhar de súplica, mas Ann não estava olhando para ela.

— Não sei... — disse.

Havia na sua voz um tom desamparado e medroso como o de uma criança. Olhou para a mãe, cheia de esperança, mas o rosto de Ann se manteve frio e distante.

— Bem, você é que deve decidir — disse finalmente .

— Eu sei.

Apanhou a carta de Gerry que estava sobre a mesa e sem tirar os olhos dela, começou a amassá-la lentamente com os dedos: Afinal falou, quase num grito:

— Eu não sei o que fazer!

— Não vejo como possa ajudá-la — disse Ann.

— Mas o que você *acha*, mamãe? Oh, por favor, diga alguma coisa!

— Já lhe disse que ele não tem boa reputação...

— Ora, *isso!* Isso não tem a menor importância. Eu morreria de tédio se casasse com o modelo de todas as virtudes.

— Ele tem muito dinheiro, é claro, e poderia proporcionar-lhe uma vida cheia de prazeres. Mas se eu fosse você, não me casaria se não gostasse dele.

— Eu gosto dele, de certa forma — disse Sarah lentamente.

Ann ergueu-se, olhando o relógio:

— Muito bem. Então — falou, vivamente, — qual é o problema? Meu Deus, esqueci que ia à casa dos Elliots, vou chegar horrivelmente atrasada.

— Mesmo assim, não estou bem certa — Sarah parou. — Entende...

— Há mais alguém? — perguntou Ann.

— Não, na verdade não há — respondeu Sarah, olhando outra vez para a carta que tinha nas mãos.

Ann falou, rápida:

— Se está pensando no Gerry, eu o tiraria da cabeça, Sarah. Gerry não vale nada, e quanto mais cedo você se convencer disso, melhor será.

— Acho que tem razão — disse Sarah, lentamente.

— Tenho certeza que sim — respondeu Ann, com energia. — Esqueça o Gerry. Se não gosta de Lawrence Steene, não case com ele. Você é muito jovem; há muito tempo ainda.

Sarah caminhou desalentadamente até a lareira.

— Acho que o melhor mesmo é casar com Lawrence... Afinal, ele é atraente. Oh, mamãe — exclamou de repente, — o que *devo* fazer?

— Francamente, Sarah — retrucou Ann, irritada. — Você está agindo como uma criancinha com dois anos de idade! Como é que eu posso decidir a sua vida por você? A responsabilidade é sua e de mais ninguém!

— Oh, eu sei disso...

— E então? — Ann estava impaciente.

— Pensei que você talvez pudesse... me ajudar, de alguma forma — Sarah falava como uma criança.

— Mas se já lhe disse que você não precisa casar com *ninguém*, a menos que o deseje!

Tendo ainda no rosto a mesma expressão infantil, Sarah fez uma pergunta surpreendente:

— Mas gostaria de se ver livre de mim, não é mesmo?

— Sarah! — exclamou Ann, asperamente. — Como pode pensar uma coisa dessas? É claro que eu não quero me livrar de você, que idéia!

— Sinto muito, mamãe. Falei por falar. Só que tudo está tão diferente! Quero dizer, nós costumávamos nos divertir tanto juntas, e agora parece que tudo que eu faço deixa você irritada.

— Realmente, acho que fico um pouco nervosa às vezes — disse Ann, com frieza. — Mas afinal, você também é meio temperamental, não é mesmo, Sarah?

— Oh, talvez a culpa seja toda minha — continuou Sarah, pensativa. — Quase todas as minhas amigas estão casadas: Pam, Betty, Susan. Joan ainda não casou mas só pensa em política. — Fez nova pausa antes de prosseguir. — Seria divertido casar com Lawrence, poder comprar tudo que eu quisesse: roupas, jóias, tudo.

Ann comentou secamente:

— Sim, acho mesmo que precisa casar com um homem que tenha dinheiro, Sarah. Seus gostos são decididamente caros. Veja a sua mesada, sempre adiantada!

— Eu detestaria ser pobre — concordou Sarah.

Ann respirou fundo: Sentia-se hipócrita, artificial, sem saber exatamente o que deveria falar:

— Querida, não sei realmente o que dizer. Na verdade, acho que este é um assunto que só você poderá resolver. Seria um erro tentar convencê-la a aceitar, ou aconselhá-la a recusar. *Você* é que deve decidir sozinha. Você entende, não é mesmo?

Sarah retrucou rapidamente:

— É claro, querida... será que não a estou amolando? Não quero deixá-la preocupada. Só queria que me dissesse uma coisa: o que *acha* de Lawrence?

— Para ser franca, não tenho opinião sobre ele, nem contra, nem a favor...

— Às vezes ele me assusta um pouco, sabe?

— Querida! — riu Ann. — Não acha que isto é uma bobagem?

— É, pode ser...

Sarah começou a rasgar a carta de Gerry, primeiro em tiras, logo em pedaços cada vez menores, que atirava para o ar. Ficou olhando, enquanto flutuavam e caíam como flocos de neve.

— Pobre Gerry — disse. — E lançando um rápido olhar para Ann, continuou: — Mamãe, você não se importa mesmo com o que me acontece, não é?

— Sarah! Francamente!

— Oh, lamento estar dizendo essas coisas, mas é que, não sei por que, ando me sentindo tão estranha ultimamente! É como se estivesse numa tempestade de neve, sem achar o caminho de casa... É uma sensação horrível.

Tudo está tão diferente, as pessoas mudaram tanto!... você mudou, Mamãe...

— Ora, que idéia mais absurda! Meu bem, eu *tenho* que ir agora.

— É, acho que tem. Essa reunião é assim tão importante?

— Bem, é que tenho muita vontade de conhecer os novos murais que Kit Elliot mandou fazer...

— Ah, entendo — Sarah calou-se um momento e logo continuou. — Sabe, Mamãe, talvez eu goste mais do Lawrence do que imagino.

— Isso não me surpreenderia. Mas não tenha pressa. Adeus, meu bem. Tenho que voar!

A porta bateu atrás dela.

Logo Edith saiu da cozinha e entrou na sala para retirar os copos.

Sarah tinha colocado um disco na vitrola, e ouvia com melancólico prazer a voz de Paul Robeson cantando *Sometimes I feel like a motherless child*.

— De que músicas a senhorita gosta! — comentou Edith.— Essa então me dá arrepios!

— Pois eu acho linda.

— Gosto não se discute — resmungou Edith, zangada, enquanto observava: — Por que será que as pessoas não usam os cinzeiros, em vez de espalhar cinzas por todo lado?

— Dizem que é ótimo para o tapete...

— Esta desculpa é velha e continua sendo tão falsa hoje quanto sempre foi. E por que jogou esses pedacinhos de papel no chão, se há uma cesta de papéis lá perto da parede?

— Perdão, Edith, foi sem pensar. Estava rasgando o meu passado, foi um gesto...

— Rasgando o passado, ora veja... — resmungou Edith, mas ao olhar para Sarah perguntou delicadamente: — Alguma coisa errada, minha linda?

— Nada. Estou pensando em casar, Edith.

— Não há pressa. Por que não espera pelo Homem Certo?

— Acho que não faz muita diferença com quem a gente casa, Edith, não vai dar certo, seja com quem for...

— Ora, não diga essas bobagens! E por que tudo isso afinal?

— Quero ir embora daqui — respondeu Sarah, com veemência.

— E posso saber o que há de errado na sua casa? — quis saber Edith.

— Não sei. Parece que tudo mudou. Por que tudo está tão diferente, Edith?

— Acho que está crescendo, sabe? — respondeu Edith docemente.

— Talvez.

— Será que é isso?

Edith afastou-se com a bandeja cheia de copos, mas logo pousou-a sobre uma mesa e voltou para junto de Sarah. Passou a mão carinhosamente pelos cabelos negros da moça, como há muitos anos, quando ela era ainda uma criança.

— Pronto, pronto, meu bem, vai passar...

Com súbita mudança de ânimo, Sarah ergueu-se de um salto, enlaçou Edith pela cintura e começou a dançar pela sala, cheia de energia.

— Vou casar, Edith! Não é ótimo? Vou casar com o Sr. Steene. Ele nada em dinheiro e é terrivelmente atraente! Não sou mesmo uma moça de sorte?

Edith soltou-se, resmungando:

— Primeiro uma coisa, depois outra. O que está acontecendo, Srta. Sarah?

— Acho que estou meio louca. Você irá ao casamento, Edith, vou comprar um vestido lindo para você... de veludo escarlate, se quiser!

— Pensa que um casamento é alguma cerimônia de coroação?

Sarah colocou a bandeja nas mãos de Edith e empurrou-a em direção à porta da cozinha.

— Vá embora, velhinha querida, não comece a resmungar.

Edith saiu, balançando a cabeça com ar de dúvida.

Sarah voltou lentamente para a sala. De repente, jogou-se sobre a grande poltrona e começou a chorar... e chorar...

O disco ia chegando ao fim — a voz melancólica e profunda repetia mais uma vez: *“Sometimes I feel like a motherless child — a long way from home...”*¹

¹ N. do T.: “Às vezes me sinto como uma criança sem mãe muito longe de casa...”

LIVRO
TRÊS

Capítulo I

EDITH movia-se com dificuldade pela cozinha. Ultimamente vinha sentindo cada vez mais os seus “reaumatismos”, como ela os chamava, e isto não lhe melhorava o ânimo. Ainda se recusava obstinadamente a delegar qualquer das suas tarefas domésticas. Permitia apenas que uma mulher — a quem chamava, torcendo o nariz, de “aquela tal Sra. Hopper” — viesse uma vez por semana realizar certos trabalhos sob o seu olhar ciumento, mas qualquer outra ajuda era rejeitada com uma violência que anunciava desgraças a qualquer faxineira que ousasse tentar.

— Sempre me arranjei sozinha, não foi? — era o *slogan* de Edith.

E assim, continuava a se arranjar sozinha, com um ar de mártir e uma expressão cada vez mais azeda. Adquirira também o hábito de passar a maior parte do dia resmungando baixinho. Era o que fazia agora:

— Trazer o leite na hora do almoço... que idéia. Leite tem que ser entregue antes do café da manhã, esta é que é a hora certa. Esses rapazinhos atrevidos, assobiando, metidos naqueles casacos brancos... Quem eles pensam que são? Para mim parecem pirralhos fantasiados de dentista...

Parou de resmungar ao ouvir o som da chave na porta da frente.

— Lá vem confusão! — murmurou, e enxaguou uma tigela com movimentos enérgicos e furiosos.

Ouviu a voz de Ann chamando:

— Edith!

Tirou as mãos da água e enxugou-as cuidadosamente na toalha.

— Edith! Edith!

— Já estou indo, madame.

— *Edith!*

Erguendo as sobrancelhas e deixando cair os cantos da boca, Edith saiu da

cozinha, atravessou o vestíbulo e entrou na sala onde Ann Prentice examinava a correspondência. Voltou-se quando Edith entrou:

— Telefonou para *Dame* Laura?

— Sim, é claro.

— Disse que era urgente... que eu *preciso* vê-la? Ela disse que viria?

— Falou que logo estaria aqui.

— Bem, e por que não chegou ainda? — perguntou Ann, irritada.

— Faz só uns vinte minutos que eu telefonei, logo depois que a senhora saiu.

— Parece que já faz uma hora. Por que ela não vem?

— Não adianta ficar nervosa, nem tudo acontece na hora que a gente quer — falou Edith, num tom conciliador.

— Você disse que eu estava doente?

— Conteí que a senhora estava muito atacada.

— O que quer dizer atacada? — retrucou Ann, furiosa. — São os meus nervos que estão em frangalhos,

— Tem razão, estão mesmo.

Ann lançou um olhar furioso à fiel servidora e começou a caminhar pela sala, impaciente, indo até a janela e dali até a lareira. Edith permaneceu de pé, observando-a, enquanto alisava o avental com as mãos nodosas, grandes, desajeitadas e marcadas por anos de trabalho.

— Não consigo ficar parada um minuto — queixou-se Ann. — Não dormi nada ontem à noite. Sinto-me horrível... horrível... — Sentou-se, as mãos nas têmporas. — Não sei o que há comigo.

— Pois eu sei — disse Edith. — É de tanto ficar zanzando por aí; isso não pode fazer bem na sua idade.

— Edith! — gritou Ann. — Você é muito impertinente! E está ficando cada vez pior. Está comigo há muito tempo e aprecio seus serviços, mas se vai começar a ficar atrevida, terá que ir embora.

Edith ergueu os olhos para o céu e assumiu sua expressão de mártir antes de responder:

— Eu não vou embora. E acabou-se.

— Irá, se eu mandar — disse Ann.

— Pois se fizesse uma coisa dessas a senhora seria ainda mais tola do que eu suponha. Eu acharia uma colocação num abrir e fechar de olhos, essas agências iam correr atrás de mim. Mas, e a senhora? Provavelmente só conseguiria uma dessas diaristas, ou então uma estrangeira que só sabe cozinhar tudo no azeite e deixar seu estômago embrulhado, sem falar no cheiro que ia ficar pelo apartamento. E essas estrangeiras nem sabem atender o telefone direito... iam entender mal todos os nomes. Ou quem sabe talvez arranjasse uma mulher limpa, de fala agradável, boa demais para ser de verdade: e um dia, ao voltar para casa, ia descobrir que ela tinha sumido com todas as suas peles e jóias. Ouvi contar um caso desses que aconteceu outro dia aqui perto, em Playne Court. Não, a senhora é daquelas que gostam que as coisas sejam feitas como devem... à maneira *antiga*. Eu faço comidinhas gostosas, não ando quebrando suas coisas bonitas cada vez que lavo, como fazem algumas dessas sirigaitas. E, o que é mais importante, conheço os seus hábitos. A senhora não pode viver sem mim, sei muito bem disso e não vou embora. A senhora pode ser difícil, mas afinal todos temos uma cruz, é o que está escrito no Livro Sagrado. Pois eu sou uma mulher cristã e a senhora é a minha cruz.

Ann fechou os olhos e inclinou-se para a frente e para trás, com um gemido.

— Oh, minha cabeça... minha cabeça...

A expressão dura do rosto de Edith suavizou-se, seus olhos tornaram-se ternos:

— Calma. Vou lhe trazer um chá bem quentinho.

— Não quero chá — exclamou Ann, birrenta. — Era a última coisa que eu queria agora!

Edith suspirou e ergueu mais uma vez os olhos para o alto.

— Faça como quiser — disse. E deixou a sala.

Ann estendeu a mão para a cigareira, tirou um cigarro, acendeu-o, fumou-o por um ou dois minutos e amassou-o no cinzeiro. Levantou-se e começou a caminhar pela sala. Um instante depois foi até o telefone e discou:

— Alô... alô... poderia falar com *Lady Ladscombe*? Oh, é você, Márcia querida? — a voz assumiu um tom de fingida alegria. — Como vai?... Oh, nada... Lembrei apenas de ligar... Não sei, querida... é que me sentia

horriavelmente deprimida... sabe como a gente fica às vezes. Tem algum compromisso para o almoço, amanhã? Ah, sei, entendo... terça à noite? Sim, não tenho nada marcado, seria ótimo. Falarei com Lee, ou outra pessoa qualquer, e organizaremos um grupo. Será maravilhoso. Eu telefono amanhã de manhã.

Desligou. A momentânea animação desaparecera. Mais uma vez recomeçou a caminhada, até que ouviu a campainha e ficou imóvel, na expectativa, enquanto Edith dizia:

— Ela está esperando a senhora lá na sala.

— E logo Laura Whitstable entrou. Alta, feia, desagradável, mas com a confortável firmeza de um rochedo em meio ao mar revolto.

Ann correu para ela, exclamando frases incoerentes, numa histeria crescente:

— Oh, Laura... *Laura...* estou tão contente que tenha vindo...

Dame Laura ergueu as sobrancelhas, o olhar firme e atento. Pousou as mãos nos ombros de Ann e conduziu-a delicadamente até o sofá, onde sentou ao lado dela enquanto dizia:

— Bem, bem, o que está acontecendo?

Ann ainda parecia histérica:

— Oh, fico tão feliz por vê-la aqui! Acho que estou ficando louca.

— Bobagem — disse *Dame* Laura, rudemente. — Qual é o problema?

— Nenhum. Nenhum mesmo. Só os meus nervos. E é isso que me assusta: não consigo ficar parada. Não sei o que está acontecendo comigo.

— Hmm — Laura lançou-lhe um olhar atento e profissional. — Você não parece nada bem, mesmo.

Secretamente estava assustada com a aparência de Ann. Sob a pesada maquiagem o rosto dela estava devastado. Parecia muito mais velha agora do que quando Laura a vira pela última vez, há alguns meses.

Ann falou, impaciente:

— Estou perfeitamente *bem*. É só que... não sei bem o que é... Não consigo dormir... a menos que tome coisas. E estou tão irritada, tão mal-humorada.

— Já foi ao médico?

— Não nestes últimos tempos. Eles só receitam brometo e dizem para a gente não se cansar demais.

— Um ótimo conselho.

— Pode ser, mas é tudo tão absurdo! Nunca fui uma mulher nervosa, Laura, você sabe disso. Nunca soube o que fossem nervos.

Laura Whitstable ficou um instante em silêncio, lembrando a Ann Prentice de apenas três anos atrás. Sua delicada serenidade, sua calma, seu gosto pela vida, sua doçura, seu gênio estável. Sentiu uma profunda pena. Falou:

— O fato de nunca ter sido nervosa não quer dizer nada. Afinal, quando um homem quebra uma perna ele também provavelmente nunca tinha que brado uma perna antes!

— Mas por que eu haveria de ficar nervosa?

Laura Whitstable foi cuidadosa na resposta:

— Seu médico tem razão. Você provavelmente se movimenta demais.

Ann respondeu vivamente:

— Não posso ficar me aborrecendo em casa o dia inteiro.

— Mas é possível ficar em casa sem se aborrecer.

— Não — as mãos de Ann se agitaram nervosamente. — Eu... eu não posso ficar sentada sem fazer nada.

— E por que não? — a pergunta veio incisiva, como num inquérito.

— Eu não sei... — a agitação aumentou. — Não posso ficar sozinha. Não posso... — Lançou um olhar de desalento para Laura. — Acho que iria pensar que eu estou completamente doida, se dissesse que tenho *medo* de ficar só?

— É a coisa mais sensata que você já disse hoje — respondeu prontamente *Dame* Laura.

— Sensata? — espantou-se Ann.

— Sim, porque é verdade.

— Verdade? — Ann fechou os olhos. — Não sei o que quer dizer com isso.

— Quero dizer que não conseguiremos nada sem conhecer a verdade.

— Oh, mas você não poderá entender; nunca teve medo de ficar sozinha, teve?

— Não.

— Então simplesmente não pode entender.

— Oh, sim, posso — Laura continuou, delicadamente. — Por que me chamou, minha cara?

— Eu precisava falar com alguém... precisava... e pensei que talvez você pudesse *fazer* alguma coisa.

Olhou para a amiga, cheia de esperança.

Laura sacudiu a cabeça e suspirou:

— Entendo. Você quer que eu faça uma magia exorcizante?

— Será que não podia fazer uma para mim? Psicanálise, hipnotismo, *qualquer coisa*.

— Em uma palavra, qualquer uma dessas pantomimas modernas? — Laura sacudiu a cabeça. — Não posso tirar os coelhos da cartola para você, Ann. Você deve fazer isso sozinha. E precisa descobrir, primeiro, o que há dentro da cartola.

— O que quer dizer?

Laura Whitstable esperou um minuto antes de falar:

— Você não é feliz, Ann — a frase, mais que uma pergunta, era uma constatação.

Ann replicou rapidamente, talvez rapidamente demais:

— Oh, mas sou, pelo menos em parte. Eu me divirto bastante.

— Você não é feliz — insistiu *Dame* Laura, impiedosa.

Ann fez um gesto com os ombros e as mãos:

— E será que alguém é feliz? — insinuou.

— Muita gente, graças a Deus — falou *Dame* Laura, com entusiasmo. — Por que não você?

— Não sei.

— Só a verdade poderá ajudá-la, Ann. E você sabe muito bem qual é a resposta.

Ann ficou um instante em silêncio e logo, como se tomasse coragem, desabafou:

— Bem, já que é preciso ser honesta, acho que é porque estou envelhecendo. Sou uma mulher de meia-idade, que vai perdendo a aparência jovem e não espera mais nada da vida.

— Oh, minha querida! Acha que não tem mais nada a esperar da vida?

Tem uma saúde perfeita, é inteligente, e há tantas coisas na vida que só conseguimos apreciar depois que passamos da idade madura! Eu já lhe disse isso uma vez: livros, flores, música, pintura, gente, o sol... todo esse desenho entre laçado e inextricável a que chamamos Vida.

Ann ficou quieta e replicou depois, num desafio:

— Oh, provavelmente é um problema de sexo. Acho que tudo perde a graça depois que os homens deixam de nos achar atraentes.

— Talvez isso seja verdade para algumas mulheres, mas não para você, Ann. Já deve ter visto *A Hora Imortal*... ou talvez tenha lido o livro? E lembra esta frase: “Há uma hora em que um homem poderia encontrar a felicidade, se ao menos soubesse descobri-la.” Você esteve muito perto de encontrá-la uma vez, não foi?

A expressão do rosto de Ann tornou-se mais suave. Parecia, de repente, muito mais moça.

— Sim — murmurou, — houve essa hora. Eu poderia tê-la encontrado com Richard. Eu teria envelhecido feliz, junto dele.

— Sim, eu sei — disse Laura, com profunda compaixão.

— E agora — continuou Ann, — nem sequer consigo lamentar a sua perda! Voltei a vê-lo, sabe... oh, há quase um ano... e ele já não significava mais nada para mim... *nada*. Isto é que é mais trágico, mais absurdo. Estava tudo terminado, já não tínhamos nada para dizer um ao outro. Ele era apenas um homem de meia-idade, igual a tantos outros: um pouquinho arrogante, um tanto insípido e com certa tendência a mostrar-se vaidoso da nova esposa, uma juvenzinha de cabeça vazia, bonitinha e vistosa. Bastante simpático, entende? mas decididamente um chato. E no entanto... se... se nos tivéssemos casado... creio que teríamos sido felizes. *Sei* que teríamos sido.

— Sim — falou Laura, pensativa, — creio que teriam sido mesmo.

— Estive tão perto da felicidade... tão perto — a voz de Ann tremia de pena de si mesma — então... tive que abandonar tudo.

— Teve mesmo?

Ann não deu atenção à pergunta:

— Desisti de tudo... por Sarah!

— Exatamente — disse *Dame* Laura. — E nunca a perdoou por isso, não é

mesmo?

Ann despertou do devaneio, surpresa:

— O que quer dizer?

Laura Whitstable deixou escapar um riso desdenhoso:

— Sacrifícios! Pense só por um momento no que eles realmente significam: o sacrifício não é apenas aquele momento heróico em que nos sentimos generosos, sensíveis e prontos a imolar-nos. O tipo de sacrifício em que você apenas oferece o peito ao punhal é fácil, pois termina ali mesmo, no momento em que você excede a si mesma. O problema é que na maior parte das vezes é preciso viver com eles *depois* que são feitos... todo o dia e todos os dias... e isto não é assim tão fácil. É preciso ser muito nobre para consegui-lo... e você, Ann, não foi suficientemente nobre...

Ann ficou vermelha de raiva:

— Eu abri mão da minha vida inteira, da minha chance de felicidade, pelo bem de Sarah... e você vem me dizer que isso não foi o bastante...

— Não foi isso o que eu disse.

— Imagino que a culpa seja toda *minha*, então! — Ann ainda estava com raiva.

Dame Laura falou com convicção:

— A metade dos problemas que temos na vida vêm de fingirmos para nós mesmos que somos melhores e mais nobres do que realmente somos.

Mas Ann não estava ouvindo. Seu ressentimento continuava:

— Sarah é exatamente igual a todas essas moças modernas, só pensa em si mesma, não se interessa por mais ninguém! Imagine que, quando Richard telefonou, um ano atrás, ela nem sequer lembrava quem ele era! O nome não lhe dizia nada... nada.

Laura Whitstable sacudiu a cabeça gravemente, com o ar de alguém que vê confirmado o seu diagnóstico.

— Entendo — disse. — Entendo.

— O que mais eu poderia ter feito? — continuou Ann. — Eles não paravam de brigar, aquilo era um suplício para os meus nervos. Se eu tivesse insistido, não teria nunca um minuto de paz.

Laura Whitstable foi firme, falando inesperadamente:

— Se eu fosse você, Ann, trataria de decidir se desistiu de Richard Cauldfield pelo bem de Sarah ou pela sua própria tranqüilidade.

Ann olhou-a, ressentida:

— Eu amava Richard — disse — mas amava Sarah ainda mais...

— Não, Ann, não é assim tão simples. Creio que houve realmente um momento em que você chegou a amar Richard mais do que amava Sarah. Creio que a profunda infelicidade e o ressentimento que vem sentindo surgiram desse momento. Se tivesse desistido de Richard porque gostava mais de Sarah do que dele, não estaria do jeito que está hoje. Mas se desistiu dele por fraqueza, porque Sarah a obrigou, porque você queria fugir das brigas, das discussões... se foi uma derrota e não uma renúncia... bem, eis uma coisa que ninguém gosta de admitir para si mesmo. Mas você realmente gostava de Richard. Ann falou com amargura:

— E agora ele já não significa mais nada para mim...

— E quanto a Sarah?

— Sarah?

— Sim. O que ela significa para você?

Ann deu de ombros.

— Eu quase não a vejo mais, desde que casou. Acho que tem uma vida alegre e movimentada. Mas, como disse, quase não a vejo.

— Pois eu a vi, ontem à noite... — Laura fez uma pausa e continuou — num restaurante, com um grupo. — Nova pausa e depois, abruptamente: — Ela estava bêbada.

— Bêbada?! — Por um instante Ann pareceu surpresa, depois riu. — Ora, Laura querida, não seja tão antiquada! Os moços bebem muito agora, e parece que nenhuma festa pode ser um sucesso se todos convidados não estiverem meio alegres, ou “altos”, ou seja lá como quiser chamá-los.

Laura não se alterou:

— Pode ser... E admito que sou suficientemente antiquada para não gostar de ver uma jovem, que eu conheço, bêbada num lugar público. Mas é mais do que isso, Ann: falei com Sarah e notei que tinha as pupilas dilatadas.

— E o que isso poderia significar?

— Entre outras coisas, cocaína.

— Drogas?!

— Sim. Uma vez eu lhe falei nas minhas suspeitas de que Lawrence Steene estivesse envolvido no tráfico de tóxicos. Não pelo dinheiro, é claro, apenas pela emoção da aventura.

— Mas ele sempre me pareceu uma pessoa normal!

— Oh, as drogas não lhe fariam mal... conheço o tipo. É dos que gostam de experimentar tudo, gente assim não se vicia. Mas com uma mulher é diferente: quando uma mulher é infeliz, essas coisas podem dominá-la sem que ela consiga se libertar.

— Infeliz? Sarah? — Ann parecia incrédula.

Olhando-a, Laura disse secamente:

— Você deveria saber. Afinal, é a mãe dela.

— Ah, isso não quer dizer nada; Sarah não confia em mim.

— Por que não?

Ann levantou-se e caminhou até a janela, e então voltou lentamente até a lareira. *Dame* Laura permaneceu sentada, imóvel, olhando para ela. Enquanto Ann acendia um cigarro, perguntou com simplicidade:

— O que é que você sente, ao saber que Sarah pode ser muito infeliz?

— Como pode fazer uma pergunta dessas? É claro que isso me deixa terrivelmente perturbada.

— É mesmo? — Laura ergueu-se. — Bem, preciso ir. Tenho uma reunião do conselho daqui a dez minutos, mal terei tempo de chegar lá.

Caminhou em direção à porta. Ann foi atrás dela, perguntando:

— O que estava querendo dizer com aquele “É mesmo”, Laura?

— Eu andava com as minhas luvas, onde as terei deixado?

A campainha da porta da frente tocou e Edith saiu da cozinha, sem fazer ruído, para atendê-la. Ann insistia:

— Você estava querendo dizer alguma coisa?

— Oh, aqui estão elas!

— Francamente Laura, você está sendo horrível comigo, horrível mesmo!

Edith entrou, anunciando com algo que quase poderia ser um sorriso:

— Veja só quem está aqui: é o Sr. Lloyd, madame.

Ann olhou para Gerry Lloyd como se mal pudesse acreditar no que via:

Há mais de três anos que não punha os olhos nele, e o rapaz parecia ter envelhecido muito mais do que isso: tinha um ar maltratado, o rosto marcado dos que fracassaram. Usava um terno de *tweed* grosso, de corte provinciano, obviamente herdado de alguém, e sapatos velhos e gastos. Era evidente que não tinha enriquecido. Saudou-a com um sorriso grave, e toda a sua atitude era séria e quase constrangida.

— Gerry! Isto é *mesmo* uma surpresa!

— Que bom ver que a senhora ainda se lembra de mim. Três anos e meio é muito tempo.

— Eu também me lembro de você, meu jovem, mas não creio que saiba quem eu sou — disse *Dame* Laura.

— Oh, mas é claro que lembro, *Dame* Laura! Ninguém poderia esquecer a *senhora*.

— É muita bondade sua... ou não? Bem, preciso ir andando. Adeus, Ann. Adeus, Sr. Lloyd.

Quando ela saiu, Gerry seguiu Ann até a lareira, sentou-se e acendeu o cigarro que ela lhe ofereceu. Ann começou a conversar com entusiasmo.

— Bem, Gerry, conte-me tudo a seu respeito, e o que tem feito. Vai ficar muito tempo na Inglaterra?

— Não sei ainda.

Aquele olhar franco pousado nela fazia Ann sentir-se levemente perturbada. Ela se perguntava em que ele estaria pensando. Era um olhar de alguém muito diferente daquele Gerry de quem se lembrava.

— Beba alguma coisa. O que vai ser? Suco de laranja com gim, ou prefere um *pink-gin*?

— Não, obrigado. Não quero nada. Eu vim apenas... para falar com a senhora.

— Quanta gentileza sua! Já viu Sarah? Ela casou, sabia? Com um homem chamado Lawrence Steene.

— Sabia, ela escreveu contando. E eu a vi, ontem à noite. É por isso que estou aqui. — Fez uma pausa antes de perguntar: — Sra. Prentice, por que permitiu que ela casasse com aquele homem?

— Gerry, meu caro, *francamente!* — Ann estava surpresa.

Seu protesto não conseguiu arrefecer o ardor de Gerry, que continuou, num tom sério, a falar com simplicidade :

— Ela não é feliz. A senhora sabe disso, não sabe? Ela não é feliz.

— Sarah disse isso?

— Não, é claro que não, Sarah jamais faria uma coisa dessas; nem era necessário... eu percebi imediatamente. Ela estava com um grupo, quase não pude mos conversar. Mas era evidente. Por que permitiu que isso acontecesse?

Ann sentiu a raiva crescer:

— Meu caro Gerry, não acha que está sendo um tanto ridículo?

— Não, não acho — ficou um instante pensativo, e quando continuou sua sinceridade era desconcertante. — Entenda, Sarah é muito importante para mim, sempre foi, mais do que qualquer outra coisa no mundo. Portanto, naturalmente tenho interesse em saber se ela é feliz ou infeliz. Sabe, a senhora nunca devia ter permitido que ela casasse com Steene.

— Francamente, Gerry — irrompeu Ann, com raiva. — Você fala como um... como um vitoriano. Nunca se cogitou em permitir ou não permitir que Sarah casasse com Lawrence Steene. As moças casam com quem bem entendem, e não há nada que os pais possam fazer para impedi-las. Sarah quis casar *com* Lawrence Steene e casou com ele, só isso.

Gerry falou com tranqüila convicção:

— Mas a senhora poderia ter impedido.

— Meu caro rapaz, não sabe que sempre que tentamos impedir que as pessoas façam o que querem, só conseguimos torná-las mais obstinadas, mais teimosas?

Ele ergueu os olhos, encarando-a:

— E a senhora tentou?

Por alguma razão sentiu-se confusa diante daquele olhar francamente inquiridor, e gaguejou:

— Eu... eu... ele era muito mais velho do que ela, é claro... e tinha péssima reputação. Mostrei isso a ela, mas...

— Ele é um porco da pior espécie...

— Você não pode saber nada sobre ele, Gerry... estive tantos anos fora da Inglaterra.

— Mas isso é público e notório. Todo mundo sabe. Pode ser que a senhora não conheça todos os detalhes sórdidos... mas será que não *sentiu* que ele era um animal?

— Comigo sempre foi encantador e amável — defendeu-se Ann. — E nem sempre o homem que tem um passado dá um mau marido. Não se deve acreditar em todas as coisas mesquinhas que as pessoas contam. Sarah sentiu-se atraída por ele... na verdade, estava decidida a casar com ele. Lawrence é extremamente rico...

Gerry interrompeu-a:

— Sim, ele é rico. Mas, Sra. Prentice, a senhora não é dessas mulheres que só querem que a filha case por dinheiro. Nunca foi o que eu chamaria de... bem... frívola. Seu desejo seria ver Sarah feliz... ou pelo menos era o que eu pensava.

Olhou-a com uma curiosidade intrigada.

— É claro que eu desejava que a minha única filha fosse feliz. Isto nem era preciso dizer. Mas acontece que não se pode *interferir*, Gerry. — Tentou explicar. — Mesmo quando achamos que alguém está agindo de forma totalmente errada, não podemos *interferir*.

Olhou-o, num desafio, e ele retribuiu o olhar, ainda com a mesma expressão pensativa e cortês.

— Sarah queria mesmo casar com ele?

— Ela estava muito apaixonada — respondeu Ann num tom de desafio. E diante do silêncio dele, continuou: — Não creio que você possa perceber, mas as mulheres consideram Lawrence um homem extremamente atraente.

— Oh, sim, posso perceber isso muito bem.

Ann cobrou ânimo:

— Sabe Gerry, acho que está sendo totalmente irracional: só porque uma vez houve entre você e Sarah um romancezinho juvenil, se acha no direito de vir até aqui e me acusar... como se eu tivesse culpa de Sarah ter casado com outro homem.

Ele a interrompeu:

— Mas eu acho *mesmo* que a senhora é a culpada.

Olharam-se. Gerry ficou vermelho, Ann empalideceu, a tensão entre os dois atingiu um nível intolerável.

Ann ergueu-se e disse secamente:

— Isso é demais!

Gerry levantou-se também. Por trás do seu modo tranqüilo e cortês, ela percebeu qualquer coisa de impiedoso e cruel.

— Perdoe-me se fui grosseiro.

— É imperdoável.

— Talvez seja. Mas entenda, eu estou realmente preocupado com Sarah. É a única coisa que me importa, e não posso deixar de sentir que a senhora permitiu que ela fizesse um casamento infeliz.

— Francamente!

— E vou livrá-la dele.

— O quê?

— Vou convencê-la a abandonar aquele animal.

— Mas que coisa mais absurda! Só porque vocês tiveram um namorinho de criança...

— Eu entendo Sarah... e ela me entende.

Ann deixou escapar uma risada áspera e inesperada:

— Meu caro Gerry, vai descobrir que Sarah já não se parece mais com aquela moça que conheceu.

— Sei que ela mudou — respondeu Gerry, baixinho. — Pude notar... — hesitou, antes de concluir, murmurando: — Lamento se me achou impertinente, Sra. Prentice. Quero que entenda, para mim Sarah estará sempre em primeiro lugar. — E saiu da sala.

Ann serviu-se um copo de gim. Enquanto bebia, murmurava para si mesma:

— Como se atreve... como se atreve... E Laura... *ela* também está contra mim. Estão todos contra mim. Não é justo... O que foi que eu fiz?... Nada...

Capítulo II

1

O MORDOMO que abriu a porta do n.º 18 da Pauncefoot Square olhou desdenhosamente o grosseiro terno de confecção que Gerry usava.

Mas quando seus olhos encontraram os do visitante, mudou de atitude. Veria se a Sra. Steene estava em casa, falou.

Pouco depois Gerry foi conduzido a uma sala grande e escura, cheia de flores exóticas e brocados claros onde, passados alguns minutos, Sarah Steene entrou com um sorriso de boas-vindas.

— Gerry! Que bom ter vindo! Na outra noite acabamos nos separando. Quer beber alguma coisa?

Preparou-lhe uma bebida e serviu-se também, antes de sentar num pufe baixo, junto à lareira. A luz difusa da sala mal deixava ver o seu rosto, e usava um perfume caro, que ele não lembrava ter sentido nela antes.

— E então, Gerry? — falou, sorrindo.

Ele retribuiu o sorriso.

— E então, Sarah? — e tocando com o dedo o ombro dela. — Você está praticamente usando o zoológico inteiro, não é mesmo?

Ela vestia um caríssimo trapinho de gaze debruado com fartas peles, macias e claras.

— É ótimo — assegurou ela.

— Imagino. Você está com uma aparência maravilhosamente cara.

— Oh, e sou mesmo. Mas conte-me as suas novidades, Gerry. Você saiu da África do Sul e foi para o Quênia. Desde então, não soube mais nenhuma notícia sua.

— Oh, bem. Não tive muita sorte.

— Naturalmente.

A observação foi rápida e Gerry quis saber:

— Naturalmente? O que quer dizer?

— Bem, seu problema foi sempre a falta de sorte, não é mesmo?

Por um breve instante ele viu a antiga Sarah, provocante, mordaz. Desaparecera a bela mulher de expressão dura, a estranha exótica: era Sarah, a sua Sarah, que o atacava sem piedade. E, respondendo à maneira antiga, ele se queixou:

— Foi uma coisa atrás da outra: primeiro as colheitas fracassaram... não por minha culpa. Depois, o gado pegou uma doença...

— Sei... A mesma velha e triste história de sempre.

— E além disso, eu não tinha capital. Se ao menos tivesse o capital...

— Eu sei... eu sei...

— Bem, que diabo, Sarah, não fui o culpado de tudo o que me aconteceu.

— Você... você nunca é culpado. E por que voltou à Inglaterra?

— Minha tia morreu...

— Tia Lena? — perguntou Sarah, que conhecia bem todos os parentes de Gerry.

— Ela mesma. Tio Luke morreu há dois anos sem me deixar um centavo, o velho sovina...

— Sábio tio Luke...

— Mas tia Lena...

— Tia Lena lhe deixou alguma coisa?

— Sim. Dez mil libras.

— Hum — ponderou Sarah. — Nada mau, mesmo nos dias de hoje...

— Vou entrar num negócio com um sujeito que tem uma fazenda no Canadá.

— Que tipo de sujeito? Essa foi sempre a questão. E a garagem que você montou com outro sujeito de pois que saiu da África do Sul?

— Oh, aquilo deu em nada. Fomos muito bem no início, mas depois que aumentamos um pouco o negócio veio uma baixa de preços e logo o movimento caiu.

— Não precisa me contar os detalhes. Como essa história é conhecida! É a

sua história...

— Sim — disse Gerry; e acrescentou, com simplicidade: — Você tem razão, creio que não sou muito bom mesmo. Ainda acho que tive azar... mas provavelmente também banqueei o bobo. Só que desta vez vai ser diferente...

Sarah foi mordaz:

— Não sei...

— Ora vamos, Sarah! Não acha que aprendi a lição?

— Não creio — disse Sarah. — Ninguém aprende; nunca. Vivemos repetindo sempre os mesmos erros. Acho que você precisaria ter um agente... como as estrelas de cinema, as atrizes. Alguém que fosse prático e que não o deixasse ficar otimista demais na hora errada.

— Talvez você tenha razão nesse ponto. Mas realmente, desta vez tudo vai dar certo, Sarah. Vou ser cuidadoso como o diabo.

Houve uma pausa, e logo Gerry continuou:

— Fui visitar sua mãe ontem.

— Foi? Que gentileza a sua! Como estava ela? Correndo sem parar, como sempre?

Gerry respondeu lentamente.

— Sua mãe mudou muito.

— Acha?

— Sim, acho.

— Em que ela mudou?

— Não sei bem como explicar — hesitou. — Está terrivelmente nervosa, por exemplo.

— Quem não está, hoje em dia? — perguntou Sarah, despreocupadamente.

— Mas ela não era assim. Foi sempre tão tranqüila, tão... tão *doce*...

— Isso parece até letra de hino!

— Você sabe muito bem o que estou querendo dizer... e ela mudou mesmo. Os cabelos, as roupas, tudo...

— Está mais animada, apenas. E por que não havia de estar, pobre querida? Afinal, deve ser horrível envelhecer. E de qualquer forma, as pessoas mudam. — Parou um minuto antes de acrescentar, com um toque de desafio na voz: — Espero que *eu* também tenha mudado...

— Não de verdade.

Sarah corou.

— Apesar das peles — continuou Gerry deliberadamente, tocando outra vez a pele branca e cara — e da coleção de jóias de Wolwoorth — acrescentou pondo as mãos no chuveiro de diamantes no ombro dela... — e do cenário luxuoso, você continua quase a mesma Sarah. A *minha* Sarah.

Sarah afastou-se, inquieta, e disse num tom alegre:

— E você continua o mesmo Gerry de sempre. Quando vai para o Canadá?

— Breve, logo que resolva meus assuntos com o advogado. — Ergueu-se. — Bem, tenho que ir. Não quer sair comigo um dia desses, Sarah?

— Não, venha você jantar conosco. Ou faremos uma festa. Você tem que conhecer Larry.

— Eu o conheci na outra noite, lembra?

— Só por um momento.

— Não creio que tenha tempo para festas. Venha dar um passeio comigo qualquer manhã destas, Sarah.

— Querido, para ser franca sou incapaz de fazer qualquer coisa de manhã: é a pior hora do dia.

— Ótima para quem quer raciocinar friamente.

— E quem quer raciocinar friamente?

— Acho que nós dois queremos. Venha, Sarah... duas voltas pelo Regent Park, amanhã de manhã. Encontro você no Hanover Gate.

— Você tem mesmo idéias incríveis, Gerry. E que roupa medonha está usando!

— É uma boa roupa, resistente.

— Pode ser que seja, mas o corte é horrível!

— Sempre a mesma preocupação esnobe com roupas! Amanhã, meio-dia, Hanover Gate. E não beba muito hoje à noite para não estar de ressaca amanhã.

— Estarei enganada, ou você está querendo insinuar que eu bebi demais ontem?

— E não bebeu?

— Era uma festa horrível. E uma bebida ajuda a gente a ir até o fim.

— Amanhã. Meio-dia. Hanover Gate.

2

— Bem, aqui estou — disse Sarah, num tom de desafio.

Gerry olhou-a de alto a baixo. Estava linda — muito mais bela agora do que tinha sido quando garota. Notou a cara simplicidade das roupas que vestia, o grande cabuchão de esmeraldas no seu dedo e pensou: “Devo estar louco” — mas mesmo assim, não recuou. — Venha — disse — vamos caminhar.

E caminharam. Contornaram o lago, atravessaram o jardim das rosas e finalmente pararam para sentar, num lugar pouco freqüentado do parque. Fazia demasiado frio para que houvesse muita gente sentada por perto.

Gerry respirou fundo:

— Agora — falou, — vamos ao que interessa. Sarah, quer vir comigo para o Canadá?

Sarah encarou-o, surpresa:

— O que está querendo dizer?

— Exatamente o que disse.

— Quer dizer... uma viagem? — perguntou Sarah, hesitante.

Gerry sorriu:

— Quero dizer para sempre. Deixe seu marido e venha comigo.

Sarah deu uma risada.

— Gerry, você enlouqueceu? Ora, nós não nos vemos há quase quatro anos e...

— Isso tem alguma importância?

— Não — ela hesitou. — Não, creio que não...

— Quatro anos, cinco, dez, vinte, não creio que fizesse nenhuma diferença. Nós pertencemos um ao outro. Eu sempre senti isso. Ainda sinto. Você não sente também?

— Sim, de certo modo — admitiu Sarah. — Mesmo assim, o que sugere é absolutamente impossível.

— Não vejo nada de tão impossível no que falei. Se você estivesse casada com um sujeito decente e vivesse feliz com ele, eu nem sonharia em me

intrometer. Mas você não é feliz, é, Sarah? — completou baixinho.

— Acho que sou tão feliz quanto a maior parte das pessoas — respondeu Sarah corajosamente.

— Pois eu acho que você é horrivelmente infeliz.

— Se eu sou... a culpa é toda minha. Afinal, quando cometemos um erro, devemos aceitar as conseqüências.

— Mas Lawrence Steene não se destaca especialmente por aceitar as conseqüências dos seus próprios erros, não é?

— Isto é uma maldade!

— Não, não é. É a verdade.

— De qualquer modo, Gerry, o que sugere é uma loucura. Uma idéia maluca!

— Porque eu não fiquei rondando à sua volta, tentando convencê-la aos pouquinhos? Não há necessidade disso. Como eu já disse, eu e você pertencemos um ao outro... e você sabe disso, Sarah.

Ela suspirou:

— Admito que em outros tempos gostei muito de você.

— É muito mais que isso, mocinha.

Ela voltou-se para olhá-lo e deixou de fingir:

— É mesmo? Você tem certeza?

— Tenho.

Ambos ficaram em silêncio, até que Gerry falou baixinho:

— Virá comigo, Sarah?

Ela suspirou outra vez e sentou-se, aconchegando as pernas ao seu redor. Uma aragem fria agitava as árvores.

— Sinto muito, Gerry, mas a resposta é não.

— Por quê?

— Porque não posso... só isso.

— Todos os dias há gente abandonando os maridos.

— Não eu.

— Você está querendo me dizer que ama Lawrence Steene?

Sarah balançou a cabeça.

— Não, eu não o amo. Nunca amei. Mas ele me atraía. Ele tem... bem, ele

sabe como conquistar uma mulher. — Estremeceu levemente, com repugnância. — É muito raro a gente pensar que alguém seja realmente... bem... perverso. Mas se eu tivesse que pensar isso de alguém, seria de Lawrence. Porque ele não faz as coisas num impulso, por ser incapaz de se conter. Não: ele apenas gosta de fazer experiências com as coisas e as pessoas.

— E você acha que precisa ter qualquer escrúpulo de abandonar um homem desses?

Sarah ficou um instante em silêncio antes de continuar baixinho:

— Não é por escrúpulo... Oh! — ela se interrompeu, impaciente — é horrível ver como sempre preferimos apresentar primeiro as nossas razões mais nobres. Muito bem, Gerry, é melhor ficar sabendo como eu *realmente* sou. Vivendo com Lawrence, eu me habituei a certas coisas e não quero desistir delas: roupas, peles, dinheiro, restaurantes caros, festas, criados, carros, um iate... Tudo fácil e cheio de luxo. Estou mergulhada nele e você quer que eu largue tudo para dar duro numa fazenda perdida no fim do mundo! Não posso... e não irei. Eu perdi a coragem, Gerry. O dinheiro e o luxo me corromperam.

— Então já é tempo de mudar de vida — falou Gerry, com frieza.

— Oh, Gerry — ela não sabia se devia rir ou chorar. — Você é tão positivo!

— Tenho os pés na terra, é verdade.

— Sim, mas não pode compreender nem a metade da história.

— Não?

— Não é só o dinheiro. Há outras coisas. Oh, será que não entende? Eu me tornei uma pessoa horrível, Gerry. As festas que oferecemos... os lugares que freqüentamos...

Parou, vermelha.

— Muito bem — disse Gerry, calmamente. — Você é uma depravada. Mais alguma coisa?

— Sim: há certas coisas... com as quais eu me habituei e não poderia viver sem elas.

— Coisas? — segurou bruscamente o queixo de Sarah, e voltou o rosto dela para o seu. — Ouvi boatos. Você quer dizer... drogas?

Sarah concordou com a cabeça:

— Elas provocam sensações maravilhosas.

— Ouça — a voz de Gerry era dura, incisiva. — Você vai vir comigo e vai parar de tomar essas coisas.

— E se eu não puder?

— Deixe comigo — disse Gerry sombriamente.

Os ombros de Sarah relaxaram e ela suspirou, inclinando-se para ele. Mas Gerry afastou-se.

— Não — disse ele, — não vou beijar você.

— Entendo. Tenho que decidir... a sangue-frio?

— Isso mesmo.

— Como você é engraçado, Gerry!

Permaneceram em silêncio durante alguns momentos, até que Gerry falou, com esforço:

— Sei muito bem que não sou grande coisa, que tive fracassos demais para que possa ter muita... muita confiança em mim. Mas acredito realmente, juro que acredito, que tudo poderia dar certo se eu tivesse você a meu lado. Você é tão inteligente, Sarah, e sabe como animar um sujeito quando ele começa a perder o entusiasmo.

— Pareço ser uma criatura adorável!

Gerry insistiu, teimoso:

— Sei que posso vencer! Vai ser uma vida horrível para você, com muito trabalho e nenhum conforto. Nem sei como tenho a ousadia de convencê-la a vir. Mas será *real*, Sarah... Será... bem... será viver...

— Viver... real... — Sarah repetiu baixinho para si mesma.

— Você virá, Sarah?

— Não sei.

— Sarah... querida...

— Não, Gerry... não diga mais nada. Você já disse tudo... tudo o que precisava ser dito. Agora é comigo: tenho que pensar. Eu o avisarei.

— Quando?

— Breve...

Capítulo III

ORA, que bela surpresa!

Edith franziu o rosto azedo num sorriso, enquanto abria a porta do apartamento para Sarah.

— Alô Edith, minha jóia! Mamãe está?

— Deve estar chegando. Alegra-me que tenha vindo, vai animá-la um pouco.

— E ela precisa ser animada? Parece estar sempre tão alegre!

— Há qualquer coisa muito errada com sua mãe. Estou preocupada com ela — Edith seguiu Sarah até a sala. — Não consegue ficar nem dois minutos parada, e se eu falo qualquer coisa, só falta me cortar a cabeça. Não duvido que seja orgânico.

— Não seja agourenta, Edith. Para você, todo mundo está sempre às portas da morte...

— Pois eu não diria isso da senhora: está linda... Tch... e continua a mesma, jogando suas lindas peles pelo chão. São lindas, devem ter custado rios de dinheiro.

— Custaram mesmo uma fortuna.

— Mais bonitas do que qualquer uma das que a patroa já teve. A senhora tem mesmo um monte de coisas lindas!

— E mereço. Quando se vende a alma, deve-se ao menos vendê-la por bom preço.

— Não diga uma coisa dessas — censurou Edith. — O seu mal é que, ou está lá em cima, ou cá em baixo. Eu me lembro como se fosse ontem, quando me contou que estava querendo casar com o Sr. Steene e rodopiou comigo pela sala, dançando feito louca. “Eu vou me casar... vou me casar”, dizia.

— Não... pare, Edith. Não suporto ouvi-la — disse Sarah, vivamente.

Imediatamente o rosto de Edith assumiu uma expressão atenta e sagaz.

— Pronto, pronto, queridinha — disse suavemente. — Dizem que os dois primeiros anos são sempre os piores. Se puder agüentá-los, estará salva.

— Não se pode dizer que seja uma visão otimista do casamento.

Edith continuou, com ar de censura:

— Mesmo o melhor casamento é um mau negócio, mas acho que o mundo não poderia continuar sem eles. Perdoe-me a liberdade: será que não há novidades a caminho?

— Não, *não* há, Edith.

— Creia que eu sinto muito. Mas parece estar meio nervosa e eu fiquei pensando se não seria esse o motivo. As moças recém-casadas se comportam às vezes de um jeito tão estranho! A minha irmã mais velha, quando estava esperando, foi um dia ao armazém e de repente lhe veio o desejo de comer uma pêra grande e suculenta, como as que viu numa caixa. Apanhou uma delas e deu uma dentada ali mesmo, na hora. “Ei, o que está fazendo?” falou o moço que atende dia. Mas o dono do armazém, que era pai de família e entendia bem como eram essas coisas, foi logo dizendo: “Pode deixar que eu atendo esta senhora, meu filho” — e nem quis cobrar a pêra. Foi muito compreensivo; e, com treze filhos, tinha que ser mesmo!

— Que falta de sorte, ter treze filhos — comentou Sarah. — Que família maravilhosa você tem, Edith. Desde criança ouço falar nela.

— É verdade, quantas histórias da minha família eu já lhe contei. Também, a senhora era uma coisinha tão séria e prestava tanta atenção a tudo. E isto me faz lembrar: aquele seu namorado esteve aqui outro dia. O Sr. Lloyd. Já o viu?

— Sim, já estive com ele.

— Parece muito mais velho, mas com um bronzeado lindo. Deve ser por ter vivido nesses lugares estrangeiros. Ele teve sorte?

— Não muita.

— Ah, que pena. O mal dele é que não tem persistência.

— Acho que é isso mesmo. Será que Mamãe vai chegar logo?

— Oh, sim, Srta. Sarah. Ela vai jantar fora e terá que vir em casa para trocar de roupa. E se quer saber a minha opinião, é uma pena que ela não fique mais noites sossegada em casa. Ela sai demais.

— Acho que deve gostar disso.

— Essa correria toda não lhe faz bem — fungou Edith. — E depois, sempre foi uma senhora tranqüila.

Sarah voltou o rosto abruptamente, como se as palavras de Edith a tivessem feito lembrar alguma coisa.

— Uma senhora tranqüila — repetiu, pensativa. — Sim, mamãe era tranqüila, Gerry também disse a mesma coisa. Engraçado como ela mudou completamente nestes três últimos anos. Você não acha que ela mudou, Edith?

— Às vezes chego a pensar que nem é a mesma pessoa...

— Ela não era assim... Era... — Sarah parou, pensativa, depois continuou: — Você acha que as *mães* continuam a gostar sempre dos filhos, Edith?

— É claro que sim, Srta. Sarah! Não seria normal que não gostassem!

— Mas será que é mesmo normal continuar a se importar com os filhos, mesmo depois que eles crescem e saem pelo mundo? Os animais não se importam.

Edith estava escandalizada, e falou rispidamente:

— Orar animais! Somos homens e mulheres cristãos. Deixe de dizer bobagens, Srta. Sarah, e lembre-se do ditado: “Um filho é um filho até arranjar uma companheira, mas uma filha é uma filha pela vida inteira.”

Sarah riu:

— Conheço milhões de mães que odeiam as filhas como se elas fossem veneno, e filhas que não querem saber das mães.

— Bem, só posso dizer que não acho isso nada bonito.

— Mas muito, muito mais saudável, Edith... ou pelo menos é o que dizem os psicólogos.

— Pois eles devem ter umas mentes muito sujas.

Sarah continuou, pensativa:

— Sempre gostei muito de mamãe... como pessoa, não só como mãe.

— E sua mãe também a ama muito, Srta. Sarah.

Sarah não respondeu durante alguns segundos e então falou:

— Não sei...

— Se visse como ela ficou quando a senhora teve pneumonia, aos quatorze anos...

— Ah, sim, *naquele tempo*. Mas agora...

Ouviram o ruído da chave na fechadura:

— Aí está ela — disse Edith.

Ann chegou sem fôlego, arrancando da cabeça um alegre chapeuzinho de penas multicores.

— Sarah? Que surpresa agradável! Oh meu Deus, essa coisa estava machucando a minha cabeça. Que horas são? Estou horrivelmente atrasada. Vou encontrar os Ladesburys às oito no Chaliano's. Venha até o meu quarto enquanto eu troco de roupa.

Obediente, Sarah seguiu-a pelo corredor, até o quarto.

— Como vai Lawrence? — perguntou Ann.

— Muito bem.

— Ótimo. Eu não o vejo há séculos... e você também. Precisamos nos reunir qualquer dia desses. Dizem que a nova revista no Coronation é bastante boa...

— Mamãe, eu quero falar com você.

— Sim, querida?

— Será que não pode parar de mexer no rosto e me escutar?

Ann pareceu surpresa.

— Você parece estar muito nervosa, Sarah.

— Eu quero falar com você sobre um assunto sério: é Gerry...

— Ah — Ann baixou as mãos e pareceu refletir. — Gerry?

— Ele quer que eu deixe Lawrence e vá para o Canadá com ele — disse Sarah, com simplicidade.

— Que absurdo! Pobre Gerry, ele é realmente muito estúpido.

Sarah retrucou vivamente.

— Não há nada de errado com Gerry!

— Sei que sempre o defendeu, querida — disse Ann. — Mas falando sério, agora que tornou a vê-lo, não acha que já o deixou para trás?

— Você não está me ajudando muito, mamãe. — A voz de Sarah tremia.
— Quero falar a sério.

Ann foi ríspida:

— Não me diga que está levando a sério essa tolice ridícula!

— Estou sim.

— Então também está sendo estúpida, Sarah — falou Ann, raivosa.

— Sempre gostei de Gerry e ele sempre gostou de mim.

— Minha criança querida! — disse Ann, sorrindo.

— Eu nunca devia ter casado com Lawrence. Foi o maior erro da minha vida.

— Vocês vão se acomodar — disse Ann, em tom consolador.

Sarah levantou-se e começou a caminhar de um lado para outro, inquieta.

— Não, nunca. Minha vida é um verdadeiro inferno.

— Não exagere, Sarah — a voz de Ann era amarga.

— Ele é um monstro, um monstro desumano!

— Ele gosta de você, Sarah — censurou Ann.

— Por que fui casar com ele? Por quê? Na verdade eu nunca quis casar com ele — de repente voltou-se contra Ann. — Se não fosse por *você*, eu não teria casado.

— Por mim?

Ann ficou vermelha de raiva.

— Eu não tive nada a ver com isso!

— Teve sim! Teve!

— Naquela ocasião eu lhe disse que você devia decidir sozinha.

— Você me convenceu de que tudo iria dar certo.

— Que acusação maldosa, Sarah! Eu até avisei que ele tinha péssima reputação e que você estava correndo um risco...

— Eu sei. Mas foi o seu jeito de dizer tudo isso, como se não tivesse importância. Oh, foi toda a nossa conversa! Não interessa, saber o que você disse; as palavras podiam ser apropriadas, mas no fundo *você queria que eu casasse com ele. Queria*, mamãe! Sei que era isso o que queria. Por quê? Para se ver livre de mim?

Ann encarou a filha, furiosa:

— Francamente Sarah, não entendo estas suas acusações!

Sarah aproximou-se da mãe. Seus olhos, enormes e negros, no rosto pálido, olhavam fixamente o rosto de Ann, como se esperassem encontrar nele a verdade.

— Sei que o que estou dizendo é verdade. *Você queria que eu casasse com ele. E agora que nada deu certo, agora que eu sou horrivelmente infeliz, você*

nem liga. Às vezes cheguei a pensar que ficava contente...

— Sarah!

— Sim, *contente!* — Ann mexia-se inquieta sob aquele olhar que ainda a procurava. — Você *está contente...* Quer que eu seja infeliz...

Ann afastou-se bruscamente, trêmula, e caminhou até a porta. Sarah foi atrás dela.

— Por quê? Por que, Mamãe?

— Você não sabe o que está dizendo — respondeu Ann, forçando as palavras através dos lábios crispados.

— Quero saber por que desejava que eu fosse infeliz — insistiu Sarah.

— Nunca desejei isso. Não seja ridícula!

— Mamãe... — timidamente, como uma criança, Sarah tocou o braço da mãe. — Mamãe, eu sou sua filha... você devia gostar de mim.

— Mas é claro que gosto. O que mais?

— Não, não creio que goste. Acho que há muito tempo não gosta mais de mim, Mamãe. Você se afastou de mim, foi para longe... para algum lugar onde eu não consigo alcançá-la.

Ann fez um esforço para controlar-se antes de dizer, num tom de voz desapaixonado:

— Por mais que gostemos dos filhos, chega um momento em que eles devem aprender a ser independentes. As mães não podem ser possessivas.

— Não, é claro que não. Mas deviam estar prontas a ajudar nos momentos difíceis.

— Mas o que quer que eu *faça*, Sarah?

— Quero que me diga se devo partir com Gerald ou ficar com Lawrence.

— Fique com seu marido, é claro.

— Você parece muito certa do que diz.

— Minha querida, que outra resposta se poderia esperar de uma mulher da minha geração? Fui educada para respeitar certas normas de comportamento.

— É moralmente certo ficar com o marido e moralmente errado partir com o amante... é isso?

— Exatamente. É claro que os seus amigos moderninhos provavelmente teriam opinião bem diferente, mas foi a mim que você perguntou.

Sarah suspirou e sacudiu a cabeça:

— Não é assim tão fácil como você faz parecer. É tudo muito confuso. Na verdade é o meu eu mais sórdido que gostaria de ficar com Lawrence. É aquela parte de mim que tem medo de enfrentar a pobreza, as dificuldades; que gosta da vida fácil, tem gostos depravados, é uma escrava das sensações. O meu outro eu, que quer partir com Gerry, não é apenas uma mulherzinha devassa e apaixonada... é a parte de mim que acredita em Gerry e quer ajudá-lo. Entenda, Mamãe: eu tenho exatamente aquilo que falta ao Gerry. Chega um momento em que ele perde o ânimo e só é capaz de parar e ter pena de si mesmo; é exatamente neste momento que precisa de mim para lhe dar um empurrão. Gerry poderia ser uma pessoa realmente formidável... tem tudo para ser. Precisa apenas de alguém que ria dele, e o incentive e... oh... ele precisa de *mim*..

Parou e lançou à mãe um olhar de súplica, mas o rosto de Ann manteve-se duro como pedra.

— Não vou fingir que consegui me impressionar, Sarah. Você quis casar com Lawrence, não importa o que diga agora, e devia ficar com ele.

— Talvez...

Ann fez valer sua ascendência sobre Sarah:

— E sabe, querida — continuou, num tom carinhoso. — Não creio que tenha sido feita para levar uma vida dura. Dizer é fácil, mas tenho certeza de que você iria odiar quando tivesse que enfrentá-la, principalmente se — e aqui pensou que tivesse um forte argumento a seu favor — principalmente se percebesse que estava apenas criando mais dificuldades para Gerry, em vez de ajudá-lo.

Mas percebeu logo que dera um passo em falso. O rosto de Sarah tornou-se duro. Ela caminhou até a penteadeira, apanhou um cigarro e acendeu-o, antes de dizer despreocupadamente:

— Você é o próprio advogado do diabo, não é, Mamãe?

— O que quer dizer? — perguntou Ann surpresa.

Sarah postou-se diante da mãe, o rosto duro e cheio de suspeita:

— Qual é a verdadeira razão de não querer que eu vá embora com Gerry, Mamãe?

— Já lhe disse...

— A verdadeira razão... — insistiu Sarah, os olhos mergulhados nos de

Ann. — *Você tem medo de que eu possa ser feliz com ele, é isso?*

— O meu medo é que possa ser muito *infeliz!*

— Não, não é — Sarah lançou as palavras, cheias de amargura. — Se eu fosse infeliz, você não se importaria. É a minha felicidade que você não deseja. Você não gosta de mim. É mais do que isso: por alguma razão qualquer que eu desconheço, você me odeia... Não é verdade? Você me odeia, me odeia como o diabo.

— Sarah! Você enlouqueceu?

— Não, Mamãe, não estou louca. Finalmente começo a descobrir a verdade: há muito tempo você me odeia... há anos. *Por quê?*

— Não é verdade!

— É verdade sim. Mas por quê? Não é ciúme de mim, da minha mocidade... sei que algumas mães têm esse problema com as filhas, mas você não, você sempre foi boa para mim. Por que me odeia, Mamãe? Eu preciso saber!

— Mas eu não a odeio!

— Oh, por favor! Pare de mentir! — gritou Sarah. — Fale a verdade! O que foi que eu fiz para que me odiasse assim? Eu sempre a adorei, sempre tentei ser boa para você, fazer coisas...

Ann voltou-se e respondeu, com uma voz cheia de amargura:

— Você fala como se só você tivesse feito sacrifícios!

Sarah encarou-a, confusa:

— Sacrifícios? Que sacrifícios?

A voz de Ann tremia; ela apertou as mãos, tentando controlar-se.

— Eu sacrifiquei a minha vida por você... desisti de tudo que amava por sua causa, e você nem ao menos se lembra!

Ainda surpresa, Sarah insistiu:

— Nem ao menos sei do que está falando.

— Não, é claro que não sabe. Nem sequer lembrava o nome dele.

“*Richard Cauldfield*” — você perguntou — “quem é?”

Os olhos de Sarah deixaram transparecer que começava a entender o que ouvia, e sentiu-se tomada de leve desalento:

— Richard Cauldfield?

— Sim, Richard Cauldfield — Ann agora era francamente acusadora. — *Você* não gostava dele: mas *eu* o amava! Queria casar com ele! E, por sua causa,

tive que desistir de tudo.

— Mamãe... — Sarah estava horrorizada.

— Eu tinha direito à felicidade — continuou Ann, num desafio.

— Eu não sabia o quanto você gostava dele — gaguejou Sarah.

— Não sabia, nem queria saber: fechava os olhos para não ver e fez tudo o que pôde para impedir o casamento. É ou não é verdade?

— Sim, é verdade... — Sarah voltou ao passado. Sentia-se quase doente ao lembrar a sua petulância infantil. — Eu... eu pensava que ele não seria capaz de fazê-la feliz.

— E que direito tinha de pensar por outra pessoa? — indagou Ann arrebatadamente.

Gerry também dissera isto: tinha ficado preocupado ao ver o que ela estava tentando fazer. E ela só fora capaz de sentir-se satisfeita consigo mesma, triunfante com a vitória sobre o odiado *Cauliflower*. Tudo aquilo fora apenas ciúme, ciúme grosseiro e infantil, podia ver agora.

E por causa dele, sua mãe tinha sofrido, tinha se transformado aos poucos nesta mulher nervosa e infeliz que a confrontava agora com acusações contra as quais ela não tinha resposta.

Podia apenas dizer baixinho:

— Eu não sabia... Oh, Mamãe, eu não sabia...

Ann estava outra vez revivendo o passado:

— Nós dois podíamos ter sido felizes juntos. Ele era um homem solitário. A primeira mulher tinha morrido junto com o bebê; isto causou-lhe um grande choque. Sei que tinha defeito, uma certa tendência para se tornar arrogante e dominador... o tipo da coisa que os jovens não deixam passar... mas no fundo era um homem bondoso e simples. Nós teríamos envelhecido juntos, felizes. E em vez disso eu o magoei muito: mandei-o embora. Mande-o para um hotel na praia, onde ele conheceu aquela harpiazinha cretina que nem ao menos gosta dele.

Sarah afastou-se, ferida por cada uma das palavras que ouvira, mas recuperou as forças para defender-se:

— Mas por que não casou com ele, se o queria tanto?

Ann atacou-a, asperamente:

— E não lembra as eternas cenas, as discussões? Vocês dois eram como cão e gato. Você o provocava deliberadamente, como parte do seu plano.

(Sim, era verdade, aquelas brigas *eram* mesmo parte do plano.)

— Eu não podia mais suportar aquilo, dia após dia. Então fui obrigada a enfrentar uma opção: tive que escolher; foi assim que Richard colocou o problema... escolher entre você e ele. *Você* era minha filha, minha própria carne e sangue. Escolhi você.

— E desde então, me odiou — disse Sarah, entendendo afinal.

Tudo estava bem claro agora. Juntou suas peles e afastou-se em direção à porta:

— Bem, pelo menos agora sabemos onde estamos.

A voz dela era fria e calma. Vendo as ruínas da vida de Ann, passara a entender a ruína que era a sua própria vida.

Voltou-se e falou para a mulher de rosto devastado, que não negara a sua última acusação:

— Você me odeia por ter estragado a *sua* vida, Mamãe. Pois bem, eu a odeio por ter destruído a *minha*.

Ann retrucou vivamente.

— Não tive nada a ver com a sua vida: foi você que escolheu.

— Oh, não, não fui eu que escolhi... não seja hipócrita, Mamãe. Eu a procurei desejando que me ajudasse a não casar com Lawrence. Você sabia muito bem como eu me sentia atraída por ele, e como desejava me libertar daquela atração. E foi muito esperta, soube exatamente o que devia dizer e fazer.

— Tolice! Para que haveria de querer que casasse com Lawrence?

— Creio que... porque sabia que eu não seria feliz. Você era infeliz e queria que eu também fosse. Vamos, Mamãe, ponha as cartas na mesa. Confesse: não sente um certo prazer ao saber que o meu casamento é um fracasso?

Num súbito impulso de paixão Ann exclamou:

— Sim, às vezes penso que você merece!

Mãe e filha se olharam, implacáveis. Logo Sarah riu, um riso áspero e desagradável.

— Bem, agora sabemos! Adeus Mamãe, *querida* Mamãe...

Saiu pelo corredor e Ann ouviu a porta do apartamento batendo com uma

pancada forte e definitiva. Estava só.

Ainda trêmula, jogou-se sobre a cama. As lágrimas encheram seus olhos e correram pelo rosto. Logo foi sacudida por uma crise de choro, como há muitos anos não experimentava.

Chorou e chorou...

Não sabia por quanto tempo tinha chorado, mas quando, enfim, os soluços começaram a diminuir, ouviu o tilintar da louça; Edith entrava com a bandeja do chá, que pousou na mesinha junto à cama, antes de sentar-se perto dela, batendo gentilmente no seu ombro.

— Pronto, pronto meu anjo... Trouxe uma boa xícara de chá, e vai beber, queira ou não queira.

— Oh Edith, Edith... — Ann abraçou-se à fiel criada e amiga.

— Ora, ora, não fique tão aflita. Tudo vai acabar bem.

— As coisas que eu disse... as coisas que eu disse...

— Não pense nisso. Agora vamos sentar, e eu sirvo o seu chá e a senhora vai beber tudo.

Obedientemente, Ann sentou-se e engoliu o chá.

— Assim! Daqui a um minuto já estará se sentindo melhor.

— Sarah... como é que eu pude?

— Não se preocupe com isso...

— Como é que eu pude dizer aquelas coisas para ela?

— Pois se quer saber a minha opinião, é melhor dizer do que só ficar pensando. As coisas que a gente pensa mas não fala vão ficando azedas como bÍlis dentro da gente... pode ter certeza.

— Mas eu fui tão cruel... tão cruel...

— Pois eu diria que o seu erro foi ficar tanto tempo com essas coisas guardadas dentro de si. É muito melhor pôr tudo para fora numa boa briga do que fingir que não há nada errado. Todos nós temos maus pensamentos, mas nem sempre gostamos de reconhecer.

— Será que eu realmente odiei Sarah durante todo este tempo? Minha pequena Sarah... como ela era engraçadinha... e tão meiga. E eu a odiei?

— É claro que não... respondeu Edith vigorosamente.

— Mas é verdade. Eu queria que ela sofresse... que fosse ferida... como

eu tinha sido.

— Agora não vá começar a imaginar um monte de asneiras. A Senhora gosta da Srta. Sarah, e sempre gostou.

Ann continuava a falar:

— Durante todo esse tempo... todo o tempo... o ódio corria como uma corrente subterrânea... ódio ...ódio...

— Foi uma pena que vocês não tivessem resolvido esse assunto antes. Uma boa briga sempre ajuda a clarear o ar.

Ann recostou-se fracamente nos travesseiros:

— Mas já não a odeio mais — falou, surpresa. — Está tudo acabado, sim... acabado...

Edith levantou-se e deu uma palmadinha no ombro de Ann.

— Não se aflija, meu bem; tudo vai dar certo!

Ann sacudiu a cabeça.

— Não, nunca mais. Nós duas dissemos coisas que nunca mais poderemos esquecer.

— Não, não vá atrás disso. Palavras duras não quebram ossos, é um ditado muito certo.

— Há certas coisas, coisas essenciais, que *nunca* são esquecidas.

— *Nunca* é uma palavra grande demais — disse Edith, apanhando a bandeja.

Capítulo IV

AO CHEGAR EM CASA, Sarah dirigiu-se à grande sala dos fundos, que Lawrence chamava o seu estúdio.

Ele estava lá, desembrulhando uma estatueta que comprara há pouco, obra de um jovem artista francês.

— O que acha, Sarah? Bonita, não é mesmo?

Os seus dedos acariciaram as linhas contorcidas do corpo nu.

Sarah teve um pequeno estremecimento, como se tivesse lembrando alguma coisa.

— É bonita, sim — disse, — mas obscena.

— Ora, vamos... é surpreendente que você ainda conserve traços de puritanismo, Sarah. Interessante como isso ainda persiste.

— Esta figura é obscena.

— Um tanto ou quanto decadente, talvez... Mas muito bem feita e cheia de imaginação. Paulo toma haxixe, é claro... isto provavelmente explica o espírito da coisa.

Largou a estatueta e voltou-se para Sarah.

— Você está *en beauté*, minha encantadora esposa... e aborrecida com alguma coisa. A aflição sempre lhe vai bem.

— Acabo de ter uma discussão terrível com Mamãe — disse Sarah.

— É mesmo? — Lawrence ergueu o cenho, divertido. — Que estranho! Mal posso imaginar a meiga Ann discutindo com alguém.

— Pois ela não estava nada meiga hoje. Mas devo admitir que eu disse coisas horríveis também...

— Brigas domésticas são muito desinteressantes, Sarah. Não falemos nelas.

— Não ia falar; Mamãe e eu estamos definitivamente afastadas... só isso.

Não, é sobre outra coisa que eu queria lhe falar. Creio que vou deixá-lo, Lawrence.

Sem demonstrar qualquer reação especial, Steene apenas murmurou, erguendo o cenho:

— Acho que não seria nada inteligente da sua parte.

— Você faz isso soar como uma ameaça.

— Oh, não! Uma delicada advertência, apenas. E por que vai me deixar Sarah? Outras já fizeram isso antes, mas não creio que você possa alegar os mesmos motivos: eu não parti seu coração, por exemplo. Seu coração não é muito sensível à minha pessoa... e você ainda é...

— A favorita reinante? — perguntou Sarah.

— Se quiser pôr as coisas nestes termos orientais. Sim, Sarah, acho você perfeita... mesmo este seu toque puritano dá um tempero especial a essa nossa... como direi... essa nossa maneira um tanto pagã de viver. E a propósito, não pode ter sido pela mesma razão que levou minha primeira esposa a me deixar: incompatibilidade moral não poderia ser o seu argumento mais forte, se levarmos em conta...

— Será que tem tanta importância saber por que vou deixá-lo? Não finja que vai se importar mesmo!

— Mas eu vou me importar, e muito! No momento você é o meu bem mais precioso... mais do que tudo isto.

Sua mão fez um gesto largo, que abrangia toda a sala.

— O que eu quis dizer foi... você não me *ama*, não é?

— Como já lhe disse uma vez, o amor romântico nunca me interessou: nem para dar, nem para receber.

— A verdade é que... existe alguém — disse Sarah — e eu vou partir com ele.

— Ah!... e deixar todos os seus pecados para trás...

— Você quer dizer que...

— Não sei se isto será tão fácil quanto imagina. Você tem sido uma boa discípula, Sarah: sua ânsia de viver é muito grande. Será que pode abandonar todas essas sensações... esses prazeres... essas aventuras dos sentidos? Pense naquela noite no Mariana... lembre-se de Charcot e suas Diversões... Essas coisas

não podem ser abandonadas assim tão facilmente.

Sarah olhou para ele, e por um momento seus olhos deixaram transparecer medo:

— Eu sei disso... sei... mas a gente *pode* desistir!

— Será que pode mesmo? Você está tão mergulhada nisto, Sarah!

— Mas eu conseguirei sair. Eu quero sair!

Voltando-se, ela deixou apressadamente a sala.

Lawrence largou a estatueta sobre a mesa, num movimento brusco.

Sentia-se seriamente perturbado. Ainda não tinha cansado de Sarah. Duvidava que algum dia chegasse a cansar daquela criatura de extraordinária beleza, daquela mulher de caráter forte, capaz de reagir, de lutar. Uma peça de coleção extremamente rara.

Capítulo V

— ORA, SARAH! — surpresa, *Dame* Laura levantou os olhos da mesa de trabalho.

Sarah estava sem fôlego, bastante perturbada.

— Eu não a via há séculos, afilhada! — continuou Laura.

— É verdade... Oh, Laura, estou numa embrulhada tão grande!

— Sente-se. — Laura Whitstable conduziu Sarah gentilmente até um sofá.
— Agora, conte-me o que há.

— Pensei que talvez você pudesse ajudar. Será que a gente consegue... que a gente pode... é possível parar de tomar certas coisas?.. Quero dizer... quando... quando se criou o hábito de tomá-las. Ah, meu Deus, acho que você nem sabe do que eu estou falando — acrescentou, precipitadamente.

— Oh, sei, sim. Você está falando de drogas.

— Sim... — Sarah sentiu um enorme alívio diante da maneira realista com que Laura reagira.

— Bem, a resposta vai depender de uma série de fatores. Não é fácil... nunca é fácil. E as mulheres parecem ter mais dificuldades do que os homens para se libertar desse tipo de vício. Depende muito do tempo que você vem tomando a droga, seu grau de dependência dela, seu estado de saúde, da sua coragem, determinação e força de vontade; sob que condições vai viver seu dia-a-dia, quais são suas perspectivas para o futuro e, se for mulher, se existe alguém para ajudá-la a lutar.

O rosto de Sarah se iluminou:

— Ótimo!... Então, acho... acho mesmo que tudo vai dar certo!

— Passar os dias sem ter nada para fazer não vai ajudar muito — preveniu Laura.

— Mas eu vou ter muito pouco tempo livre! Passarei o dia inteiro

trabalhando feito louca. E terei alguém para... para ser duro comigo e me fazer andar na linha. E quanto a ter perspectivas para o futuro... eu tenho tudo para esperar do futuro... *tudo!*

— Bem, Sarah, acho que você tem uma boa chance. — Laura olhou para ela e acrescentou inesperadamente. — Você parece ter crescido, finalmente!

— Sim, e como custei... percebo isto. Eu chamava Gerry de fraco, mas na verdade eu é que sou fraca, sempre querendo ser protegida. — Seu rosto se anuviou. — Laura, fui horrível com Mamãe. Só hoje descobri que ela gostava realmente do *Cauliflower*. Agora sei que eu simplesmente não queria ouvir quando você me preveniu sobre os sacrifícios e as oferendas queimadas. Eu me sentia tão horrivelmente satisfeita comigo e com o meu plano para me livrar do pobre Richard... e agora vejo que durante todo o tempo estava sendo apenas ciumenta, infantil e despeitada. Fiz com que Mamãe desistisse dele, e naturalmente ela ficou com ódio de mim, só que nunca confessou; mas tudo começou a dar errado. Hoje tivemos uma discussão terrível, gritamos uma com a outra, eu lhe disse coisas horríveis, culpei-a por tudo que me aconteceu. Mas na verdade, durante todo o tempo eu me sentia mal pelo que tinha feito a *ela*.

— Entendo.

— E agora — Sarah parecia infeliz, — não sei o que fazer. Se ao menos eu pudesse compensá-la de algum modo... mas agora acho que já é tarde demais.

— Não há maior perda de tempo — disse Laura com ar didático, levantando-se resolutamente — do que dizer a coisa certa para a pessoa errada...

Capítulo VI

1

EDITH levantou o fone do gancho com ar de alguém que está lidando com dinamite, suspirou fundo e discou. Ao ouvir o telefone tocar no outro extremo da linha, virou a cabeça e olhou por cima do ombro. Tudo bem, estava sozinha no apartamento. A voz enérgica e profissional que lhe chegou através do fio deu-lhe um susto que a fez estremecer.

— Welbeck 97438.

— Oh... é *Dame* Laura Whitstable?

— Ela mesma.

Edith engoliu duas vezes em seco, nervosa.

— É Edith, madame. A Edith da Sra. Prentice.

— Boa noite, Edith.

Edith tornou a engolir em seco e falou obscuramente:

— Telefones são coisas detestáveis.

— Sim, entendo. Queria me falar sobre alguma coisa?

— É sobre a Sra. Prentice, madame. Estou preocupada com ela, estou mesmo.

— Mas já faz muito tempo que você está preocupada com ela, não é Edith?

— Agora é diferente, madame. Bem diferente. Ela não quer comer e fica sentada, sem fazer nada. E muitas vezes eu a encontro chorando. Está mais calma, entende, sem aquela agitação que tinha antes. E já não fica irritada comigo, voltou a ser delicada e atenciosa como antigamente... mas não tem mais ânimo... nenhum entusiasmo. É horrível, madame, horrível.

O telefone comentou “Interessante” de um modo profissional e desapaixonado que não era absolutamente o que Edith desejava ouvir.

— Seu coração ia sangrar se visse, madame; palavra que ia.

— Não use expressões ridículas, Edith. Corações não costumam sangrar, a menos que estejam feridos.

Edith continuou:

— É alguma coisa relacionada com a Srta. Sarah, madame. Tiveram uma briga danada e agora faz quase um mês que a Srta. Sarah não vem aqui.

— Não, ela esteve fora de Londres... — no campo.

— Eu escrevi para ela.

— Nenhuma carta lhe foi entregue.

Edith animou-se um pouco:

— Oh, bem, então quando ela voltar a Londres...

Dame Laura interrompeu:

— Acho que é melhor preparar-se para um choque, Edith: Sarah vai partir para o Canadá com o Sr. Gerald Lloyd.

Edith fez um ruído desaprovador, como de um sifão de soda.

— Mas isto é positivamente imoral! Abandonar o marido!

— Não seja santarrona, Edith. Quem é você para julgar a conduta dos outros? Lá ela vai ter uma vida dura... sem nenhum dos luxos a que está acostumada.

— É, isto parece tornar a coisa menos pecaminosa — suspirou Edith. — E se me permite dizer, madame, o Sr. Steene sempre me deu arrepios. É o tipo do cavalheiro que a gente pode imaginar vendendo a alma ao diabo.

— Levando em conta a inevitável diferença na nossa linguagem, estou inclinada a concordar com você.

— A Srta. Sarah não virá aqui para se despedir?

— Parece que não.

— Pois eu acho que isto é pura maldade dela — disse Edith, indignada.

— Você não é capaz de entender.

— Eu sou muito capaz de entender como é que uma filha deve agir com sua mãe. Nunca esperei isso da Srta. Sarah! Não há nada que a senhora possa fazer?

— Eu jamais interfiro.

Edith respirou fundo antes de falar:

— Bem, a senhora vai me desculpar... sei que é uma senhora muito famosa e muito sabida, e eu sou apenas uma criada... mas acho que este é um momento em que devia interferir!

2

Foi preciso que Edith repetisse duas vezes o que dissera, antes que Ann despertasse do seu torpor e desse sinal de ter escutado, perguntando:

— O que foi que você falou, Edith?

— Falei que o seu cabelo está esquisito, aí perto da raiz. A senhora devia retocar a pintura.

— Não vou me incomodar mais com isso, ficará melhor grisalho.

— Vai ficar com um ar mais distinto, concordo, mas assim misturado como está, tem um jeito engraçado.

— Não importa.

Nada importava. O que poderia ter qualquer importância na sucessão monótona dos dias que passavam? Ann pensou, como já pensara tantas vezes: “Sarah não me perdoará nunca. E ela tem razão.” O telefone tocou e ela levantou-se para atender. Disse “alô” num tom desanimado e teve um pequeno sobressalto ao ouvir a voz incisiva de *Dame* Laura.

— Ann?

— Sim.

— Não gosto de me intrometer na vida dos outros, mas... creio que talvez você deva saber que Sarah e Gerald Lloyd vão viajar para o Canadá esta noite, no avião das oito.

— O quê? — gaguejou Ann. — Eu... faz semanas que não vejo Sarah.

— Não. Ela esteve internada numa clínica, no interior. Foi para lá voluntariamente e submeteu-se a um tratamento para curar-se do vício das drogas.

— Oh, Laura! — as palavras jorravam pela boca de Ann. — Você se lembra de quando me perguntou se eu conhecia Ann Prentice? Pois conheço agora. Eu arruinei a vida de Sarah por ressentimento e despeito e ela nunca me perdoará!

— Tolice. Ninguém é capaz de arruinar a vida de outra pessoa, não de verdade. Não seja melodramática e não rasteje.

— Mas é verdade. Eu sei exatamente quem sou e o que fiz.

— Isto é ótimo... mas já faz algum tempo que sabe essas coisas, não é? Não seria melhor pensar no que vem depois?

— Você não entende, Laura. Eu sinto um tal peso na consciência... tanto remorso...

— Ouça Ann: há duas coisas que eu não admito. Alguém que vem me contar como é bom e quais as razões morais que o levaram a fazer as coisas que fez. E quem não pára de se lamentar e falar nas maldades que praticou. Ambos podem ter razão: devemos reconhecer a verdade das nossas ações, é claro, mas uma vez isto feito, *passemos adiante!* Você não pode fazer o tempo voltar atrás, e geralmente é impossível desfazer o que já está feito. Continue a viver!

— Laura, o que acha que devo fazer?

— Posso ter interferido, mas não vou descer ao ponto de dar conselhos — respondeu Laura, antes de desligar, com firmeza.

Movendo-se como num sonho, Ann atravessou a sala e foi até o sofá, onde ficou sentada, os olhos perdidos no espaço.

Sarah-Gerry... será que daria certo? Será que a sua menina, a sua menina tão amada, encontraria afinal a felicidade? Gerry era basicamente um homem fraco. Será que a sua história de fracassos iria continuar e ele acabaria decepcionando Sarah, tomando-a desiludida e infeliz? Se ao menos Gerry fosse diferente do que era! Mas Gerry era o homem que Sarah amava.

O tempo passava e Ann continuava sentada, imóvel.

Ela já não podia fazer nada, um abismo intransponível a separava de Sarah.

Edith veio espiar a patroa e afastou-se silenciosamente. Mas logo voltou para atender a campainha da porta.

— O Sr. Mowbray veio buscá-la, senhora.

— O que foi que disse?

— O Sr. Mowbray está esperando lá embaixo. Ann levantou-se de um salto: os olhos buscaram o relógio. Em que estivera pensando para ficar assim sentada, semiparalisada?

Sarah ia partir esta noite... para o outro lado do mundo...

Agarrou o casaco de pele e correu para fora do apartamento.

— Basil — falou, sem fôlego. — Por favor, leve-me para o aeroporto, o mais depressa que puder.

— Mas o que está acontecendo, Ann querida?

— É Sarah. Ela vai viajar para o Canadá e eu ainda não me despedi.

— Mas querida, não acha que deixou para fazer isso um pouco *tarde*?

— É claro que deixei! Fui uma idiota. Mas espero que não seja tarde demais.

Oh, vamos Basil, depressa!

Basil Mowbray suspirou e ligou o motor:

— E eu que sempre pensei que você fosse uma mulher sensata, Ann — falou, em tom de censura. — Dou graças ao pensar que nunca vou ser pai. Isso parece fazer com que as pessoas se comportem de um modo tão esquisito!

— Ande depressa, Basil!

Basil suspirou.

Foram pelas ruas de Kensington, evitando os engarrafamentos de Hammersmith por uma série de ruazinhas complicadas, seguindo por Chiswick, onde o tráfego era pesado, até chegar finalmente à Great West Road, passando pelas altas fábricas e edifícios iluminados — depois pelas casas enfeitadas, onde viviam pessoas: mães e filhas, pais e filhos, maridos e mulheres, todos com seus problemas, suas brigas e reconciliações. “Exatamente como eu” — pensou Ann. Sentiu um súbito parentesco, um repentino impulso de amor e compreensão por toda a raça humana. Não estava sozinha, nem nunca estaria, pois vivia num mundo povoado por seus semelhantes...

3

No saguão do aeroporto os passageiros aguardavam a chamada para o embarque.

— Não está arrependida? — perguntou Gerry.

Sarah lançou-lhe um rápido olhar tranqüilizador. Estava mais magra, e o seu rosto trazia as marcas que o sofrimento costuma deixar. Era um rosto mais velho, não menos belo, mas agora totalmente amadurecido.

Gerry queria que eu fosse me despedir de Mamãe, ela pensava. Ele não

entende... se ao menos eu pudesse reparar o mal que causei... mas não posso...

Ela não podia fazer com que Richard Cauldfield voltasse.

Não, o que fizera à mãe estava além de qualquer perdão.

Sentia-se feliz ao lado de Gerry, partindo para uma nova vida junto dele, mas alguma coisa nela gritava desconsoladamente: — Estou indo *embora*, Mamãe, indo *embora*...

Se ao menos...

A voz estridente do alto-falante fê-la estremecer:

“Passageiros do Vôo 00346, com destino a Prestwick, Gander e Montreal, queiram seguir a luz verde até a Alfândega e Imigração”.

Os passageiros apanharam suas bagagens de mão e caminharam em direção à porta do fundo. Sarah seguia Gerry, deixando-se ficar um pouquinho para trás.

— Sarah!

Ann entrou pela porta principal, o casaco de pele escorregando-lhe dos ombros, e correu para a filha. Sarah foi ao seu encontro, deixando cair a pequena maleta de viagem.

— Mamãe!

Abraçaram-se com força, e logo se afastaram para se olharem melhor.

Todas as coisas que Ann pensara dizer, que tinha ensaiado durante a vinda para o aeroporto, lhe morreram nos lábios. Não havia necessidade delas. E Sarah também sentiu que não era preciso falar. Dizer “Perdão, Mamãe” não teria nenhum sentido.

E naquele momento Sarah se desfez dos últimos vestígios da dependência infantil que ainda a prendiam a Ann. Era agora uma mulher independente, capaz de tomar suas próprias decisões.

Com um curioso impulso para tranquilizá-la, Sarah falou depressa:

— Tudo vai dar certo, Mamãe.

— Eu cuidarei dela, Sra. Prentice — disse Gerry, sorrindo.

Um funcionário do aeroporto aproximou-se deles para mostrar-lhes o caminho.

Falando na mesma linguagem inadequada, Sarah continuou:

— *Você* vai ficar bem, não é Mamãe?

E Ann respondeu:

— Sim, querida. Muito bem. Adeus... e Deus a abençoe!

Gerry e Sarah afastaram-se, em direção à sua nova vida, e Ann voltou para o carro, onde Basil a esperava.

— Essas máquinas aterrorizantes — comentou Basil, enquanto um jato rugia pela pista. — Parecem enormes insetos *malignos*! Eles me matam de medo!

Seguiu até a estrada e tomou a direção de Londres.

— Se não se importa, Basil, não vou sair com você; prefiro passar uma noite tranqüila, em casa.

— Muito bem, querida, eu a levarei até lá.

Ann sempre pensara que Basil Mowbray era “tão divertido e maldoso”. Percebeu de repente que ele também era um homenzinho bom e um tanto solitário.

Meu Deus, pensou Ann, que confusão ridícula eu andei fazendo!

Basil estava dizendo, ansioso:

— Mas Ann, querida, não acha que devia comer alguma coisa? Não haverá nada pronto no apartamento.

Ann sorriu e sacudiu a cabeça. Diante dos seus olhos surgiu uma cena agradável.

— Não se preocupe — ela disse. Edith vai me trazer uma bandeja com ovos mexidos, e se Deus quiser, servir em frente à lareira uma gostosa xícara de chá bem quente!

Enquanto entrava, Edith lançou um olhar feroz para a patroa, mas tudo o que disse foi:

— Entrem e sentem-se perto da lareira. Vou só tirar essa roupa e vestir algo mais confortável.

— Ponha aquele penhoar de flanela azul que você me deu há quatro anos. É muito mais confortável do que esse tal de negligê, como você chama. Eu nunca usei. Está esquecido na última gaveta, esperando para eu ser enterrada com ele.

Deitada no sofá da sala, o penhoar azul envolvendo-lhe gostosamente o corpo, Ann olhava fixamente o fogo.

Nesse momento Edith entrou com a bandeja e pousou-a numa mesinha baixa, bem ao lado de Ann.

— Mais tarde vou escovar seu cabelo — disse ela.

Ann sorriu:

— Edith, por que você hoje está me tratando como se eu fosse uma menininha?

Edith resmungou:

— É isto que você sempre foi para mim.

— Edith — Ann olhou para ela e falou com certo esforço: — Edith, estive com Sarah. Está... está tudo bem.

— É claro que está tudo bem! Sempre estive! Eu lhe disse!

Por um momento ela ficou em pé olhando para a patroa, sua velha fisionomia carrancuda, agora doce e desanuviada.

“Essa paz maravilhosa”... pensou Ann. Velhas palavras lhe voltaram à memória. “*A paz de Deus que ultrapassa toda e qualquer compreensão ...*”



http://groups-beta.google.com/group/Viciados_em_Livros

<http://groups-beta.google.com/group/digitalsource>

Agatha Christie
com o pseudônimo de
Mary Westmacott

Famosa internacionalmente por seu gênio narrativo, Agatha Christie criou um novo gênero de intriga e mistério numa série de romances lançados sob o pseudônimo que lhe é muito caro: **Mary Westmacott**.

Uma série de novelas magistrais, de vidas entrelaçadas e paixões funestas, que a Nova Fronteira lança sob o título geral de **Pequena Coleção Agatha Christie**.

A **Carga** foi o primeiro, depois vieram **A Ausência**, **O Gigante**, **O Retrato**, **O Conflito** e, agora, **A Filha**, que fecha o círculo.



EDITORA
NOVA
FRONTEIRA

sempre um best-seller